

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

KARINA RODRIGUES SILVA

**A PERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO: UM ESTUDO SOBRE
IDENTIDADE E LITERATURA NO CENTRO ESTADUAL DE ENSINO
MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL MANOEL DUARTE DA CUNHA**

**SÃO MATEUS-ES
2019**

KARINA RODRIGUES SILVA

**A PERCEPÇÃO DE SI E DO OUTRO: UM ESTUDO SOBRE
IDENTIDADE E LITERATURA NO CENTRO ESTADUAL DE ENSINO
MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL MANOEL DUARTE DA CUNHA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo – Centro Universitário Norte do Espírito Santo, como pré-requisito à obtenção do título de Mestre, na linha de pesquisa: Ensino, Sociedade e Cultura. Orientador: Prof. Dr. Ailton Pereira Morila.

**SÃO MATEUS-ES
2019**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

R696p Rodrigues Silva, Karina Rodrigues Silva, 1982-
A percepção de si e do outro: um estudo sobre identidade e literatura no Centro Estadual de Ensino Médio Manoel Duarte da Cunha / Karina Rodrigues Silva Rodrigues Silva. - 2019. 122 f.

Orientador: Ailton Pereira Morila. PEREIRA MORILA.
Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo.

1. Identidade. 2. Educação. 3. Literatura. 4. Habermas. 5. Aluno. 6. Sala de aula. I. PEREIRA MORILA, Ailton Pereira Morila.. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro Universitário Norte do Espírito Santo. III. Título.

CDU: 37

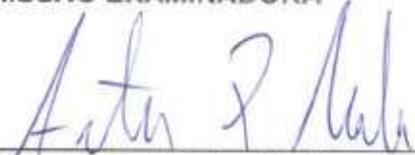
KARINA RODRIGUES SILVA

**A PERCEÇÃO DE SI E DO OUTRO: UM ESTUDO SOBRE
IDENTIDADE E LITERATURA NO CENTRO ESTADUAL DE ENSINO
MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL MANOEL DUARTE DA CUNHA**

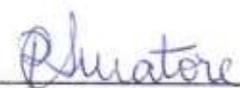
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Aprovada em 09 de abril de 2019.

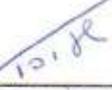
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dr. Ailton Pereira Morilla
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador



Prof.ª. Dr.ª. Regina Célia Mendes
Universidade Federal do Espírito Santo



Prof. Dr. Jorge Luis Verly Barbosa
Secretaria Estadual de Educação do
Espírito Santo

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter sido a minha fortaleza nas horas de angústia.

A minha família, por ser o primeiro elo de ligação, por ser o que sou, por ter influenciado e conduzido minhas escolhas. Ao meu esposo, Walber Oliveira Brito pelo incentivo, ao meu filho Vinícius Silva Brito, para quem sempre sonhamos em nos constituir como exemplo, a minha mãe, Reni Rodrigues de Souza que sempre esteve ao meu lado.

Ao meu orientador, Ailton Pereira Morila, por ter sempre as palavras sábias, por ter sido duro quando precisava por ser uma inspiração enquanto profissional e, principalmente enquanto pessoa, ele carrega o que de melhor tem o ser humano em sua compreensão do outro. Como disse certa vez, é um grande minerador que sabe enxergar o que tem de valioso mesmo quando eu só conseguia ver cascalhos.

Aos professores desse mestrado que direta e indiretamente contribuíram com minha formação, em especial a professora Regina Senatore, suas colocações nas disciplinas que cursei, foram de fundamental importância para meu crescimento intelectual e minha autocompreensão. Aos funcionários da secretaria do PPGEB em sua eficiência em nos atender e nos manter informados.

Ao apoio que recebi dos amigos e professores da Escola Viva, principalmente, o Diretor Célio Oliveira que contribuiu grandemente para que cursasse e concluísse este mestrado. Ao professor Geovane por sempre me incentivar, na realidade foi ele quem falou para tentar o mestrado. A Ellaine Oliveira por ter dedicado seu tempo a corrigir os meus erros de português, companheira de todas as horas.

Ao trio, os três mosqueteiros, o lema com certeza se aplica a nós, Patrícia Flavia Cau, Manoel Tadeu o que seria de mim sem a companhia de vocês, amei tê-los conhecidos.

Aos meus alunos que me marcaram profundamente ao longo desta pesquisa, suas colocações permitiram conhecê-los e me constituiu como uma professora melhor.

Assim percebo a amplitude do lugar da fala de um professor e como é importante compreender o aluno, esse outro que me constitui enquanto professora.

A todos meu eterno agradecimento.

Todas as coisas valiosas são experiências compartilhadas. Mesmo quando uma pessoa parece recolher-se a si mesma a fim de viver com suas próprias ideias, ela continua a viver com outras pessoas, que pensaram o que ela está pensando agora.

Gregor Mead.

RESUMO

Este trabalho aborda a percepção dos alunos sobre identidade em uma escola de Ensino Médio em tempo integral, Manoel Duarte da Cunha, localizada no município de Pedro Canário. Assim é elencada a perspectiva do aluno sobre o que ele pensa sobre identidade assim como ele consegue perceber a identidade de personagens da literatura capixaba. Para essa atividade foi solicitado aos alunos que lessem duas obras literárias, *Karina* de Virgínia Tamanini e *Reino não conquistado* de Renato Pacheco. Essas obras retratam os tipos de ideais de sujeito que deveriam formar a nação e o estado do Espírito Santo, o negro e o branco imigrante. Para construir esse trabalho foi utilizado como arcabouço teórico as contribuições de Jürgen Habermas, filósofo herdeiro da escola de Frankfurt Habermas aprofunda temas que foram deixados em aberto por esta escola, como a autonomia do ser humano. O autor constrói uma teoria que tem como ponto crucial de seus trabalhos, o agir comunicativo, para ele é em atos performativos que nos socializamos, construímos nossa individualidade e adquirimos nossa identidade, todavia ela não é fixa e está relacionada com a forma que realizamos nossas escolhas, saber quem se é e o que se quer, é um dos pressupostos de ter uma identidade do eu, última fase de uma identidade autônoma desenvolvida, que significa a capacidade de agir de forma imputável. Desta forma o leitor encontrará um trabalho que aborda não a identidade do aluno, pois ela não é palpável, mas é um processo de construção de desenvolvimento e aquisição, estamos aqui discutindo as percepções dos alunos sobre esses caminhos de aquisição da identidade.

ABSTRACT

This present paper approaches the students' perceptions about identity at Manoel Duarte da Cunha, a full-time high school located in the city of Pedro Canário. It is related the student perspective about what he/she thinks about identity as well as the way he/she is able to understand the identities in characters from *Capixaba literature* (literature made in the state of Espírito Santo). In an attempt to achieve the proposed activity, the students were requested to read two literary works, *Karina*, written by Virgínia Tamanini and *Reino não Conquistado* (Unconquered Kingdom) by Renato Pacheco. Such pieces describe the ideal types of actors who should build the nation and the state of Espírito Santo: the black people and the white immigrants. In order to support the paper, the theoretical framework of Jürgen Habermas, a philosopher heir to the Frankfurt School, was considered. Habermas deepens themes which were left unclosed by the such school, as the autonomy of the human being. The author develops the theory of communicative act which is the crucial aspect of his works. The theory claims that in performative acts that we socialize, build our individuality and acquire our identity. However, this is not fixed and it is related to the way we accomplish our choices; knowing who one is and what one wants is the assumption of having an identity of the self, last phase of a developed autonomous identity, which means the capacity of acting in an impeccable manner. Thus, the reader will find a paper which approaches not the student's identity, since it is not tangible, but a process of the development and acquisition along its formation. We intend to discuss the perceptions of the students towards the acquisition of the identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2 CONSTRUINDO O CAMINHO.....	15
2.1 A identidade do eu e a identidade humana	15
2.2 A sociedade também possui uma identidade.....	24
2.3 Da sala de aula à teoria	29
2.4 Ampliando o conceito de identidade	36
3. OS SENTIDOS ELABORADOS PELOS ALUNOS DO ROMANCE <i>KARINA</i>.....	45
3.1 Karina: um pouco de sua história.....	45
3.2 A identidade de papel em karina	46
3.3 Identidade e sociedade em <i>karina</i>	55
3.4 A identidade do eu em <i>karina</i>	63
4. OS SENTIDOS ELABORADOS PELOS ALUNOS NAS NARRATIVAS <i>REINO NÃO CONQUISTADO</i>.....	76
4.1 Primeiras Impressões	76
4.2 Joseph Koster – vivendo uma identidade de papel.....	77
4.3 Um amor convencional.....	83
4.4 Mariana: o agir estratégico.....	86
4.5 Joseph Koster e Mariana – a identidade do Eu.....	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	112
REFERÊNCIAS	116

1. INTRODUÇÃO

O professor está tão familiarizado com a sala de aula que seu cotidiano se tornou uma rotina, na maioria das vezes, não nos perguntamos quem são aquelas pessoas que estão a nossa frente, ao nosso lado no dia a dia. O aluno é o outro do professor, nessa relação, é necessário dar mais atenção a esse que nos constitui enquanto pessoa e analisar a importância da sociedade nessa formação. Falar de quem se é remete a pensar uma palavra cheia de nuances para as ciências sociais: Identidade.

O que seria então identidade? Conceito de acaloradas discussões sobre o seu significado que suscitam diversas questões sobre sua aplicação: é essencialista, naturaliza as relações, particulariza e, à medida que o indivíduo se modifica ao longo do tempo, é múltipla. Essas são algumas das contradições inerentes ao conceito de identidade.

A compreensão que se faz de identidade parte da ideia de que ela é fruto do processo de interação entre os indivíduos e a sociedade, está relacionada com a capacidade de saber quem se é e o que se quer para o futuro, de fazer escolhas de agir autonomamente de forma imputável, de afirmar quem é em um determinado momento para si e para o outro estabelecendo relações de reconhecimento, a formação dessa identidade dá-se no ambiente social em que os sujeitos estão inseridos. Processo dialético em que, ao mesmo tempo, eu construo minha identidade o outro também a constrói numa relação mediada pela linguagem e pelo desenvolvimento da subjetividade.

O trabalho intenta compreender e problematizar as diversas concepções de identidade que o aluno produz e sua relação com a sociedade. Nesse ínterim, foi utilizado, em sala de aula, a literatura como forma de problematizar os discursos identitários produzidos pela sociedade ao longo de sua história e sensibilizar o olhar sobre essa questão. Um dos discursos valorizados no Estado do Espírito Santo é aquele que aponta para a formação do Estado como fruto das populações imigrantes europeias e da população negra.

Para tal iniciativa, foram escolhidos os romances *Reino não Conquistado* de Renato Pacheco (1984) e *Karina* de Virgínia Tamanini (1984). Este retrata a história de imigrantes e foi selecionado, por ser um referencial ao abordar a temática da imigração e sua valorização na formação do estado do Espírito Santo. Já *Reino não Conquistado* retrata a história de Joseph Koster um imigrante inglês branco e a história de sua filha com uma mulher negra, e remonta ao mesmo período em que se passa o romance *Karina*. Além disso, a literatura capixaba que remonta ao século XIX tendo como personagem o negro, é muito restrita, possui poucas obras que podem ser utilizadas, conforme Francisco Aurélio Ribeiro (1996, p.90):

Não registrou nenhum escritor da raça negra no Espírito Santo que se destacasse na história literária, e sua memória só pode ser melhor recuperada pelo imaginário dos historiadores e literatos desse século como Renato Pacheco e Luiz Guilherme Santos Neves, que reviveram em suas obras aqueles tempo e seus personagens.

Há de atentar-se que essa interferência do Estado na formação de uma identidade fazia parte do projeto político de um Estado nação, que fundamentou concepções sobre o que é cidadão. No Brasil essa discussão ocorreu, principalmente, no início do século XX com o advento da República, sendo retomado em diversos momentos, quando suprimir os conflitos sociais era ideia do Estado. Segundo Habermas (1983, p.91), as sociedades produzem sua identidade, contudo, no estado moderno, uma identidade particularista e egocêntrica não resolve os problemas da sociedade. Uma identidade precisa ser pensada como aquela capaz de ligar o universal ao particular, consoante ao autor:

A identidade coletiva não se apresenta mais aos indivíduos como conteúdo de uma tradição, sobre qual desenvolver a própria identidade, como podia ser feito com base em um elemento solidamente objetivo. A verdade, em troca é que os próprios indivíduos tomam parte no processo formativo e decisional de uma identidade que deve ser ainda projetada coletivamente.

A escola, nesse sentido, assume um papel importante na formação da identidade pessoal do aluno, local de construção do saber, é também o local onde nós construímos quem somos e quem queremos ser. Outro ponto imprescindível é que a escola é o espaço da formação dos discursos, considerado na concepção de Habermas (1999, p. 62), como aquele que funda-se:

Nas argumentações, os participantes têm de partir do pressuposto pragmático de que por princípio, todos os envolvidos tomam parte,

enquanto sujeitos livres e iguais, numa procura cooperativa da verdade, na qual apenas o imperativo do melhor argumento dever ser contemplado.

A escola deveria ser espaço de socialização, autorreflexão, de construção de conhecimento, no qual os sujeitos, por meio de processos argumentativos, poderiam questionar normas vigentes e elaborar outras que atendam ao interesse de todos os envolvidos. Mesmo longe deste ideal e até mesmo por isso a escola tem um papel crucial na construção da identidade do aluno.

O trabalho faz-se pertinente à medida que possibilita ao aluno debruçar-se sobre si, conhecer melhor a realidade que o cerca, percebendo como produto e produtor do lugar em que se vive. Em uma sociedade cada vez mais marcada pelo solipsismo, perceber a relação entre minha identidade e identidade do outro e suas imbricações, a partir de uma percepção ética, tem um papel importante para construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária e mais democrática.

Outro ponto que este trabalho enfatiza, é sobre como o aluno entende o termo identidade. Como disse anteriormente, fala-se tanto, mas as pesquisas sobre identidade e aluno são pouquíssimas. Nas buscas empreendidas no Google, BDTD e no Scielo, os resultados foram escassos, uma vez que, os encontrados não partiam de uma discussão que considera a identidade fruto do processo de interação e de escolhas do indivíduo, tendo na interação mediada pela linguagem como algo fundamental para sua construção, não partiam de uma análise a partir do conceito de Habermas, mas pautavam-se na discussão daquilo que me identifico.

Para elaboração desta pesquisa, foram selecionadas turmas para as quais a pesquisadora lecionava, sendo duas de 2º ano e duas turmas de 3º ano, com um quantitativo de cem alunos do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Manoel Duarte da Cunha, no município de Pedro Canário. Os alunos tinham idade entre dezesseis a dezoito anos de idade, todos sempre estudaram em escola pública.

Solicitei a leitura antecipadamente, para realização das discussões em sala que ocorreram em 16 aulas em cada turma. Nas quatro turmas havia cem alunos, apesar da quantidade, poucos participaram efetivamente, contabilizei o envolvimento de apenas trinta, destes, a participação de alguns eram mais recorrentes que de outros,

como a Daiane, Luís, Jonas, Maíra, Amanda e Ana Beatriz. À medida que fui transcrevendo as gravações criei nomes fictícios para preservar sua privacidade.

As falas aqui expostas foram selecionadas de acordo com unidades temáticas, criadas conforme os assuntos que apareciam nos diálogos, assim ao se referirem a escolha de Karina em vir para o Brasil, por exemplo, observei a recorrência desse tema em outras salas.

A pesquisa é de caráter qualitativo, por ser marcada pelo trabalho com os significados elaborados pelos sujeitos, os valores compartilhados e a relação entre sujeito e sociedade. Para Tatiana Gerhardt e Denise Silveira (2009, p. 32), “a pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Procurei promover discussões pautadas no diálogo, em sala de aula, sobre o tema identidade, para que percebessem essa temática no livro e sua própria identidade. Para alcançar esse objetivo, foram elaboradas perguntas sobre os livros e a vivência dos alunos, seu cotidiano, suas crenças, suas escolhas. À medida que respondiam, novas questões e temas surgiam. O aluno falava abertamente sobre o que pensava, dessa forma, foram estabelecidos diálogos nos quais o ouvir e o comentar eram realizados tanto pela professora quanto pelos alunos ali presentes nesse sentido foram estabelecidas interações dialógicas ou discursivas. Para Sasseron (2013, p.2):

Promover interações discursivas não é tarefa fácil, pois demanda saber perguntar e saber ouvir. Boas perguntas dependem tanto do conhecimento sobre o tema abordado quanto da atenção ao que os alunos dizem: muitas das informações trazidas por eles precisam ser exploradas, seja colocando-as em evidência, seja confrontando a ideia exposta, ou mesmo solicitando aprofundamento do que já foi dito.

O diálogo é considerado como uma possibilidade de construção do conhecimento na interpretação e compreensão da realidade que nos cerca. Lucena e Saraiva (2016, p.181) consideram a dialógica como uma metodologia, um princípio de complexidade e como uma possibilidade de perceber o mundo, que é capaz de relacionar o todo com as partes. A metodologia do diálogo possibilita, segundo as autoras:

A valorização das várias maneiras de pensar o mundo, a multiplicidade de interações, a interpretação dos processos contraditórios, a possibilidade de pensar a realidade de maneira diversificada que, embora antagônicas, são complementares, têm no diálogo o seu operador teórico fundamental. Assim, o diálogo não pode ser concluso, acabado, determinante e definitivo, pois ele representa o embate das múltiplas vozes que se manifestam e, do mesmo modo, as múltiplas consciências e mundos que se articulam.

A palavra vai à palavra, segundo Bakhtin (2006), um dos inspiradores dessa metodologia por esse caminho, há uma infinidade de significados que se estabelecem no momento do diálogo, pois as palavras, na concepção bakhtiniana, são tecidas por fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. As palavras pronunciadas pelos alunos possuem uma ampla importância para este trabalho, pois, por meio delas, externalizam as concepções sobre quem são, como entendem a literatura, e a sociedade que os cercam. Há de considerar, como aponta Bakhtin (2006), que o sentido da palavra é determinado por seu contexto, o momento de interação na produção da palavra. A palavra é sempre múltipla e individual, para Bakhtin (2006, p. 96):

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida

Com o intuito de iniciar os diálogos, falei sobre a pesquisa e direcionei algumas perguntas, previamente formuladas, tais como: Quem são? O que querem para o futuro? O que é identidade? O que acharam da forma como as personagens agiam? O que gostariam de destacar do romance? No entanto, as discussões não ficaram limitadas a essas perguntas, surgiam outras que visavam fazer com que os alunos se expressassem com mais clareza, ou formassem melhor seus posicionamentos. As aulas foram gravadas e, em seguida, transcritas. Após a transcrição, surgiam algumas indagações minhas que eram novamente levadas para a conversa em sala.

Para a compreensão e análise das falas dos alunos, foi utilizado, como referencial teórico, os escritos de Jürgen Habermas (1983), teórico da escola de Frankfurt, que dialogando com Marx, Freud, Piaget e Mead aprofundou o conceito de identidade. Para ele quando o indivíduo possui uma identidade bem desenvolvida, é um ser autônomo capaz de fazer escolhas, sabe se localizar na realidade social em que vive, significa que possui uma identidade do eu. Conforme o autor, a identidade é

formada através da relação dialética do indivíduo com a sociedade, em um processo que inclui o eu e outro. Sua teoria tem como ponto central a relação entre indivíduo e sociedade mediado pela linguagem. A identidade em sua concepção passa por uma autocompreensão existencial e valorativa, essa atividade exige uma “apropriação da história de vida individual e as tradições e as circunstâncias de vida que determinam o próprio processo de formação” (HABERMAS, 1999, p.105). ,

Habermas realiza uma análise pragmática da sociedade, pensa a identidade a partir de um projeto de vida que possa refletir uma forma de vida de validade universal, e que poderá ser de igual interesse de todos. Em sua concepção, o indivíduo com uma identidade desenvolvida deveria ser capaz de fazer escolhas que visem os princípios universais que possam ser compartilhados e valorizados.

A pesquisa resultou na escrita de três capítulos. Após esta introdução, no segundo capítulo elaboro uma discussão sobre o conceito de identidade a partir de Habermas, como o autor percebe a identidade por meio de uma construção argumentativa e ética, outros autores aparecem contribuindo para ampliação do termo, a percepção da escuta e das falas dos alunos, nesse momento, evidencia-se suas concepções do que entendem por identidade. No terceiro capítulo temos a discussão de identidade a partir dos diálogos dos alunos sobre o romance Karina. Nessa discussão os alunos apontaram as situações que mais chamaram sua atenção atentando-se para as escolhas de Karina e sua forma de agir. Essa abordagem continua no quarto capítulo, no entanto, o romance utilizado é outro, Reino não Conquistado composto por uma trilogia, utilizo as duas primeiras histórias que traz dois personagens centrais, ambos imigrantes, Joseph Koster, a primeira história, e Mariana, a segunda. Neste romance os pontos elencados recaem sobre a discussão de atitudes que podem servir de exemplo ou não a outras pessoas, como agir de forma que ação seja baseada em princípios mais abrangentes, foi o foco da discussão em sala.

2 CONSTRUINDO O CAMINHO...

Contranarciso

Em mim
 eu vejo o outro
 e outro
 e outro
 enfim dezenas
 trens passando
 vagões cheios de gente
 centenas
 (...)
 (LEMINSKI, 1983. p. 12.)

2.1 A IDENTIDADE DO EU E A IDENTIDADE HUMANA

A questão da identidade na obra de Habermas está ligada a dois outros conceitos de fundamental importância: o agir comunicativo e o mundo da vida. Em sua teoria sobre o desenvolvimento da sociedade, a integração social e sua reprodução, Habermas postula que as pessoas ao se relacionarem umas com as outras, utilizam de atos de fala¹ (ordens, confissões, constatações), que são ações comunicativas, lançando proferimentos verdadeiros que podem ser criticáveis, mas visam sempre o entendimento sobre algo no mundo. Os atos de fala visam fins ilocucionários que precisam para sua realização da cooperação e do assentimento livre de um destinatário e só podem ser explicados a partir de um entendimento que habita no meio linguístico.

Nas interações mediadas pela linguagem, os atos de fala provocam a integração social, à medida em que coordenam as ações dos atores envolvidos. Quando uma coordenação de ação visa ao entendimento, Habermas (1990, p.94) salienta que estamos diante de um agir comunicativo. Segundo o autor:

A coordenação da ação em geral serve à integração social de um mundo da vida compartilhado intersubjetivamente pelos participantes[...] a contribuição das ações comunicativas para a reprodução do mundo da vida [...] Sob o aspecto do entendimento, elas servem à tradição e à continuidade do saber

¹ Para elaborar sua ideia sobre os atos de fala e os significados do uso da linguagem Habermas parte dos estudos da teoria dos atos da fala proposta por John Langshaw Austin (1911-1960) que considera a fala como um ato performativo que exerce influência nas pessoas e na sociedade.

cultural, sob o aspecto da socialização, servem à formação e à conservação de identidades pessoais.

Na concepção de Habermas, o agir comunicativo depende de um processo de entendimento cooperativo, em que os participantes se referem sobre algo no mundo subjetivo, social e objetivo. O pano de fundo para que haja entendimento, ou seja, o reconhecimento intersubjetivo das pretensões de validade que um falante exterioriza, é retirado do mundo da vida.

O mundo da vida abordado por Habermas parte das considerações de Edmund Husserl sobre a filosofia da consciência. O mundo da vida funciona como uma reserva de interpretação organizado linguisticamente e transmitidas culturalmente, fornece às pessoas envolvidas num processo de interação o saber cultural com o qual estão familiarizados. As pessoas nas relações que estabelecem umas com as outras, utilizando-se de atos de fala, procuram entender sobre uma determinada situação, dessa forma ele constitui-se no horizonte formador de contextos para que ocorra o entendimento. Em uma das definições de Habermas (2012b, p.240):

O mundo da vida constitui uma rede pressupostos intuitivos, transparentes, familiares e, ao mesmo tempo, destituídos de limites, a serem preenchidos para que uma manifestação atual possa adquirir sentido, isto é, ser válida ou inválida.

Um outro conceito abordado por Habermas (2012b), é o mundo da vida cotidiano no qual as pessoas que agem comunicativamente para si mesmas e as suas manifestações em espaços sociais e épocas históricas, vivenciando-o de modo não problemático – o senso comum. As pessoas ao se encontrarem com outras não são apenas participantes da interação, elas também se representam narrativamente, falam sobre si e isso ocorre no contexto do mundo da vida. A prática narrativa, para Habermas (2012b, p. 249), desempenha uma função de autoentendimento das pessoas que têm a necessidade de se objetivar. Segundo o autor, para formar uma identidade pessoal, as pessoas “têm de se reconhecer que a sequência de suas ações constitui uma história de vida representável mediante narrativas”.

Agir comunicativo e mundo da vida são dois conceitos entrelaçados na obra de Habermas (2012b). E identidade, neste íterim, está ligada a esses conceitos, pois à medida que as pessoas se entendem sobre algo no mundo, coordenam suas ações pelo reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade criticáveis e se

apoiam no pertencimento que têm no grupo social, fortalecendo sua integração, desenvolvem sua identidade, o autor (HABERMAS, 2012b, p. 253) pontua que:

Sob aspecto funcional do entendimento, o agir comunicativo se presta à transmissão e à renovação de um saber cultural; sob aspecto da coordenação da ação ele possibilita a integração social e a geração de solidariedade; o agir comunicativo serve à formação de identidades pessoais. As estruturas simbólicas do mundo da vida se reproduzem pelos caminhos que dão continuidade a um saber válido e que estabilizam a solidariedade grupal formando atores imputáveis.

A integração social está estritamente relacionada com o mundo da vida, pois ele se reproduz ligando novas situações às situações já existentes. Isso ocorre porque o mundo da vida está ligado aos significados e conteúdos construídos socialmente - ao aspecto cultural - na dinâmica da sociedade e ao tempo histórico. Pode-se resumir que os processos de reprodução do mundo da vida ocorrem por meio de três componentes simbólicos, a cultura, a sociedade e a personalidade. A cultura representa o estoque do saber do qual os participantes da comunicação retiram as interpretações, a sociedade por meio das normas legítimas que contribuem para a criação de pertencimento e solidariedade e a personalidade que tornam os sujeitos capazes de fala e ação, colocando-os em condições de participar de processos de entendimento e formar, afirmar e renovar sua identidade.

O mundo da vida nutre-se de um saber compartilhado, um saber comum em que os participantes da interação o aceitam como válido e não problematizado:

Esse saber consolida-se através dos trilhos da interpretação, assumindo a forma de modelos de interpretação, os quais são transmitidos; na rede de interações de grupos sociais ele se cristaliza na forma de valores e normas, pelo caminho dos processos de socialização, ele se condensa na forma de enfoque, competências, modos de percepção e identidades. Os componentes do mundo da vida resultam da continuidade do saber válido, da estabilização de solidariedades grupais, da formação de atores responsáveis e se mantem através deles. (Habermas 1990, p.96)

A identidade em Habermas não é apenas o aspecto de identificação sobre algo no mundo, está relacionada com a responsabilidade que as pessoas têm com seu destino, e com o dos outros. Dessa forma, o autor preocupa-se com a formação de pessoas imputáveis, autônomas e solidárias, pois na medida em que reproduzem o mundo da vida, através do entendimento sobre algo no mundo, o saber cultural do qual se nutrem, eles reproduzem sua identidade e sua pertença ao mundo social, a coletividade.

É na atividade social que ocorre o processo de objetivação da natureza e construção da identidade. Para Ciampa (1987), é a estrutura social mais ampla que oferece os padrões de identidade, ela é a síntese de múltiplas e distintas determinações, é determinada pelas condições históricas, sociais e materiais dadas, aí incluídas as condições do próprio indivíduo.

A identidade de uma sociedade é composta pela identidade de seus indivíduos, pois as pessoas afirmam sua identidade ao poderem dizer eu de si mesma, produzem e conservam uma identidade do eu que não lhes é meramente atribuída. A sociedade em Habermas (1983, p.27) é um tecido de ações comunicativas e possui um papel preponderante na formação da identidade do Eu de um indivíduo, estas não constituem apenas processos de interpretação em que um participante testa um saber cultural, mas são responsáveis por processos de socialização e integração social.

É no processo de socialização que as pessoas constroem sua identidade, Habermas pensa identidade a partir do conceito psicológico-social, pois ele possibilita o acesso às explicações de uma teoria da linguagem. Sua elaboração, parte principalmente, das contribuições de Mead, na acepção de Habermas (2012b, p185):

[...] identidade constitui uma característica complexa que pode ser adquirida pelas pessoas a partir de uma certa idade. Elas não são obrigadas a tê-la, nem possuí-la em cada caso. Porém, quando adquirem, elas se tornam 'autônomas' graças a ela. Elas podem se libertar da influência dos outros; podem dar à sua vida uma forma e uma continuidade que antes só eram possíveis por influência externa. Nesse sentido elas passam a ser indivíduos autônomos, graças a sua identidade.

Conforme Habermas (2012b), as pessoas adquirem uma identidade pelo caminho das interações sociais mediadas pela linguagem, ao se comunicam e caso queiram entender-se sobre algo no mundo, os participantes são obrigados a agirem de forma imputável. A ideia de ator imputável, parte do pressuposto do desenvolvimento da identidade-eu², em que as pessoas são capazes de se autoderminarem e

² Na tradução que utilizo de Flavio Beno Siebeneichler, o autor utiliza o termo identidade-eu (HABERMAS, 2012, p. 183) , contudo no livro Para Reconstrução do Materialismo Histórico de 1983 de tradução de Carlos Nelson Coutinho, aparece o termo identidade do eu, acredito que Flávio Beno faz referência a esse mesmo termo, pois os conceitos são iguais, outro indicativo que se trata da mesma expressão, é que na tradução em espanhol da editora Taurus, de um mesmo trecho (p, 140) aparece o termo identidade del yo, o tradutor coloca entre parênteses sua escrita em alemão (Ich-identiat) e ainda salienta que corresponde a terceira etapa do desenvolvimento da identidade, em suas palavras: “Esta expression no há de entenderse em um sentido genérico, sino que denota para

autorealizarem, sabem quem são e o que querem ser, possuem uma história de vida inconfundível. A identidade-eu capacita uma pessoa a realizar a si mesma sob as condições de um agir autônomo. Segundo Habermas (2012b, p.180):

[...] “identidade-eu” que possibilita a autorrealização na base de um agir autônomo. Ela se comprova mediante a capacidade de dar continuidade à própria história de vida. Pois, no decorrer do processo de individuação, o indivíduo tem de extrair sua identidade das linhas do mundo da vida concreto e de seu caráter, o qual se apegava a tal procedência. A partir da identidade do eu tem de ser estabilizada mediante a capacidade abstrata, que permite fazer jus a exigência de consistência e a condição de reconhecimento, mesmo no caso de expectativas de papéis incompatíveis e também quando se tem uma série de sistema papéis contraditórios.

Considerar a identidade por este âmbito possibilita pensá-la a partir de um processo de autocompreensão de si, em que exige a apropriação da história de vida individual, as tradições e circunstâncias que determinam o processo de formação de sua identidade, assim as pessoas teriam que responder, quem eu sou e o que gostaria de ser. Habermas denomina essa situação de autocompreensão hermenêutica por parte de quem possui uma identidade do eu.

Para além destes pontos aqui abarcados, a compreensão da identidade por parte de Habermas perpassa por considerá-la por meio de um enfoque ético, pois através das ações comunicativas os sujeitos se socializam e formam sua identidade, as ações devem ser pensadas a partir do pressuposto do que devo fazer, de forma que o que é bom para mim também deve ser bom para outro, deve haver a compreensão de que as minhas ações podem afetar o interesse de outros.

Quem, em nome do universalismo, exclui o Outro, que tem o direito a permanecer estranho em relação aos outros, atraiçoa os seus próprios princípios. Apenas na libertação radical das histórias individuais de vidas e formas de vida particulares é que se comprova o universalismo de igual respeito por todos e da solidariedade para com tudo que comporta a marca da humanidade.(HABERMAS 1999, p. 115)

Para que tal atitude se concretize é necessário que as pessoas tenham capacidade de desenvolver ações baseadas em princípios universalistas, e sejam capazes de questionar normas injustas, é preciso que se desenvolva a identidade do eu. Para

el autor la tercera etapa de la secuencia natural Identity (identidade natural), Rollen-identitas (identidade de rol) e Ich-Identitat (identidade del yo), secuencia que se corresponde con la que forman los niveles preconvencional, convencional y postconvencional del desarrollo de la conciencia moral”(HABERMAS, 1987, p.240).

Em outros momentos do texto de tradução de Flavio Beno Siebeneichler, utiliza a expressão identidade do eu (HABERMAS, 2012b, p 180).

Erikson (1976) ao discutir identidade não podemos separar desenvolvimento pessoal e a transformação comunitária. Segundo o autor, a acepção do termo identidade sugere o que tem sido denominado de Eu por vários autores, seja na forma de um conceito de eu, de um sistema de eu.

Nesse ínterim Habermas (1988, p.15), procura investigar as estruturas de racionalização do desenvolvimento de eu e do grupo, pois, para ele, a “reprodução da sociedade e a socialização de seus membros são dois aspectos do mesmo processo, ambos dependentes das mesmas estruturas”. É na história do gênero humano que se encontra as estruturas homólogas de consciência, por meio de um processo intersubjetivo, produzido pela linguagem, torna possível uma aprendizagem. Na acepção de Habermas (1987, p.169), é por meio da linguagem que a realidade se impõe ao indivíduo. Ao analisar as contribuições de Dilthey sobre a filosofia do espírito, Habermas observa que:

[...] toda forma de interação e comunicação entre indivíduos encontra-se mediatizado pelo emprego intersubjetivamente válido de símbolos e esses remetem em última análise à linguagem cotidiana. A linguagem é o fundamento da objetividade sobre o qual cada pessoa deve apoiar-se antes de poder objetivar-se em sua primeira manifestação vital seja em palavras atitudes ou em ações.

O autor faz uma análise ontogenética e filogenética para explicar como a identidade do Eu desenvolve-se. A ontogênese do Eu pode ser investigada sob três aspectos - da capacidade de conhecimento, de linguagem e de ação - que são, respectivamente, o desenvolvimento cognoscitivo, linguístico e interativo. Em sua concepção, a formação do Eu dá-se em um sistema bem delimitado, proporcionado pela relação entre a subjetividade interna e a objetividade de uma natureza externa, regulada por normas elaboradas pela sociedade e assimiladas intersubjetivamente, por meio da linguagem. Conforme Habermas (1983, p.15), o Eu se sabe como parte dessa subjetividade, mas também, a todo o momento transcende esse lugar, essa atividade é feita através da cognição, da linguagem e na interação assim salienta que:

O eu se sabe não apenas como subjetividade, mas como uma instância que "desde sempre" transcendeu os limites da subjetividade, realizando essa operação, ao mesmo tempo na cognição, na linguagem e na interação: o eu pode se identificar consigo mesmo precisamente mediante a distinção entre o que é meramente subjetivo e o não-subjetivo.

A auto-identificação, o conhecer a si, ocorre por meio de uma relação subjetiva e não apenas objetiva, atividade que se constitui reciprocamente. O sujeito só se torna consciente em relação com eu e na construção do mundo, essa concepção exclui a ideia de um indivíduo privilegiado pela natureza. A influência para Habermas (1983) elaborar sua teoria sobre a constituição do Eu advém de Hegel, Freud e Piaget e Mead. Para Habermas, as teorias psicanalíticas e cognitivas já deram provas que o desenvolvimento do Eu ocorre por estágios. Segundo o autor, os estágios do desenvolvimento seria o simbiótico, o egocêntrico, o sociocêntrico-objetivista e o universalista, sendo apenas este último capaz de libertar-se do dogmatismo, e tornar-se reflexivo.

O desenvolvimento do Eu corresponde a um processo de descentramento de imagens do mundo, através do modo como a realidade se apresenta, o Eu apreende os significados para formar sua identidade. Segundo Habermas (1983), haveria uma analogia entre o desenvolvimento do Eu e as imagens de mundo, assim como as sociedades deixaram de ter explicações baseadas em concepções míticas da realidade tornando-se cada vez mais racionalizada o mesmo ocorreu com o Eu.

A identidade do eu desenvolve-se à medida que o sujeito apropria-se dos valores extrafamiliares, desenvolve sua consciência moral capaz de fazer escolhas, estabelecer julgamentos, de superar as identidades de papel, (ligadas ao lugar sexual e geracional) que lhes foi imposta ao longo da vida e afirmar sua própria identidade. Essa construção dá-se, intersubjetivamente, por meio da identificação com a realidade simbólica construída pelo grupo. Para Habermas (1983, p. 54):

A identidade é gerada pela socialização, ou seja, vai-se processando a medida que o sujeito – apropriando-se dos universos simbólicos – integra-se, antes de mais nada, num certo sistema social, ao passo que, mais tarde, ela é garantida e desenvolvida pela individuação, ou seja precisamente uma crescente independência com relação aos sistemas sociais.

Habermans parte da ideia de que as pessoas podem se constituir em indivíduos autônomos apesar de toda coerção que existe na sociedade. Essa liberdade do agir é possível por meio da constituição de sua identidade, que está relacionada com o desenvolvimento da identidade do Eu, à medida que sua identidade é formada o indivíduo torna-se cada vez mais independente.

Segundo ele (1983, p. 53-54), o conceito de identidade do Eu foi abordado por três tradições teóricas, na psicologia analítica do Eu (H. S Sullivan, Erikson); na psicologia cognoscitiva do desenvolvimento (Piaget, Kohlberg); e no interacionismo simbólico (Mead, Blumer, Goffman). Na busca de convergência, o autor observou que há concepções base que podem ser simplificadas em seis pontos: 1) através de processos de amadurecimento e aprendizagem, o sujeito adquire a capacidade linguística e ação; 2) essa capacidade ocorre em uma série de estágios de desenvolvimento de forma irreversível em que nenhum estágio pode ser saltado; 3) o processo de formação se realiza de forma descontínua e marcado por crise; 4) no desenvolvimento do eu há uma crescente autonomia, que ocorre na relação entre a realidade da natureza externa e a sociedade, com a estrutura simbólica não objetivada de uma cultura, com a natureza interna dos carecimentos culturalmente interpretados; 5) a identidade do Eu indica a competência de um sujeito que é capaz de linguagem e ação; 6) o mecanismo de aprendizagem com a transformação de estruturas externas em internas .

Em Habermas, o desenvolvimento do Eu está ligado ao aspecto da consciência moral e relacionado com a capacidade de juízo moral, pois, para ele, o desenvolvimento moral é parte do desenvolvimento da personalidade que por sua vez é decisivo para a identidade do eu. O autor aproxima-se dos estudos de Kohlberg sobre o desenvolvimento moral e de Lonvinger, em ambos a identidade do eu não é apenas o desenvolvimento cognoscitivo dos níveis universais de comunicação, mas analisam a inserção dos sujeitos e seus carecimentos nessas estruturas. Nesse sentido Habermas (1983, p.55) salienta que em seus estudos utiliza:

[...] os níveis de consciência moral propostos por Kohleberg com os estágios de desenvolvimento do Eu propostos por Jane Lovinger, com o objetivo de sublinhar que o desenvolvimento moral é parte do desenvolvimento da personalidade, o qual, por sua vez é decisivo para a identidade do Eu.

O autor considera que o indivíduo não é formado apenas por um aparelho intelectual que o leva a pensar, conhecer e transformar a realidade, mas pelos carecimentos que têm diante da realidade, estes por sua vez, interferem nas escolhas que faz, todavia a liberdade de escolha para suprir essas carências é influenciada por sua realidade, segundo o autor:

[...] o eu se isola de sua natureza interna e nega sua dependência a carecimentos que ainda espera ser adequadamente interpretados, a liberdade – por mais que possa ser guiada por princípios – não é livre com relação aos sistemas normativos existentes. (HABERMAS, 1983. p. 59).

Conforme Habermas, na teoria de Kohlberg há três níveis de consciência moral, o nível pré-convencional, o convencional e pós-convencional. No primeiro, a criança entende que suas ações podem ser tomadas a partir de gratificações e sanções. No segundo, ela compreende os papéis sociais, interage com eles e percebe as ações como realizações de expectativas, nesse momento, a identidade natural (que ocorre no nível pré-convencional) é substituída por uma identidade de papel (nível convencional). Já no terceiro, o jovem toma suas decisões, questionando os padrões pré-estabelecidos, as normas de ação e os papéis sociais, nessa fase seu universo simbólico se amplia e as normas coercitivas são suspensas temporariamente. Os portadores de papel são agora pessoas que podem afirmar sua própria identidade e têm a capacidade de dizer eu³.

Além do desenvolvimento cognoscitivo que intervêm na constituição da identidade do eu, Habermas (1983, p. 70) também observa o aspecto motivacional e a questão das pulsões. Para ele, na dinâmica da elaboração do Superego, pode-se observar o papel que as energias libidinais exercem na idealização do Eu na forma de carga narcisista sobre Si Mesmo e na forma de energias agressivas voltadas contra Si Mesmo.

[...] o eu só pode penetrar nas estruturas de interação e atravessá-las se também os carecimentos puderem ser assumidos e interpretados nesse universo simbólico e nele receberem uma interpretação adequada.

O desenvolvimento desses níveis postula o crescente domínio do agir comunicativo (mostrar-se capaz de fazer escolhas que atendem a normatividade social). Em suma os níveis de desenvolvimento procuram demonstrar que o sujeito desde de sua infância, adquire a capacidade para se mover em seu universo social através do desenvolvimento de uma estrutura simbólica, participando de interações incompletas

³ Para Habermas (1983) a teoria de Kohlberg demonstra como um sujeito adquire as capacidades para se mover nas estruturas de interação, desenvolvendo a capacidade de julgar desde a infância até a idade adulta, Habermas analisa os elementos do universo simbólico e o psicológico. Na concepção de Habermas a consciência moral é a capacidade de usar a competência interativa para elaborar conscientemente conflitos de ação relevantes, na resolução desses conflitos buscam os envolvidos encontrar um consenso, Essas formulações encontram-se no livro *Para a reconstrução do Materialismo Histórico* (1983) e são aprofundadas nos livros *Teoria do Agir Comunicativo* (1990)

as quais ao longo do tempo, tornam-se cada vez mais completas e complexas , o que forma ao longo de sua vivência a identidade do Eu.

2.2 A SOCIEDADE TAMBÉM POSSUI UMA IDENTIDADE.

Se há algo que não pode haver dúvida nas teorizações sobre identidade para Habermas (1983, p. 23) é que não existe um Eu isolado da sociedade, ninguém é capaz de dizer eu, de se definir, se não em relação ao outro e vinculado ao seu processo histórico. “Ora ninguém pode edificar sua própria identidade, independentemente, das identificações que os outros fazem dele.” A constituição dos sujeitos ocorre por meio de interações em atitudes práticas, dizer eu significa distinguir do outro com o reconhecimento desse outro, a afirmação da identidade e uma autoidentificação, intersubjetivamente, reconhecida. Consoante Habermas (1983), o Eu não se compreende apenas a si, se não na esfera do que é comum.

Para o autor, o ser humano deve ser capaz de formar uma identidade que desvencilhe de seu grupo, pois esse representa para o Eu o outro, dessa forma o grupo não é mais estranho ao eu, é diferente e igual ao mesmo tempo. O Eu é capaz de interpretar-se como participante de uma comunidade, mas também como indivíduo diferente da própria coletividade:

[...] a identidade coletiva regula a participação dos indivíduos na sociedade ou a sua exclusão da mesma. Sob esse aspecto, subsiste uma relação complementar entre identidade do Eu e de grupo, já que a unidade das pessoas se forma através das relações com as pessoas do mesmo grupo [...]. (HABERMAS, 1983, p.26)

No livro *Para Reconstrução do Materialismo Histórico*, um dos questionamentos do autor é se a coletividade seria capaz de desenvolver uma identidade do eu pós-convecional. Para Habermas (1983), há homologias no desenvolvimento da identidade do eu e do grupo, em que ambas se dão por meio de estágios sociais evolutivos; nas sociedades arcaicas onde as relações ocorriam por meio das estruturas de parentesco, os homens interpretavam sua realidade através de imagens míticas do mundo, o que dá a cada um o seu lugar, a identidade do indivíduo é equivalente a identidade natural da criança.

Já nas primeiras civilizações, o Estado e a Cidade⁴ eram organizações que necessitavam de uma justificação religiosa, por isso, os ritos estabeleciam uma conexão entre os deuses e os humanos. Isso indicava que havia uma separação e que com os ritos, o indivíduo poderia estabelecer uma ligação mais ampla com a comunidade, começava a elaborar uma identidade própria, onde não havia conflito entre o particular e o geral, logo não havia problemas de identidade. Segundo Habermas (1983, p.83):

A comunidade concreta pode ser distinguida, por um lado, enquanto ente particular, do universal da ordem cósmica; e, por outro, dos indivíduos singulares, sem que isso cause danos à unidade-formadora da identidade.

No cristianismo, tem-se a elaboração de uma identidade universal, liberada dos papéis e das normas concretas, as religiões universalistas monoteístas têm a produção de uma identidade não convencional, no entanto, com o aparecimento do protestantismo ocorreu a cisão da identidade do Eu com as pretensões universalistas, que desde de seu âmbito já mostravam que não possuíam uma ética universalista, pois para aqueles que não comungavam da mesma crença estavam fora da comunidade de grupo.

Nas sociedades modernas, os mecanismos religiosos de mediação entre o indivíduo e a sociedade caem por terra, devido a luta pelo lugar de poder entre a Igreja e o Estado há uma cisão entre a identidade do eu formada no interior das estruturas universalistas da igreja e a identidade coletiva relativa ao Estado.

O autor faz uma análise do que ocorre com o homem no capitalismo. Com o fim da universalidade cristã, o homem agora encontra-se diretamente com uma natureza objetiva sem a intermediação da religião e, muito menos da ciência, a abordagem intuitiva da vida e da essência da natureza, quando não se põe no terreno da arte, que se tornou independente tanto da fé como da ciência, se lança ao irracionalismo. Para Habermas (1983, p.86), há uma cisão entre o eu moderno e a natureza exterior, de um lado e a sociedade e a natureza exterior por outro, que a sociedade burguesa não conseguiu solucionar, segundo o autor:

⁴ A concepção de Estado utilizada por Habermas nesse momento, refere a organização social, elaborada pelos antigos gregos em sua época clássica, assim como a ideia de cidade refere-se a pólis.

Essa separação do eu moderno com relação a sociedade correspondente à separação entre sujeito agente e seus próprios carecimentos: inconciliável é a contraposição entre natureza humana entendida empiricamente como pulsão e tendência entre as normas universalisticamente legitimadas do direito burguês e da ética formalista.

As identidades coletivas não se apresentam mais como conteúdo de uma tradição, sob qual se desenvolvia uma identidade que podia ser feito sob um conteúdo solidamente objetivo. A identidade é construída nos processos formativos de escolha, de tomada de decisão que deve ser esboçada coletivamente (MOREIRA FILHO, 2013). Delineia-se que a identidade coletiva para Habermas (1983, p.91), não é algo imposto, ela dá-se em processo relacional e de tomada de decisão:

A racionalidade dos conteúdos de identidade é mensurada apenas por esse processo generativo, as luz das condições formais nas quais se gera e se verifica um identidade flexível na qual todos os membros de uma comunidade pode se encontrar, se reconhecer reciprocamente e se respeitar.

Ele faz uma análise pela forma como Hegel e Niklas Luhmann interpretam as sociedades modernas a luz da questão das identidades coletivas. Segundo Habermas, Hegel considera que não é mais a religião que pode assumir o caráter universalista na constituição de uma identidade, mas sim, a filosofia que poderá oferecer uma competência para que as identidades nasçam de forma racional.

Na visão de Habermas (1983), o capitalismo e a sociedade civil foram separados do estado e da família e dirigidos aos imperativos de mercado, isso para Hegel indica que a sociedade perdeu sua eticidade. O Estado não é mais capaz de possibilitar uma integração por meio de normas, temos uma sociedade mundializada, mas sem a política normativa. Enquanto que para Niklas Luhmann, as sociedades não são mais capazes de desenvolverem uma identidade através da consciência dos membros de seu sistema. Luhmann acredita que no processo de objetivação da natureza, no qual as imagens de mundo se perderam, o próprio homem teve suas relações objetificadas, causando uma des-humanização da sociedade – esta é alienada do mundo compreensível e atribui aos sujeitos a posição de ambientes sistêmicos – nessa relação onde os indivíduos mantêm uma relação de ambiente e de sistemas, não há lugar para identidade do Eu e a relação com identidade de grupo.

As sociedades complexas deveriam desenvolver uma identidade do eu racionalizada. Com esse intuito, Habermas (1983, p. 98) lança preposições para que a identidade de grupo seja compatível com estruturas universalistas do eu. Assim, segundo ele, a nova identidade de uma sociedade supra-estatal não pode estar ligada a um território, nem uma organização. Só são possíveis identidades coletivas hoje, na forma reflexiva:

No sentido de serem fundadas na consciência de possuir oportunidades iguais e gerais para tomar parte nos processos de comunicação, nos quais a formação da identidade tem lugar como processo contínuo de aprendizagem.

Habermas analisa as contribuições de G. Mead para perceber a relação entre sujeito e sociedade, como esses dois elementos interagem para o desenvolvimento da individuação e da socialização, considera que a interação é o ponto crucial e ela se dá mediada pela linguagem. Nesse processo há o desenvolvimento de instâncias no sujeito como o Eu, o Me e Selbest, desta forma Mead observa o desenvolvimento da personalidade humana. Segundo Habermas (1990, p. 213), Mead considera que:

A interação mediada simbolicamente permite um comando cognitivo auto-referencial do próprio comportamento; esse, no entanto, não é capaz de substituir a ação de coordenação que até então era assegurada através de um repertório comum de instintos, portanto, através do engate, adequado das ações de um dos atores nas do outro. Esse vácuo é preenchido por expectativas de comportamentos generalizadas normativamente, que entram no lugar da regulação instintiva; só que essas normas necessitam de uma ancoragem no sujeito agente através de controles mais ou menos internalizados.

É no ambiente social que podemos nos constituir enquanto indivíduos capazes de agir de maneira responsável e desenvolver, por meio da internalização dos controles sociais, “a capacidade de seguir por conta própria as expectativas tidas como legítimas ou de ir contra elas” (HABERMAS. 1990, p. 170). As ações em uma comunidade devem ser tomadas no intuito de generalizar a igualdade, de gerar novas formas de valores e de moral sem a necessidade de um poder estatal para que isso ocorra, ou seja, nossas atitudes para o bem não devem ser tomadas apenas porque há um poder coercitivo.

A nova identidade em Habermas (1983), não pode ancorar-se na tradição, nas imagens de mundo. A moral pode ser conduzida ao encontro de uma identidade que é fundada na consciência de ter oportunidades iguais e gerais, para participar dos

processos de aprendizagem criadoras de normas e valores. Para ser estável essa identidade não possui necessidade de conteúdos fixos, embora tenha necessidade de tempos em tempos de ter conteúdos. Os sistemas de interpretação que garantem a identidade, que permitem ao homem entender o seu lugar no mundo, são diferentes das imagens de mundo, pelo seu status passível de revisão.

A nova identidade de uma sociedade mundial deve ser acompanhada pela consciência de ser ainda incompleta. Segundo Habermas (1983, p. 103), o que ele deseja:

Se em sociedades complexas, se formarem uma identidade coletiva, ela teria a forma de uma identidade não determinada previamente nos conteúdos e independente de organizações específicas, ou seja, de uma identidade própria da comunidade dos que formam discursiva e experimentalmente o seu saber relacionado à identidade através de projeções de identidades concorrentes entre si, isto é, na memória crítica da tradição ou estimulada pela ciência, pela filosofia e pela arte. A estrutura temporal de uma memória orientada para o futuro permitirá, entretanto, formar estruturas universalistas do Eu, tomando partido por particulares, tendências imperativas; com efeito, cada posição pode concordar com as outras posições com que se defronta no presente, em torno precisamente de um partidarismo comum em favor de universal a ser realizado no futuro.

Se o homem não possui uma identidade humanizada, não encontra seu correspondente na sociedade, sua identidade se esvazia. Para Ciampa (1987), não ter uma identidade humana é não ser homem, pois o singular se materializa no universal, na unidade do particular. Considera que tudo que a desrazão valoriza (a razão interesseira) não merece ser vivido. A lógica capitalista ameaça a auto conservação humana, o capital inverteu a lógica transformadora do devir humano, em vez de usarmos a ferramenta ela nos usa, o homem foi instrumentalizado. Contudo, isso foi produzido pelo próprio homem, ele criou esse mundo, um mundo desumanizador.

A teoria de Habermas possibilita pensar como o aluno interage com os valores compartilhados pela sociedade, e a forma como desenvolve sua própria identidade, num processo interativo, no qual este deve fazer escolhas e estas são acolhidas pelo grupo ao qual pertence, estuda-se o o que estes alunos consideram sobre identidade e sua relação com a identidade do grupo. Dizer se o que é diante de um grupo de pessoas que valoriza certas atitudes, possui padrões de beleza e comportamento, significa fazer escolhas. Assim, para análise do que os alunos

pensam sobre identidade e o que pensam sobre si, em sala de aula, escolhi além de diálogos em sala, a leitura de duas obras literárias de autores capixabas, *Karina* de Virgínia Tamanini (1985) e *Reino não Conquistado* de Renato Pacheco (1984). As narrativas abordam histórias de pessoas que em suas vivências fizeram escolhas, e a maneira como os alunos interpretam-nas, o que chamaram atenção na leitura que fizeram das obras, diz muito do que são e do que compartilham como valores e escolhas. Por conseguinte, a escolha de duas obras, uma que aborda o imigrante e outra que aborda o negro, se deu por conceber que em nossa sociedade brasileira, há a valoração de um determinado tipo sujeito (branco, rico, cristão, e heterossexual), como os alunos dialogam com esses valores e interpretam a si e ao mundo são questões abordadas nesta dissertação.

2.3 DA SALA DE AULA À TEORIA

Ao iniciar as discussões em sala de aula sobre o que é identidade, fiz uma série de indagações para os alunos, como o intuito que expressassem o que pensam sobre si e sobre identidade, como quem é você? O que pensa sobre o que é identidade? Ao começarem a responder se expressaram pelo nome, com muita desenvoltura:

Me chamo Hérica Dias, tenho 18 anos e moro em Pedro Canário... (ALUNA HÉRICA, 2017)

Meu nome é Werlei, tenho 16 anos, estudo na escola Viva Manoel Duarte da Cunha ... (ALUNO WERLEI, 2017)

Sou Ester Lima, serva do Senhor, que ama matemática.. (ALUNA ESTER, 2017).

Eu me chamo Wendi (ALUNA WENDI, 2017).

Observa-se através das formas em que os alunos expõem seus nomes, se identificam, que não possuem nenhuma dificuldade para se caracterizar, consoante Habermas (2012b) advérbios e pronomes pessoais, são expressões deíticas que servem para localizar objetos e para caracterizar um ser em situação de fala, mas que ainda não dão indícios que o sujeito possui uma identidade. Todavia, ao definir o que pode ser identidade, apresentaram dificuldades, muitos alunos ficaram em silêncio, esperando que eu, como professora e pesquisadora, contextualizasse melhor a pergunta, ou que desse indícios sobre o que seria identidade, devido ao

silêncio, tentei explicitar melhor a pergunta, desdobrando-a: Como você se vê? Quem é você diante da sociedade? Como você se constrói? (PROFESSORA, 2017)

Nesse momento, uma aluna (ALUNA HELLEN, 2017) expressou sua dificuldade diante do termo: “essa pergunta é muito difícil, é muito subjetiva, fica difícil falar, prefiro escrever”.

Falar sobre si é, realmente, algo difícil. Não paramos para pensar em quem somos, como construímos, adquirimos e percebemos nossa identidade, o cotidiano a rotina nos atravessa e não nos damos conta de como tornamos o que somos. Habermas (1990, p. 28) salienta que o sujeito cognoscente possui uma posição dupla diante da realidade que o cerca tendo que se compreender como objeto dentre tantos outros no mundo, ele é ao mesmo tempo “um em oposição a tudo e um entre muitos”.

O termo identidade é conflituoso nas ciências sociais, apresenta diversas correntes, amplos significados, atrai uma infinidade de teóricos, polissêmico e polêmico. Possui as mais diversas correntes teóricas e áreas do conhecimento que procuram definir e trabalhar com esse conceito. O que há em comum nas mais diversas abordagens sobre a questão da identidade ou identidades, é o fato de ser ela processual, dinâmica e relacional, em que o geral e o particular se fazem presentes.

Na concepção de Dubar (2009a), houve duas grandes correntes que nortearam a discussão em torno do que é identidade - uma corrente essencialista e outra existencialista. A primeira teve como influência os trabalhos de Parmênides⁵ que afirmaram que o ser humano é uma mesmidade ao longo dos tempos, todos os seres humanos têm a mesma essência, são idênticos. A segunda tem seus fundamentos em Heráclito o qual escrevia que o ser não é, está sendo, através da máxima de que o homem não se banha duas vezes no mesmo rio, o homem seria uma constante mudança, transformação de si e do meio. Conforme Dubar (2009, p. 9):

Quando as duas correntes filosóficas precedentes são aplicadas aos seres humanos percebe-se melhor o que está aqui em questão. A corrente

⁵Conforme Dubar (2009), Platão em o Banquete cita os trabalhos de Parmênides em três momentos Teeteto, o Sofista e Parmênides.

essencialista é aquela que postula ao mesmo tempo uma singularidade essencial de cada ser humano [...]

A corrente «nominalista», à qual também se pode chamar «existencialista» (não existem essências, mas sim existências contingentes), recusa-se a considerar que existam pertenças «essenciais» (em si) e, por isso, não existem diferenças específicas *a priori* e permanentes entre os indivíduos. Existem modos de identificação, variáveis ao longo da história colectiva e da vida pessoal.

Para Habermas (1990, p.157), a questão da identidade perpassa a própria origem da metafísica sobre o uno e o múltiplo, delineado abstratamente entre a identidade e a diferença. Não há uma separação entre ambos, o diferente e o múltiplo se fundem no uno. Conforme o autor o:

Uno é tudo, na medida em que inerente a todo ente particular como sua origem; o uno e nada de tudo isso, na medida em que somente pode sua unidade na diferenciação como a alteridade de qualquer ente particular. Portanto, para ser tudo, o uno está em tudo e, ao mesmo tempo, sobre tudo;

As relações em torno do uno indicam para Habermas a relação entre a formação da identidade do eu e o mundo. Os alunos ao se expressarem também pensaram a identidade por meio do conceito de unicidade. Alguns acreditam ter características que os definem e justificam seus comportamentos: “Eu também sou muito ignorante e todo mundo fala que eu sou debochada, mas tirando isso, eu sou uma pessoa muito gente boa (ALUNA MAÍRA, 2017).”

O uso de adjetivos para definir o que se é, “ignorante”, “debochada”, possui a intenção de demarcar um lugar que a diferencia em relação aos demais, reflete também a visão do outro sobre mim. É um ser posto, dá a entender que possui uma identidade fixa, procura demarcar uma posição. Para Ciampa (1987, p. 66), “a posição de mim (o eu ser-posto) me identifica, discriminando-me como dotado de certos atributos que me dão uma identidade considerada formalmente como atemporal”. A identidade pensada desta forma aparece com um dado e não como um dar-se. Alguns alunos no início das discussões em sala sobre identidade a definiram-na da seguinte forma:

- Não sei! Constrói? É tipo assim você tem a sua identidade, só você que tem isso, você é único (ALUNA IARA, 2017).
- Dada por Deus! . (ALUNA LARA, 2017).
- É uma coisa que a gente constrói que nasce com você?(ALUNA YAN, 2017).

- Como documento que mostra que você é única, tipo ... identidade tem que ser sua digital, e sua digital é única só você tem aquela dali, então é um registro único seu.(ALUNA YASMIN, 2017)

Observa-se que os alunos possuem concepções que passam pela ideia de que a identidade é algo que não muda, são o que são, a identidade é algo que permanece com você, nascemos com ela, é o que nos diferencia em relação ao outro. Como o caso da aluna Yasmin, que acredita que a identidade é como um documento, pois é o que particulariza o sujeito em relação aos demais. Na realidade, o documento tem essa função de individualizar. No entanto, segundo Habermas (2012b, p. 193), essa é uma capacidade que a pessoa desenvolve, adquirindo a possibilidade de se diferenciar numericamente dos outros e atribuindo a si predicados correspondentes, o que ele denomina de autoidentificação predicativa.

Já para aluna Iara, ela é construída, mas nasce com você e, o outro acredita ainda que seja dada por Deus, como uma essência. Considerar a identidade como algo provindo de Deus reflete uma visão religiosa da aluna. Esta concepção foi durante muito tempo defendida pela escolástica, principalmente, de São Tomás de Aquino (2008), que destacava Deus como a plenitude de toda essência.

Por mais diferentes que possam parecer essas ideias sobre identidade expressadas pelos alunos, têm em princípio que o sujeito possui uma essência, uma natureza. Étienne Gilson (2016, p. 24), em seu texto, *O ser e a essência*, salienta que “quando falamos de modo absoluto da “essência”, não pensamos no “ser” (*esse*), mas naquilo que faz com que uma coisa seja o que ela é”. Para São Tomás de Aquino (2008, p.31) “ a essência da coisa”, está associada ao ser, “O ser é o que de mais íntimo tem uma coisa e o que de mais profundo existe em todas as coisas”.

Como Dubar (2009a, p. 9) afirmou, a ideia de uma essência perpassa pela noção que há algo que me difere em relação aos demais e, ao mesmo tempo, me liga aos demais:

Cada categoria define o ponto comum «essencial» de todos aqueles que agrupam. Chama-se, por vezes, ipseidade a esta diferença específica concebida aqui como a essência comum a todos os seres idênticos a esta mesma essência, naquilo em que eles diferem de todas as outras essências, naquilo que define o seu ser específico.

Segundo Dubar (201b), durante milênios, o pensamento ocidental foi influenciado por essa corrente essencialista. O cristianismo e a filosofia grega marcaram profundamente o pensamento dos teóricos sobre a definição do sujeito. São Tomás de Aquino definiu o sujeito pela escala do ser que buscava a perfeição tendo Deus como a referência do ser perfeito. A identidade humana dar-se-ia pela relação posicional na sociedade com o divino. Na acepção de Dubar (2009b, p. 337):

[...] esse pensamento definiu a identidade como uma posição em relação à escala dos seres, um grau de ser. É, de fato, uma forma essencial, mais ou menos complexa, mais ou menos material ou espiritual, mais ou menos próxima da perfeição divina. (Grifo do autor)

O debate sobre o que constitui o sujeito continuou na Idade Moderna. Descartes defendeu que existe uma natureza que é dada pelo espírito, apenas Deus poderia garantir e conhecer o espírito, era esse espírito que daria consciência ao homem. Dubar (2009b, p.338) salienta que:

Descartes afirma, como todos os filósofos idealistas, que o espírito humano possui as ideias inatas, graças às quais ele pode conhecer a natureza das coisas, sua identidade e, antes de tudo, sua extensão.

Descartes dividirá os filósofos entre racionalistas, como Locke, empiristas como Hume. Os racionalistas afirmavam a existência de um espírito conhecedor, portador da consciência, já os empiristas consideravam a identidade como uma ilusão. Quem será capaz de confluir as duas tendências e afirmar que todo conhecimento vem dos sentidos, que na consciência há uma razão prática, fonte da moral é Kant. A partir dele a identidade não é considerada como algo externo ao homem, a autoconsciência está na origem da identidade. Dubar (2009b, p.338):

É Kant quem vai tentar ultrapassar (*Aufgehen*) essa oposição, em consonância com Hume; ele defende a ideia de que todo conhecimento "científico" vem dos sentidos, implica a sensibilidade e é categorizado pelo entendimento; com Locke, ele defende a realidade da consciência, mas há nisso uma razão prática, fonte da moral, que não vem do entendimento, não pode ser tratada como um fenômeno, mesmo se ela tiver que ser postulada para dar conta da ação.

Dubar (2009a) aponta esses questionamentos, como asserções sobre identidade. Já Habermas (1990) percebe essas colocações como problemas inerentes a metafísica, a busca por uma identidade primeira, a relação estabelecida na teoria do conhecimento entre sujeito objeto. Habermas (1990, p. 160), ao analisar a unidade e a multiplicidade do sujeito cognoscente, no livro *Pensamento Pós-Metafísico*,

observa as contribuições de Kant. Para Habermas (1990, p. 160), Kant foi capaz de analisar que, por meio dos juízos morais, elaboramos representações no contato com o mundo e, ao realizar essa ação, unimos o uno ao múltiplo. Kant “interpreta o eu penso formal que deve acompanhar todas as minhas representações, caso se queira preservar a unidade egológica de uma autoconsciência sempre idêntica na pluralidade das representações”. Kant postula uma identidade transcendental, não dada empiricamente, mas formada na autoconsciência do ser. Habermas (1990, p.160) salienta que, por meio dessa concepção:

A multiplicidade de minhas representações não consegue obter coesão geral das representações que me são próprias enquanto sujeito cognoscente a não ser através da unidade transcendental da apercepção.

Assim desde a antiguidade, elabora-se uma filosofia do sujeito em relação ao seu mundo natural. No entanto, Kant não foi capaz de resolver a dualidade entre sujeito e história, uma vez que concebe a história como um fim, nem tão pouco aborda sobre o individual. Habermas (1990, p. 163) assevera que:

Além disso, continua sem solução o tradicional problema da “indizibilidade” do individual. A atividade do intelecto que se desenrola nas ciências da natureza subsume o que é particular sob leis gerais, sem ter que se preocupar com o que é individual. O Eu enquanto pessoa individual não encontra aí um lugar capaz de situá-lo entre o Eu em geral e o Eu particular, isto é entre o eu transcendental, que é um em oposição ao todo, e o eu empírico, o um entre muitos.

O Eu transcendental é a autoconsciência. Na teoria kantiana, é o sujeito produtor de conhecimento⁶. O Eu, para Habermas, possui uma relação com a história, uma vez que por meio dela que o sujeito se constrói e desenvolve a história de vida.

Para o autor, quem aprofunda as contribuições de Kant à metafísica é Hegel que contribui para o pensamento da unidade e da totalidade, desenvolve o conceito de sujeito absoluto⁷, amplia os questionamentos sobre a identidade do Eu. A partir de

⁶ Em *Critica da Razão Pura*, Kant (2018) denomina transcendental todo conhecimento que se ocupe da forma como conhecemos os objetos, para ele o sujeito é o centro do processo do conhecimento que se dá na relação com o objeto, a forma como o sujeito é afetado pelo objeto, resulta em seu conhecimento. Conforme Martins (1998/1999, p.69), “[...] no ramo da filosofia teórica, Kant concede a maior importância à autoconsciência, que denominou também de “eu transcendental” ou “apercepção transcendental”.

⁷ Em *A Fenomenologia do Espírito Hegel* (2003, p. 85) afirma que: “Esse meio universal abstrato, que pode chamar-se coisidade em geral ou pura essência, não é outra coisa que o aqui e agora como se mostrou, a saber: como um conjunto simples de muitos. Mas os muitos são, por sua vez, em sua determinidade, simplesmente universais” o eu é absoluto por que contém em si o que é universal, o que está presente em todos os outros eu.

Hegel, a modernidade será influenciada pelo conceito de subjetividade, liberdade, normatividade, autoconsciência e autorrealização, através dele conceberá a história como mediadora entre o uno e o múltiplo:

O absoluto é processo mediador da autoconsciência que se produz livre de qualquer condição. Na qualidade de elementos relacionados, o uno e o todo não são opostos, e o que funda sua unidade é a relação posta em movimento na história (HABERMAS,1990, p.173)

Hegel compreendeu o sujeito movido por uma história e marcado pelas contradições inerentes ao Eu e ao espaço social que ocupa. E elaborou uma concepção universalista do Eu, em que apenas um é um exemplar da espécie que abarca tanto a particularidade como a universalidade, que possui uma consciência da sua ação, do seu lugar no mundo, “o sujeito que pode superar as próprias contradições em que vive, superando-se a si próprio pelo potencial de suas ideias, de suas reflexões” (LOPES, 2002, p.14).

Outros autores que pontuam essa relação entre o homem, o meio e sua história, é Marx e Engels (2001). Para estes autores, os homens, em sua atividade real e a partir de seu processo de vida, criam formas de satisfazer suas necessidades. Ao fazerem isso transformam sua realidade imediata e a si mesmo pelas elaborações que foram capazes de realizar. A atividade transformadora é o trabalho. Por meio dele, as necessidades humanas são saciadas e a natureza transformada. É na relação objetiva entre a natureza e o homem que a autoconsciência é produzida, sua subjetividade, deixando de ser um ser natural para transformar-se em um ser social, processo contínuo e dialético. A consciência é produto das relações de produção. Logo, “todos os homens devem ter condições de viver para fazer a história” (MARX; ENGELS, 2001, p.21).

Tanto em Hegel como em Marx⁸, a consciência humana é formada por meio de um processo dialético e histórico. Apesar de Hegel ter contribuído, para a teorização sobre sujeito e identidade do eu, sua teoria não dava conta do elemento que liga o homem à sua consciência, à relação com mundo objetivo. Para Habermas, isso se

⁸ Marx e Engels (2001), em A ideologia Alemã elaboraram uma crítica ferrenha às concepções idealista dos filósofos hegelianos sobre a consciência, para ambos os alemães estavam embevecidos em ideias falsas da realidade do que são e deveriam ser.

efetuará por meio da linguagem, o saber a si mesmo é gerado, intersubjetivamente, por meio de relações comunicativas. Habermas (1983, p.23), aprofunda as contribuições de Marx, principalmente, sobre o materialismo histórico, e elabora um conceito sobre identidade do Eu, cuja definição seria “a capacidade de conservar a própria identidade”, a identidade individual, a unidade da pessoa ou Eu epistêmico é constituído, intersubjetivamente, através de uma auto-identificação com a realidade simbólica construída pelo grupo. Conforme Habermas (1988, p. 24):

[...]a unidade da pessoa, que é construída através de uma auto-identificação intersubjetivamente reconhecida (analisada por G.H. Mead), apóia-se sobre a participação na – e sobre a delimitação da – realidade simbólica de um grupo, assim sobre a possibilidade de se localizar em tal realidade.

A abordagem que procura dar conta do Eu individual, da identidade do sujeito em relação com o seu contexto social e histórico, tem sofrido uma fragmentação.

Deve-se atentar para as novas formas de reconhecimento na nossa sociedade, que negam a condição de sujeito, da práxis, que negam a totalidade humana e coisifica o ser, transformando-o em objeto, incapaz de objetificar a realidade. Na sociedade atual, os sujeitos são transformados em indivíduos que ficam a mercê do mercado, das ofertas de consumo, essa inclusão crescente não significa para Habermas (1988) crescimento da autonomia quanto muito uma modificação na forma do controle social. Essas colocações são imprecindíveis para analisarmos o que os alunos pensam sobre quem são uma vez que, quem somos o que queremos ser passa por um processo de reconhecimento e de compreensão.

2.4 AMPLIANDO O CONCEITO DE IDENTIDADE

Nas discussões em sala de aula persistiram as concepções de identidade, que a retrataram como algo que define quem você é, que o torna único, no entanto, a medida que foram expondo suas ideias aprofundaram o sentido e já indicaram a identidade pelo viés de uma contínua transformação do sujeito ao longo do tempo. Desse modo, tivemos alunos que ressaltaram:

- A identidade é uma coisa muito importante para todas as pessoas, ela mostra como você é, e se define. (ALUNA LARA, 2017)

- Eu possuo uma essência. (ALUNO YAN, 2017)

- O ser humano ele está em constante evolução, ele sempre tá mudando, e eu não sou diferente desse ser humano, pois eu também sempre estou mudando, quando eu era criança eu pensava certas coisas que hoje em dia eu não penso mais, e eu mudarei? Provavelmente sim, por que eu tenho uma certa idade e sou novo, mas quando eu ficar velho, eu também irei mudar, pois o ser humano está em constante mudança, então, ou seja, eu mudarei, você mudará e todos nos mudaremos, assim identidade muda. (risos) (ALUNO HENRIQUE, 2017)

O aluno pontua a identidade como algo que muda ao longo do tempo, que está relacionado com sua forma de pensar e sua idade. Assim, para ele, da mesma forma que ele se transforma sua identidade também se modifica. Percebe-se que foram ampliando suas concepções entre o particular e o geral e essa premissa também é abordada por muitos autores. Para Dubar (2009, p. 14), essa relação entre o que único e geral é um dos paradoxos da identidade:

[...] aquilo que existe de único e aquilo que é partilhado. Este paradoxo não pode ser resolvido enquanto não se tiver em conta o elemento comum a estas duas operações: a identificação de um pelo outro. Não há, nesta perspectiva, identidade sem alteridade. As identidades, assim como as alteridades, variam historicamente e dependem do seu contexto de definição.

Analysaram a identidade, também sob o viés da humanização “eu sou um ser humano”, outro disse que sua identidade é definida pela forma de pensar:

- O meu modo de pensar, meu modo de agir, meu modo de ver o mundo. (ALUNA DAIANE, 2017)

- Por exemplo, fale um modo de ver o mundo. (PROFESSOR, 2017)

- Ah... Calma aí, A maneira de ver o próximo sabe ... , a personalidade do outro, tipo... ah...Karina só isso tá bom demais! (ALUNA DAIANE. 2017).

- Por exemplo, como você vê o outro? Você vê o lado o bom?...(PROFESSORA, 2017).

- Simsim... mas, quando a pessoa, é tipo dá pra ver que é possível ... dá pra tolerar aquela pessoa eu fico meio: tudo bom...fica um pouquinho pro seu canto e me deixa aqui quietinha, e é isso. ! (ALUNA DAIANE. 2017).

Na compreensão dessa aluna, sua forma de agir, as escolhas que realiza em sua vida demarcam quem ela é, ao salientar sua capacidade de interagir por meio da fala, pontua a comunicação como algo importante para compreender o outro. Sua capacidade de se relacionar seria um aspecto que a torna diferente dos outros. Já outro aluno afirmou que sua identidade seria compreender a si em relação ao outro.

Bom, e o que faz eu ser eu mesmo, né? Eu acho que, tipo assim ... não fingir uma outra personalidade, ser duas caras, tipo assim... Falar tudo o que você

tem pra falar pra pessoa assim, mas assim não criar briga, tipo assim fingir uma pessoa que você não é, tem que ser aquilo que eu sou (ALUNO JONAS, 2017).

Desta forma os alunos apontaram a identidade com a compreensão do ser, com a capacidade de se posicionar, com a ampliação de sua consciência em relação ao outro. A identidade percebida como uma autocompreensão, saber quem se é. “A autocompreensão diz respeito a um contexto específico de uma história de vida e conduz a afirmações de valor sobre o que é bom para determinada pessoa” (HABERMAS, 1999, p. 111).

Ao longo da pesquisa, os alunos foram aprimorando a definição do que seria identidade a partir da própria postura que eles tinham diante de determinados fatos.

Ser um sujeito capaz de fazer escolhas e tê-las respeitadas se mostrou importante para os alunos. Nas discussões sobre sua identidade, em sala de aula, basearam suas falas em suas vivências em dizer quem são, como é seu cotidiano em casa, na escola e na igreja. Ao falarem sobre suas escolhas em suas vidas, ficou perceptível que os alunos assumiam a responsabilidade em fazê-la, principalmente, na fase em que vivem a adolescência:

- Minha mãe sempre foi liberal comigo, me deixou sair, me deixou fazer o que eu quero, mas sempre foi na medida certa, e eu sempre fui filha única, aí agora o bicho pegou pro meu lado. (ALUNA KARINE, 2017)
- Perdeu o posto! (ALUNO JONAS, 2017)
- Mas mesmo assim ela ... Aí agora eu falo mãe isso, ela fala “Ai Kari, você que sabe”. Ai então, ela deixa que eu escolho, nunca me influenciou em nada, se eu falar que não é não. (ALUNA KARINE, 2017)
- Uma escolha que você fez? (PROFESSORA. 2017)
- Continuar aqui na Escola Viva. Ela falou “você que sabe. Se quer ir pra lá, você que sabe, se você quiser ficar, você fica”. Então tudo bem. (ALUNA KARINE, 2017)

A capacidade de escolher também pode indicar a demarcação de um lugar, ser sujeito de responsabilidade que é capaz de ponderar. A mãe da aluna demonstra confiar em suas atitudes, uma vez que ela compreende as normas de ação do grupo que está inserida. Nessa situação, a aluna estaria construindo sua identidade do eu, deixando de ser apenas portadora de papel para afirmar sua identidade. Conforme Habermas, a identidade está relacionada com a capacidade de se tornar autônomo diante da sociedade e realizar suas escolhas pautadas no bem comum. Para ele,

inicialmente temos uma identidade natural e à medida que crescemos, adquirimos uma identidade de papel sustentada por símbolos, que necessita da aprovação do outro, contudo, gradativamente o indivíduo vai deixando de ser pessoa de referência dependente de papel para se transformar em pessoa capaz de afirmar sua identidade, tendo capacidade de julgar segundo princípios mais abrangentes.

Outra aluna também aborda essa questão:

Eu acho que eu percebi isso faz tempo, mas eu acho que a pergunta deve ser ao contrário, deve ser: Quando seus pais perceberam que as escolhas são suas e não deles? Mano, meus pais, quem conhece sabe, meu pai é de boas assim comigo, agora que ele tá meio assim, ele viu que eu ia crescendo um pouquinho, mas minha mãe sempre foi rígida e não só comigo também com minha irmã. Só que minha irmã fez algumas escolhas na vida dela, que não foi legal pra ela, e eu acho que... eu nunca fui desse lado de gostar de festas essas coisas, e minha mãe sempre soube disso e depois dos meus quinze anos ela aprendeu que o meu jeito, (O que foi embuste? Tô ocupada!). Ela aprendeu que meu jeito de ser é esse, e que.. é questão de confiança também. Aí hoje, ela tá mais liberal comigo e tals. E também tem a questão do que eu quero pro futuro. ! (ALUNA DAIANE. 2017)

A percepção que se tem, é que os alunos elaboram a ideia de que a identidade está relacionada com uma pessoa autônoma. Ao relatarem a relação que têm com seus pais, em que suas escolhas são respeitadas por eles, buscam formas de se afirmarem, pautadas na comunicação entre pais e filhos, demonstrando que, as questões que poderiam despertar um conflito acabam sendo resolvidas. Como, o caso de Daiane, sua mãe salientava que seu futuro era se casar, e para tal não precisava estudar tanto ou fazer uma faculdade, isso se deve talvez, porque a mãe de Daiane não teve essa escolha, sua história foi marcada pela decisão de seus pais. Ela também colocava essa possibilidade para a filha, mas Daiane questionou e se posicionou contra a vontade da mãe.

A família é um espaço de socialização que serve a construção da identidade, é nela que a criança, inicialmente incorpora as universalidades simbólicas dos papéis e as normas de ação, em seguida contrai uma identidade de papel em que sua forma de agir está baseada em papéis geracionais e procura atender as expectativas comportamentais dos outros de referência. E essa identidade segundo Habermas (1983), pode-se romper na adolescência quando o jovem aprende a diferenciar entre normas e princípios que podem produzir outras normas, ou seja tornar-se capaz de

questionar realidade imediata. Nota-se que em diversos momentos, queriam demonstrar que, mesmo vivendo com seus pais, possuíam uma autonomia muito grande em relação a eles, é o que se pode deduzir das falas (citadas na página 38) das alunas Karine (2017), que enfatiza que sua mãe permitiu que ela fizesse as escolhas que queria e que não influenciava em suas decisões, ou como a aluna Daiane (2017) que afirmou anteriormente que sua mãe já percebeu que as escolhas pertencem a ela.

Os diálogos indicam a intenção de afirmar quem eles são, que não visam apenas os pais, mas também aqueles alunos que estavam na sala ouvindo suas histórias, tornando-se conhecedores de si e dos outros. Suas falas procuravam demonstrar na sala de aula um certo status para os alunos. A identidade é reconhecida por meio dos outros no agir comunicativo, a autodeterminação e a autorrealização estão ligadas intersubjetivamente. Para Habermas (1983, p. 226) “[...] a minha identidade própria, ou seja, minha autocompreensão como um ser individuado que age autonomamente, só pode estabilizar-se se eu for reconhecimento como pessoa e como esta pessoa”.

A forma como quero que as pessoas me vejam passa pelas atitudes que tomo, é o que pode depreender das falas das alunas, ambas com dezessete anos, querem mostrar que têm uma grande independência em relação aos seus pais. No entanto, essa liberdade foi construída em suas relações cotidianas, nessas há a construção de um sujeito mais livre com a certeza de que a escolha que faz é a certa.

O jovem em sua vivência, nas interações sociais que tece, é marcado pela experimentação, tornando-se capaz de refletir e de se ver como indivíduo que participa da sociedade e exerce influências sobre ela. Na teorização de Habermas, o desenvolvimento da identidade do eu no indivíduo singular dar-se-á em processos de intereção mediado pela linguagem. Em que a cada momento a pessoa torna-se mais emancipada da sociedade, podendo fazer escolhas que contribuam para o bem de todos, estas não devem ser mediadas pelos carecimentos, que não são mais vistos como dados, mas introduzidos na formação discursiva da vontade. Na identidade do eu, o sujeito é capaz de ter livre acesso às tradições culturais, e os carecimentos podem ter sua adequada interpretação. “A identidade do Eu significa

uma liberdade que – na intenção, se não de identificar, pelo menos de conciliar dignidade e felicidade – põe limites a si mesmo” (HABERMAS.1983, p. 72).

Conforme Moreira Filho (2013, p. 75), as formulações de Habermas, sobre identidade, pauta em uma relação argumentativa, os sujeitos elaboram questionamentos sobre sua realidade e a validam intersubjetivamente e objetivamente nas relações que tecem em sociedade. Segundo ele:

A identidade em Habermas é concebida de modo vinculado à teoria da argumentação, não só por essa identidade supor o questionamento acerca do costume de uma moralidade dos sujeitos socializados, mas principalmente por ela ser uma identidade constituída na intersubjetividade linguística; donde sua referência estar no seu objeto dentro da universalidade da regra comum e idêntica a todos.

É na comunicação que elaboramos normas, valores e acordos que damos sentido ao mundo e construímos algo novo, o sujeito por meio do agir comunicativo desenvolve a si e ao outro, constrói sua identidade do eu. O desenvolvimento da identidade passa por uma formação discursiva da vontade, relacionada com a autonomia dos indivíduos inalienáveis e sua inserção em formas de vida partilhadas intersubjetivamente.

Em vários momentos do diálogo com os alunos, ao afirmarem o que eram, precisavam da validade do outro para confirmarem quem eles eram, porque agiam da forma que diziam:

- Antigamente era pior porque eu via meus pais como ... eles era muito ... tal, só que depois eles foram se acostumando com meu jeito, e foram me entendendo e, hoje, eles são mais simples assim. Até a questão dos meus amigos, eu tinha muitos amigos que iam lá em casa, aí eles ficavam olhando assim tal, **e hoje eles vão de boas, né Jonas?**(grifo nosso) (ALUNA DANIELA. 2017)

- Na igreja é, eu posso dizer que piorei bastante nos últimos anos, por causa que, antigamente, eu era muito da igreja, eu tava sempre na igreja, **Erica sabia**, eu era coroinha **né?** Era coroinha, depois que eu saí, eu piorei bastante, não ia mais nos encontros, eu dava catecismo, agora não dou mais, é isso! (grifo nosso)! (ALUNO JAIR 2017)

- A ... eu na escola, tipo assim ... eu não me considero muito bagunceiro né? (ALUNA DANIELA. 2017)

- Quê mais... eu sou uma pessoa muito extrovertida, alegre, né? Eu tenho um humor muito diversificado, quem está sentado perto de mim sabe que, às vezes, eu tô de bom humor, mau humor, hoje, por exemplo, cheguei de **mau né, Bia?** Foi assim de manhã. (grifo nosso) (ALUNO JONAS. 2017)

Muito comum em suas falas é utilização do marcador discursivo “né”. Na linguagem coloquial, tal termo é uma expressão colocada como um vício de linguagem, todavia, nas expressões aqui elencadas, denotam uma certa insegurança, uma busca de confirmação do outro que ouve o que é dito. Tal busca é parte de uma relação de reconhecimento e de entendimento. Consoante Habermas (1987, p. 224), um dos elementos do agir comunicativo é a busca do entendimento atuando no desenvolvimento da identidade, essas pretensões de validade se instauram sobre os atos de fala. Segundo o autor:

No momento em que alguém solicita que o outro tome posição em relação a seu ato de fala dizendo “Sim” ou “Não”, está reconhecendo que o outro é um ator responsável. No agir comunicativo, cada um reconhece a própria autonomia do outro.

Habermas conduz sua discussão para atentar-se que ao interagir com outra pessoa por meio da fala, o falante insere-se em um mundo construído socialmente e regido por normas onde cada ser ocupa um papel social. O falante pretende ser ator, pretende ser reconhecido em sua individualidade e em sua vontade autônoma.

Analisando a importância que o outro tem na formação da identidade, Erikson (1976, p. 21), salienta, que há uma relação na forma que percebo que o outro me percebe, é um processo de reflexão, em que o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, conforme o autor, “enquanto ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele”, atividade que ocorre na maioria das vezes de forma inconsciente.

Desta forma, unicidade, essência, transformação, compreensão de si e do outro, são elementos que na concepção dos alunos, perpassam a definição de identidade. Essas variações apresentam algo em comum, apontam para a compreensão de um sujeito que sabe que sabe ou de uma consciência para si, de um sujeito que é capaz de objetivar-se nas relações que tecem com o outro.

Falar de identidade nos faz perceber a relação entre sujeito e sociedade, entre o eu, o outro e nós, numa relação dialética, que ao mesmo que constituo enquanto eu o outro também é constituído, que influencia a minha constituição ou a consciência de que sou eu no outro e outro em mim sou eu (CIAMPA, 1987).

A reflexão de Habermas (1983, p.51), sobre o conceito de identidade, parte da ideia de que sua formação dá-se pelas interações simbólicas entre indivíduo e sociedade mediada pela linguagem. Na interação de um sujeito com o outro, estabelecem relações que visam o entendimento, Habermas denominou essa relação de agir comunicativo. No desenvolvimento desse, há também o desenvolvimento da identidade. Ambos os conceitos estão presentes em diversos trabalhos do autor. Seu interesse não é apenas afirmar o que é identidade do Eu ou definir o que é o Eu, mas elaborar uma teoria que dê conta da complexidade do que é humano, seu processo de evolução social e instrumentalizar o seu agir. O conceito de identidade do Eu não possui, evidentemente, um sentido apenas descritivo:

Ele indica uma organização simbólica do Eu, que, por um lado, reclama para si exemplaridade universal, sendo situada nas estruturas dos processos formativos em geral e tornando possíveis soluções ótimas para os problemas da ação, os quais aparecem invariavelmente em diversas culturas [...].

Ao analisar a questão da identidade, Habermas (1983) fundamenta sua teoria, principalmente, nos estudos de Marx. Para ele, as sociedades passam por uma evolução social e a racionalidade do agir tem efeitos não apenas sobre as forças produtivas, mas também, sobre as estruturas normativas. Tanto a atividade produtiva, como a práxis têm influências no agir comunicativo e no agir racional. E essas relações estão imbricadas na formação da identidade do eu e na normatividade de uma sociedade. Para Habermas (1983, p. 14):

As linhas de junção não passam apenas entre a teoria do agir comunicativo e os fundamentos do materialismo histórico. Ao examinar as hipóteses singulares sobre a teoria da evolução, deparamo-nos com problemas que, ao contrário, tornam necessárias considerações de teoria da comunicação. Enquanto Marx localizou os processos de aprendizagem evolutivamente relevantes (na medida em que encaminham as ondas de desenvolvimento das épocas) na dimensão do pensamento objetivante, do saber técnico e organizativo, do agir instrumental e estratégico – em suma, das forças produtivas - emergiram nesse meio tempo boas razões para justificar a hipótese de que também na dimensão da convicção moral, do saber prático, do agir comunicativo da regulamentação consensual dos conflitos de ação têm lugar processos de aprendizagem que se traduzem em formas cada vez mais maduras de integração social, em novas relações de produção que são únicas a tornar possível, por sua vez, o emprego de novas forças produtivas. Uma posição importante para a estratégia teórica chega assim a tocar nas estruturas de racionalidade, que encontram expressão nas imagens do mundo, nas ideias morais e nas formações de identidade; que têm eficácia prática nos movimentos sociais e que por fim se materializaram em sistemas de instituições.

Conforme Habermas (1983, p.33), a forma como as pessoas agem exigem uma racionalidade em suas escolhas. Assim, haveria o agir estratégico em que as pessoas agem a fim de obter seu próprio sucesso e o agir comunicativo, esse “[...] não está relacionado a racionalidade da ação, aos meios escolhidos, o aspecto estratégico da ação, mas apenas sobre o aspecto prático moral da capacidade de entender e coordenar o sujeito de ação [...]” depende do incremento de normas subjetivamente válidas, de acreditar no bem que se faz ao outro e a si.

3. OS SENTIDOS ELABORADOS PELOS ALUNOS DO ROMANCE *KARINA*

(...)
 o outro
 que há em mim
 é você
 você
 e você
 (LEMINSKI, 1983. p. 12.)

3.1 KARINA: UM POUCO DE SUA HISTÓRIA

O romance *Karina*, escrito por Virgínia Gasparini Tamanini, escrito na década de 1960, relata a história de imigrantes italianos, que saíram da região de Trento, norte da Itália para o núcleo populacional de Timbuí⁹. A autora ressalta as dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, o cotidiano na nova terra, demonstrando como esses sujeitos foram capazes de reconstruir suas vidas em um novo país.

A autora nasceu no Espírito Santo na fazenda Boa Vista, no Vale do Canaã em 1907, era filha de imigrantes italianos Epiphânio Gasparani e Catharina Tamanini. Desde cedo dedicou-se a escrita, escrevendo em 1922/1923 o folhetim Amor Sem Mácula, publicado no jornal “ O Comércio”, de Santa Leopoldina. Dedicou-se também a música a pintura, mas foi na literatura que se destacou. Fundou em 1945 a Academia Feminina Espírito-Santense de Letras, escreveu diversas obras literárias , como *Filhos do Brasil* (1939), *Em Pleno século XX* (1941), *A voz do coração* (1942) sonetos, dirigiu a peça *Atala, a última das druidas das Gálias* no teatro Carlos Gomes em (1948), entre outras peças e romances, sendo *Karina* publicado em 1964. A autora fora uma figura proeminente no cenário da literatura capixaba.(BISOLI, 2015)

Em *Karina* Virginia Tamanini, temos a narrativa da história de vida de Karina, imigrante italiana que deixou o seu país seguindo o seu marido para vir ao Brasil, encontrar o tão sonhado ouro, construir uma nova vida, com a possibilidade de ter um pedaço de terra.

Na viagem, Karina descobre que sua principal amiga, Landa também viera com o marido, tornando sua grande companheira de aventuras. Ao chegar ao Brasil, Karina

⁹ Antigo nome de Santa Teresa

enfrenta as dificuldades de uma jovem recém-casada sem um tostão no bolso, a não ser a vontade de trabalhar. O grupo de imigrantes que fazia parte fora destinado para a construção de estradas, tendo que enfrentar uma mata densa, um clima totalmente diferente, os perigos do trabalho e as doenças causadas pelas precárias condições em que viviam.

Virgínia Tamanini reconta no livro a história de seus antepassados. Silvana Bisoli (2015) afirma que nesse romance a autora aborda a história de sua família que viera para o Brasil no século XIX, Epiphânio Gasparini e Catharina Tamanini. Retrata temáticas como o crescimento de cidades fundadas por imigrantes, o surgimento de Santa Teresa, o cotidiano dos imigrantes, festas, casamentos, religiosidades, e a situação das mulheres naquela época. Narrado em primeira pessoa, é Karina que nos conta sua saga, seus sentimentos, suas escolhas, são suas impressões que são lidas.

3.2 A IDENTIDADE DE PAPEL EM KARINA

As pessoas, à medida que, interagem umas com as outras constroem quem elas são. Para Habermas, os seres humanos possuem a capacidade de construir sempre novas identidades, superando as anteriores e organizando a si mesmos, isso ocorre cotidianamente e ao longo da vida. A formulação de novas identidades acontece em momentos de crise e de confronto, o que possibilita que a identidade das pessoas se quebre e se inicie uma nova vida. São nos contextos de vida de cada um que se funda sua identidade individual. Segundo o autor:

(...) quando uma pessoa é confrontada com exigências que estão em contradição com as expectativas surgidas ao mesmo tempo e igualmente legítimas ou também com as estruturas de expectativas experimentadas e assumidas no passado, (HABERMAS. 2002, p. 238)

Nas discussões feitas sobre o livro em sala de aula, os alunos pontuaram elementos que consideraram importantes da vida de Karina, ressaltando aqueles em que ela teve de afirmar quem era, fazendo escolhas, construindo novos valores. Para eles, ao longo da narrativa a personagem foi se modificando, construindo uma nova identidade através das relações que eram tecidas, ela foi sendo moldada pela nova sociedade em que vivia.

A pesquisa em sala de aula foi pautada nas impressões e indagações dos alunos sobre o romance. Como a protagonista ao longo da narrativa foi se descobrindo como Karina, um sujeito de ação que fez escolhas que a constituiu como tal. O romance não tece considerações sobre o que é o ser, mas ao recontar a história de um grupo de pessoas. A autora Virgínia Tamanini criou personagens que serviram como referências, idealizações de sujeitos, elaborou imagens no intuito de atribuir sentidos para si e para o outro, significados para a sociedade.

Nos diálogos em sala, um dos primeiros pontos abordados pelos alunos foi sobre a vinda de Karina para o Brasil. O fato de abandonar sua família e seguir o seu marido. Isso ocorre logo no início do romance em que a personagem Karina é apresentada como uma jovem que mesmo sem estar apaixonada, casa-se com o seu primo, Arthuro. O casamento foi arranjado por seu pai para afastá-la de uma possível paixão pelo costureiro Alexandre. Após o enlace o casal mora com os familiares da noiva, posição que Arthuro não aceita e começa a sonhar com as propagandas feitas por um agenciador¹⁰ de imigrantes de um lugar chamado Brasil, onde é possível ficar rico encontrando ouro e tendo seu pedaço de terra. A possibilidade de ir para outro país não é aceita pelos pais de Karina, Arthuro então impõe a ela ou ir ou ficar sem marido. No início Karina ficou indecisa entre acompanhar o marido e deixar seus pais:

A partir desse dia tudo ficou desajustado. Arthuro ausente, eu a chorar pelos cantos, sem saber o que fazer. Passava as noites em claro, a refletir. Mas não encontrava a resposta que buscava. Acompanhar Arthuro ou ficar com mamãe, como papai? Tia Melania procurava convencer-me a ir.

- É seu marido. Você já esqueceu o juramento feito diante de Deus?

- Não me fale em Deus, tia Melânia. As vezes penso que não existe. A senhora diz sempre que “non cade una foglia se non é Dio que voglia”. Devo acreditar que Deus quer que abandone meus pais? Seria Deus tão mau assim?

Tia Melânia não se confunda:

- O que Deus determina é que está certo, minha filha. (TAMANINI. 1985, p. 13)

¹⁰ Pedro Tabachi, foi um italiano que veio ao Espírito Santo por volta de 1850 com o intuito de se tornar fazendeiro na região de Santa Cruz, às margens do rio Piraqueçu. Elaborou um projeto de trazer dezenas de famílias de compatriotas trentinos, para isso foi à Itália e fez a propaganda do Estado, trouxe consigo várias famílias de italianos em 1874, o projeto não deu certo, as famílias se rebelaram contra as condições de trabalho e a falsa propaganda que este fizera. (BUSATTO, 2002).

O fato da personagem abandonar a seus pais apareceu em diversos momentos na sala de aula:

- Como ela pôde abandonar sua família, só por causa do marido? (ALUNA AMANDA, 2017)
- De início ela não queria ir, mas ela foi para acompanhar o marido dela e a tia dela falou que ela deveria ir. (ALUNA DANIELA, 2017)
- De início ela não queria ir, mas ela foi para acompanhar o marido dela, ela tem algumas memórias, de como era a vida dela com a mãe e com o pai, mas não mostra ela arrependida. (ALUNA DAIANE, 2017)
- E ela casa com o primo, credo, ela nem gostava (ALUNA CAMILA, 2017).

A escolha feita por Karina foi questionada por alguns alunos, que não aceitaram sua atitude, seguir o marido e deixar seus pais, isso pode indicar, como a família é algo primordial e tem uma centralidade na constituição de quem são;

- Família para mim é tudo, tudo que sou depende de minha família. (ALUNA MAIRA, 2017)
- O que você é depende muito da família em que você vive, então para mim é muito importante.(ALUNA DAIANE, 2017)
- Com a minha família é o lugar onde eu posso ser eu mesmo, eu me sinto bem. (ALUNA LARA, 2017)
- A minha motivação vem da minha família e dos meus amigos, eles me incentivam a não desistir do que eu quero na minha vida.(ALUNA MAIRA, 2017)
- Quem é você, né? Eu sou Geovan. Li, tenho 17 anos /16 anos/ é mesmo é 16, né, véi? Só que vou fazer 17 anos. E o que faz você ser você? Minha família, né, me caracterizou, porque... hoje a gente é caracterizado pelo que a gente é na base familiar, no alicerce familiar, aí dali a gente parte pro ponto..., ((ALUNO GEOVAN, 2017)

Para os alunos, a família tem um lugar importante em sua formação, na definição de quem eles são, dos valores que compartilham e das escolhas que fazem. Como poderia alguém abandonar a família para seguir um marido, uma pessoa que faz parte de sua vida recentemente, é uma das possibilidades de interpretação da fala da aluna, que salienta que ela nem gostava tanto dele. Para Habermas (1983, p. 81), é no seio familiar que a criança adquire as universalidades simbólicas da identidade de papel. Na psicanálise freudiana o mito de Édipo, coloca a família em lugar central para a formação do sujeito e seu inconsciente, segundo Carvalho Filho e Camilo Chaves (2014. p. 114) “no Édipo, vivido na família, reedita-se a renúncia pulsional sob a pressão da autoridade paterna e, posteriormente, da instância que substitui e prolonga o pai – o supereu”.

A família é o princípio do autoconhecimento do aluno, sua referência para ele ser o que é. Em suas falas, ela se caracteriza como o geral, por meio dela elabora suas identificações, se diferencia e particulariza. Segundo Ciampa (1987), a família é parte da mediação entre indivíduo e sociedade em que o sujeito se localiza. A família possui uma centralidade para a vida dos alunos, ser quem são passa primeiro pela família, isso indica o fato de não compreenderem a escolha de Karina.

Alguns alunos tentaram justificar a decisão da personagem mostrando que era um preceito religioso como observou a aluna:

- Tem essa ideia que, antigamente, mulher deve acompanhar o marido. (ALUNA IARA, 2017)
- O lugar, eu teria abandonado minha família, eu ia porque a tia dela falou “o que Deus uniu o homem não separa”. (ALUNA TATIANE, 2017)
- Naquele tempo não existia divórcio! (ALUNA MAIRA, 2017)

O preceito divino estaria acima da escolha em ficar com a família, e isso justificaria a decisão de Karina. A religião demonstrou ser outro ponto fundamental para constituição de suas identidades, pois pautam suas escolhas a partir do que lhes foram ensinados na convivência religiosa. Entre os alunos que participaram da pesquisa, nenhum declarou que não seguia um preceito religioso. Alguns ao serem questionados sobre a religião em suas vidas salientaram o quão importante foi e é a religião:

- Eu frequento a igreja também desde pequeno. Fui batizado na igreja católica, sempre seguindo né, o catecismo e tal. Só que depois que crismei eu, quanto crismei, quando sai como coroinha, eu me afastei bastante. Eu frequento igreja porque, tipo assim, eu acho que assim, você, às vezes, fica com um peso muito grande, se você ficar muito tempo sem a igreja, e quando você vai, eu me sinto mais leve, eu me sinto realizado. (ALUNO JONAS, 2017)
- É eu frequento uma igreja sim, por quê? Bom ... É... por que lá eu me sinto muito bem, por que eu acredito em várias coisas relacionadas a religião. Eu comecei pelo meu próprio interesse quando eu fiz onze anos, que eu já tinha uma mente aberta relacionado a religião, relacionado a minha igreja, é desde de pequena ela significa algo pra mim, por que, meus pais me levam desde de quando eu nasci, eu nasci praticamente dentro da igreja, e ela significa algo para mim desde pequena e eu não pretendo sair de lá. (ALUNO LUÍS, 2017)

Em sua fala Jonas, ressaltou o “peso” que sente por não ir à Igreja. Talvez na concepção da aluna Tatiane, de que a personagem Karina deveria seguir o preceito divino, também esteja implícito o peso de ir contra um mandamento. Nos estudos

feitos por Habermas (1983, p. 64), observa-se que, no desenvolvimento da identidade do eu, o sujeito age mediante o ordenamento social, com receio da punição que pode ter ou o que os outros irão falar. Essa identidade é denominada pelo autor de identidade de papel, seguem-se modelos: a mulher casada deve seguir seu marido porque a sociedade, baseada em uma normatividade e uma moral religiosa quis assim, “são pessoas de referência dependentes de papéis e, mais tarde também anônimos portadores de papéis”.

Ao falar sobre a atitude de Karina para com o casamento, algumas alunas lembraram de suas situações em família. Assim, uma aluna descreveu sua relação com seu pai quando começou a namorar:

- O meu pai, ele mudou um pouco comigo depois que eu comecei a namorar, porque ele queria que eu assumisse um relacionamento quando eu terminasse os estudos totalmente. E como eles são separados, pra minha mãe ela falou bem assim que preferia eu namorando uma pessoa certa, do que ficar com um e outro e no consentimento do meu pai não é isso , só que ele viu que não tinha outro jeito ele aceitou entendeu.(ALUNA MAIRA, 2017)

Outra aluna recorda do momento em que seus familiares perceberam que ela não queria casar de imediato, e sim, estudar:

- Minha mãe e meu pai, eles não foram ligados aos estudos, não por ela, mas sim pelo meu avô, meu avô não queria que ela terminasse o ensino médio, não deixou e tal. Então ela nunca pensou muito, tanto é ela achava que eu é ... minha irmã...eu ia sair de casa casada. Minha irmã saiu eu não. Até ano passado ela não gostava dessa exceção, só que ela aprendeu, eu acho que ela aprendeu, com meu jeito de ser que a decisão é minha, ela pode dar conselhos mais...(ALUNA DAIANE, 2017)

Nas falas das alunas transparece a importância do consentimento de seus familiares para suas escolhas. A aluna Maira, observa como pai mudou o comportamento com ela quando começou a namorar e a posição de sua mãe, que diferente do pai, deu o consentimento de imediato, talvez por serem divorciados, a mãe queria aproximar-se da filha. Já a aluna Daiane, tenta compreender o fato dos pais não terem estudado e não darem tanta importância aos estudos, mas ao casamento. São falas provindas do entrelaçamento entre o que o romance relata e a vivência dos alunos, o que nos faz perceber que a literatura desperta sentidos e emoções, como afirma Antônio Cândido (2006, p. 29) a literatura “produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais”.

O leitor, o aluno, produz sentidos ao se deparar com a literatura, são lidos de acordo com a experiência de vida, com o arcabouço das leituras anteriores, do momento histórico em que se encontra, segundo Hans R. Jauss (2019 p.70), há de se levar em consideração o leitor o processo histórico pelo qual o texto é recebido, em *Teoria da Recepção* o autor enfatiza essa relação:

Ou seja, de um lado aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores em tempos diversos. A aplicação, portanto deve ter por finalidade comparar efeito atual de uma obra de arte com o desenvolvimento histórico de sua experiência e formar juízo estético, com base nas duas instâncias de efeito e recepção.

As colocações das alunas denotam uma insatisfação com a aceitação de Karina ao casamento, ao fato de vir para Brasil seguindo o marido, “como pôde abandonar a família?” (ALUNA AMANDA, 2017), e essa se amplia com o fato de Karina ser filha única. Todavia, deve-se atentar que as opções de escolhas do personagem eram poucas, marcada por um contexto no qual predominava a família patriarcal. O futuro de Karina, caso resolvesse ficar, era incerto, enfrentaria o estereótipo de uma mulher separada. A explicação de uma aluna tendeu um pouco para esse lado, quando salientou que seguir o marido era um mandamento divino e outra evidenciou que naquela época não existia o divórcio. Claro que estamos nos referindo a situações em que tempo e espaço são completamente distintos, o período a que a narrativa se refere e o momento em que os alunos vivenciam, são condições sócio-históricas específicas, mas a leitura do livro suscitou nos alunos questionamentos das relações sociais que tecem com seus pais e como ocorrem suas escolhas.

A situação de Karina remete a algo recorrente entre os imigrantes italianos que vieram para o Brasil e principalmente para o Espírito Santo. A imigração italiana para esse Estado foi, segundo alguns autores, de cunho familiar¹¹, com uma estrutura patriarcal. Essas famílias eram numerosas, com a chefia assentada no marido, como figura provedora do núcleo, a mãe, era atribuído o cuidado com a casa, a educação dos filhos e a ajuda na lavoura. Para Colbari (1997, p. 2), a família era a unidade de produção e reprodução. O autor salienta que:

As famílias italianas eram inicialmente alojadas em um barracão para depois se dispersarem cada uma para seu lote. O modelo de família era o

¹¹ Entre eles Colbari (1997), Dadalto (2008) e Alvim (1986)

patriarcal, onde a autoridade sobre a mulher, filhos e agregados cabia ao pai, principal provedor do núcleo familiar. As famílias eram numerosas e a emancipação dos filhos somente ocorria com o casamento, fato não necessariamente marcado pelo abandono da propriedade paterna. À mãe, a quem os filhos deviam dedicação e respeito, cabia o cuidado e a educação da prole.

Segundo Zuleika Alvim (1986), ao estudar a imigração italiana para São Paulo, os grandes proprietários de terra, preferiam a vinda de famílias, em vez de pessoas solteiras.

Tanto a sociedade que o livro representa quanto a que as alunas estão imersas, compartilham de um modelo familiar que tem suas raízes na família patriarcal¹². Colbari (1997, p. 3) ao falar sobre a importância da família patriarcal na sociedade brasileira afirma que por mais que esta configuração não tenha ocorrido em todas as famílias ela serviu como modelo a ser seguido:

Mesmo admitindo-se que este modelo de família não prevalecia no conjunto da sociedade brasileira, não se pode negar a sua importância na inspiração de uma ética social e política que formulou e articulou comportamentos e mentalidades, tendo marcado todas as demais formas de organização familiar, inclusive a família conjugal moderna. Sobre a importância da família na imigração

Nesse entrelaçamento de comunicação, a identidade é a todo momento colocada em pauta, pois para Habermas (1990), a identidade é construída, comunicativamente, sua formação perpassa por um processo de estruturação simbólica a partir de relações intersubjetivas mediadas pela linguagem. Habermas (1990, p. 186) considera que e as instâncias reguladoras do comportamento na sociedade migram de fora para dentro:

[...] na medida em que o sujeito cresce através do processo de socialização e incorpora inicialmente aquilo que as pessoas de referência esperam dele, passando em seguida a integrar e a generalizar, através da abstração, as expectativas múltiplas, inclusive contraditórias.

Nesse sentido, tanto Karina quanto as alunas, ao relatarem suas experiências, tomam seus posicionamentos, fazem suas escolhas, pois vivem em uma sociedade

¹² Uma das definições para família patriarcal seria aquela em que o homem assumi papel central de mando e influencia sobre os sujeitos, segundo Eni Samara (1983, p.16) “o Chefe do Clã ou grupo de parentes cuidava dos negócios e tinha por princípio, preservar a linhagem e a honra da família, exercendo sua autoridade sobre a mulher , filhos e demais dependentes sob a área de sua influencia”. Vários são os autores que salientam essa formação da família brasileira, principalmente Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala (2003), pois discordam dessa generalização da família patriarcal, esse modelo não fora tão hegemônica quanto esses autores afirmaram.

permeada por regras que, na maioria das vezes, as levam a ter tal atitude. E nesse momento de suas vidas, vivem o que Habermas (1990, p.117) denomina de identidade de papel, que para tal, pressupõem três condições:

- a) os papéis sociais dos participantes da interação precisam assumir a posição do outro participante, podendo trocar de lugar, passando também a ser observador [...]
- b) só se constitui papéis sociais quando os participantes tem a sua disposição um horizonte temporal [...]
- c) os papéis sociais podem ser articulados a mecanismos de sanção quando esses controlam a ação dos participantes [...]

Na identidade de papel, o sujeito não questiona as atitudes que lhe são colocadas como certas, a caminhada para uma crescente autonomia é longa, requer que no processo de interação mediado pela linguagem que se estabelece com o outro, o indivíduo tenha capacidade questionar normas que considere injustas e fazer escolhas baseadas em princípios cada vez mais universalizantes.

Uma outra atitude de Karina problematizada, pelos alunos, refere-se ao fato da personagem jogar gatos pretos na casa de Malvina, amante de Arturo, para acabar com uma festa de despedida, que esta organizara para Arturo, regada a bebidas (TAMANINI,1985, p. 81). Os alunos perguntaram como poderia Karina aceitar tal atitude do marido e não questionar o esposo e a si próprio sobre sua condição de mulher traída:

- Achei engraçado que ela nem considera o fato de separar do marido, eu fiquei procurando pra ver se ela separa e nada (ALUNA BIANCA, 2017).
- Verdade. Não falou nada (ALUNA CAMILA, 2017).
- Porque eles seguem a risca, eles eram muito católicos também, então eles seguiam os mandamentos da igreja que o casamento só separa com a morte (ALUNA AMANDA, 2017).
- Acho que não precisava ela jogar gatos, ela coloca a culpa só na mulher (ALUNA ANA BEATRIZ, 2017).

Isso nos remete a pensar sobre como as normas são construídas e podem ser questionadas, a aceitação da traição do marido por Karina, sua atitude diante do fato jogando gatos na casa de Malvina, e colocando a culpa da traição na mulher, está implícita na fala da aluna, “ela coloca a culpa só na mulher” (ALUNA ANA BEATRIZ, 2017). Sobre esse fato uma outra aluna pontua a atitude de Arturo, diante de tantas dificuldades ainda era capaz de trair a mulher:

- Parte que eu achei mais interessante do livro, foi que o Arturo foi meio que sem vergonha, por causa de tudo que tava passando, ele tinha perdido o

filho, o filho tinha morrido por causa do inverno, que é na região de Santa Teresa que é muito frio, tinha perdido o filho, a mulher sofrendo mesmo assim ele traía ela com outra menina, aí ela e a Vanda resolve seguir ele porque ele disse que ia viajar a trabalho, e ele foi pra casa dessa mulher, tava tendo uma festa lá, um monte de homem casado com outras mulheres e elas pegaram um monte de gato preto e jogaram dentro casa assim, saiu arranhando todo mundo e ela foi pra casa de novo (ALUNA AMANDA, 2017)

As alunas questionam o fato mediante as atitudes que elas poderiam tomar e não compreendem que a forma de agir de Karina como mulher casada são pautadas na normatividade social presente daquela época, assim como a atitude dos alunos em questioná-la são pautadas nos valores desta época. Conforme Habermas (1983, p. 24):

A unidade da pessoa, que é construída através de uma auto-identificação intersubjetivamente reconhecida (analisada por G. H. Mead) apoia-se sobre a participação na – e sobre a delimitação da – realidade simbólica de um grupo, assim como sobre a possibilidade de se localizar tal realidade.

A forma de agir do personagem e dos alunos retomam uma questão que fora colocada anteriormente: a identidade de papel. A posição de Karina está ligada às referências de mulher de sua sociedade, a sua identidade de papel. Para Habermas (1983, p. 26), uma atitude pessoal “é limitada pelo horizonte de todas as possíveis experiências e ações que podem ser atribuídas ao indivíduo no intercâmbio com seu ambiente social”. Karina age desta forma, pois foi a possibilidade que seu ambiente social lhe possibilitou, o mesmo ocorre com alunos que questionam sua atitude, o momento atual é marcado pelo questionamento dos papéis sociais atribuídos e vivenciados por homens e mulheres. A identidade de papel, segundo Habermas (1983), é uma identidade atribuída, e as pessoas a internalizam, proporcionando seguridade ao indivíduo, faz com que permaneçam presas a convenções, a regras de um grupo, representa a vontade coletiva sobre o indivíduo.

No processo de desenvolvimento da identidade do eu, há um crescente abandono de identidades atribuídas, inicialmente ligadas a papéis familiares, posteriormente vinculadas às tradições e às instituições da comunidade política para, enfim, chegar à maturidade, com uma identidade amplamente abstrata.

Todavia, Karina não é apenas mulher, esposa. Ela é filha, mãe, sobrinha, católica, imigrante, assume diversos papéis em um determinado momento, assim como os alunos, que não são apenas alunos, são filhos, são homens, mulheres, brancos,

negros, homossexuais, heterossexuais, uma infinidade de papéis são vivenciados, e que durante as conversas em sala de aula ficaram expostos. Há um complexo de representações de papéis, que designa uma aparente substância, as diversas formas de se apresentar através dos diversos papéis que podem ser vivenciados pelos sujeitos na atividade social, dão sentido aos projetos de vida de cada um e possibilitam sua superação. Para os alunos Karina tem uma identidade, em suas falas observaram:

Karina tem uma identidade, ela sabia o que queria (ALUNO JONAS, 2017).

Sim ela tem, ela era muito decida e corajosa (ALUNA THAÍS, 2017).

Claro todo mundo tem identidade (ALUNO VINÍCIUS, 2017).

Ter uma identidade de papel significa que o individuo ainda não alcançou uma identidade do eu, para Erikson (1976, p. 22), os papéis desempenhados por uma pessoa são apenas meras aparências, “tímidas ou as meras posturas enérgicas não tem possibilidade alguma de ser a coisa autêntica, embora possam ser aspectos dominantes daquilo a que hoje se dá o nome de busca de identidade”.

Ciampa (1987) denomina essa identidade de papel, de representação, em que se assume um papel perante outro, a mulher tem seu outro que é o homem, o aluno tem o outro, o professor. Conforme Ciampa (1987, p.61):

[...] não só a identidade de uma personagem constitui a de outra e vice-versa (o pai do filho e o filho o do pai), como também a identidade das personagens constitui a do autor (tanto a do autor constitui a das personagens).

A multiplicidade das determinações sociais se reflete nas representações individuais do sujeito, “se não há nada que não seja devir, a superação, no devir, não é aniquilamento, mas metamorfose: morte-e-vida” (CIAMPA, 1987, p. 151). Ao mesmo tempo em que ele transforma sua realidade, luta para se alterar, modificando seu entorno.

3.3 IDENTIDADE E SOCIEDADE EM KARINA

Na teoria de Habermas (1983) sobre a constituição da identidade do sujeito, o Eu se constrói ao longo dos processos de vida, em relações de reconhecimento de si e

pelos outros. O sujeito enquanto ser, é uno, mas se constrói na multiplicidade de escolhas e mudanças. Habermas (1993, p. 78), assevera que a identidade da pessoa para ser formada necessita de que os sinais de auto-identificação sejam reconhecidos intersubjetivamente:

Distinguir-se a si mesmo e dos outros deve ser algo reconhecido por esses outros. A unidade simbólica produzida e mantida através da auto-identificação, apoia-se, por sua vez, no fato de ser estar inserido na realidade simbólica de um grupo, na possibilidade de se localizar no mundo desse grupo.

A identidade de uma pessoa se processa como uma diferença em relação a esse outro, que ao ser reconhecida torna-se um igual, pois o diferente não se perpetua como diferente, falar de identidade passa por um autorreconhecimento de si e do outro, algo que é dialético e se processa continuamente.

Ao longo das discussões em sala sobre o romance *Karina*, muitos alunos ressaltaram como a personagem Karina se sentiu diferente nas terras do Brasil, não entendia os costumes, estranhava o clima:

Eles estranhavam algumas coisas, tipo na festa de São João, que aparece no livro, eles estavam acostumados sempre que tivesse uma festividade, eles a sentarem para rezar e tal, mas na festa que eles vieram aqui o povo só ficava pulando, saltando de alegria (Brasil) então eles estranham, esse povo brasileiro é meio doido assim. (ALUNA HELLEN, 2017)

O trecho do romance a que a aluna se refere é quando Arthuro convida Karina para a casa de um amigo no dia de São João. Na concepção de Karina, dia santo era apenas para fazer orações em grupo, no entanto, encontrou festejos, fogueiras e balões:

Arthuro chegou em casa dizendo que Lopes convidara os imigrantes para a festa de São João, que naquele dia se comemorava. Recomendara que levasse lenha grossa.

- Fogueira para espantar os bichos – pensei-. –E voltei-me para Landa;

- Não vamos esquecer o livro de orações e o terço.

[...]

Estávamos chegando.

Mariana Vicentini veio ao nosso encontro e contou que preparavam uma fogueira enorme e iam soltar um balão de papel.

-Balão de papel? – perguntei, admirada. – Santo Deus, mas para que um balão de papel?

-Que sei eu? São uma gente estranha esses brasileiros. Também já perguntei. Mas nunca sabem por que fazem as coisas (TAMANINI. 1985, p. 45).

Para a personagem, os brasileiros agiam de forma diferente ao que ela fazia na Itália em dia de santo. Para a aluna que destacou esse fato do livro, o brasileiro é assim, gosta de festa. Tanto para a aluna quanto para o personagem, há uma forma de agir que é do brasileiro, no romance há a indicação que é uma gente estranha e não sabe por quê faz as coisas.¹³

A aluna Thaís chamou atenção para a continuidade das práticas religiosas entre os descendentes de italianos e observou que as famílias italianas que residem no município são católicas, e isso demonstra, em sua colocação, a permanência da religiosidade do italiano:

- Então você pode ver que todas as famílias que são italianas o catolicismo é muito forte, tanto na família de Daniel, na família Brunele, Ian também a mãe dele é católica, então você vai perceber, que no livro fala que o catolicismo é muito forte e até hoje na família dos italianos o catolicismo é muito forte, e ajudou eles aqui no Brasil, a perceber que tinha algo parecido com sua antiga vida (ALUNA THAÍS, 2017).

A religiosidade de Karina é percebida pelos alunos como o elemento que fez com que ela se igualasse aos brasileiros que também eram católicos, ao mesmo tempo em que ela se via como diferente, percebia que possuía elementos que a igualava ao outro, valores que compartilhavam.

Para Zuleika Alvim (1986, p. 74) esses grupos de imigrantes foram submetidos a mudanças bruscas. Nesse contexto eles interpretavam e significavam esse novo mundo por meio de antigos valores, conforme a autora “velhos valores coexistem e são usados pelo povo para adaptar-se a mudanças externas. Isso pressupõe que o povo percebe e age sobre as mudanças que experimentam apoiado nas próprias ideias e atitudes.”

¹³ O catolicismo foi um elemento de integração dos imigrantes italianos com o Brasil, segundo Cadorin (Apud CORRÊA, 2015, p. 3), o imigrante ao vir para o Brasil trouxe sua cultura, seu modo de se relacionar com o meio “as pequenas vilas trentinas, onde a religião católica era cultivada intensamente, [...] os valores religiosos foram importantíssimos para ajudar a sublimar o meio que lhes era hostil”.

A diferença também é salientada pelos alunos nas relações estabelecidas entre italianos e brasileiros, como eles se entendiam ou não se entendiam, atribuindo significados que muitas vezes poderiam não ser o que um deles estava entendendo:

- Ela pareceu não gostar muito, porque meio, o pessoal os brasileiros tinham lá o alimento e eles vendiam, mas acabavam meio que trapaceando, eles pegaram farinha achando que era queijo e o cara não falou nada, pra poder vender aquilo lá, aí ela começou... a carne estragada também, de início ela começou... não gostar muito porque eles trapaceavam (ALUNA ANA BEATRIZ, 2017).

O romance Karina narra o episódio da compra de alimentos por parte dos imigrantes com o Lopes, brasileiro, que vendeu aos italianos um possível queijo ralado. Os imigrantes, na hora de usá-lo, perceberam que não era queijo, e denominaram a farinha de mandioca de pó de pau:

Lopes escancarou as portas do armazém e um grupo aplaudiu;

- Viva o Lopes!

Bononi, já dentro do armazém, enquanto metia a mão num saco retirava dele um punha de qualquer coisa, e gritou também:

- Vejam isto! Vejam Isto! Viva a América! Queijo ralado aos sacos!

[...]

Lopes não falava italiano, mas começava a entender um pouco.

[...]

Landa, que tinha ido ao córrego, vinha chegando. Contei-lhe o fracasso. Ela provou do queijo: - Karina, cara, isto nunca foi queijo. É pó de pau. Juro que é pó de pau. . . contamos o ocorrido, ao homens curiosos, provaram o queijo.

Fomos enganados – disse Paolo. – Maldito Lopes (TAMANINI. 1985, p.35).

Muitos alunos questionaram o fato, perguntaram se o Lopes agiu com intuito de enganá-los, pois como o romance destaca, ele ainda não falava o idioma corretamente, e acharam desprestigiado o fato de nomearem a farinha de pó de pau. Essa posição demarca uma atitude de se perguntar diante dos fatos, de questionar o que é evidente:

- Eu achei engraçado... mas, talvez o Lopes vendeu como farinha, e eles que pensaram que era queijo (ALUNO BRUNO, 2017).

- É esse negócio de chamar de pó de pau (ALUNO CLAUDIO, 2017).

- É, talvez o Lopes não soubesse (ALUNA ANA, 2017).

Nesse primeiro momento da narrativa, o entendimento por meio da linguagem era algo difícil para os imigrantes e demarcava a diferença destes em relação ao outro, o

brasileiro. Para Habermas, a linguagem é o ponto crucial do entendimento, responsável pela interação, é o que media a relação entre o eu e outro. Por este motivo, em sua tese sobre a formação da identidade do eu e dos processos que desenvolvem essa instância no sujeito, o agir comunicativo, opera no intuito de encontrar consensos e em atitudes performativas. Para Lima e Neto (2014, p. 315), reconhecer a si e ao outro como sujeitos diferentes e singulares é o ponto fundamental para a construção da identidade social. Conforme esses autores:

Habermas (1971/2010) bem coloca, o que possibilita o reconhecimento mútuo de regras gramaticais e pragmáticas de comunicação (um jogo de linguagem, como diria Wittgenstein) é o reconhecimento mútuo dos sujeitos como idênticos entre si – na medida em que ambos são sujeitos – e o reconhecimento mútuo dos sujeitos como diferentes entre si – na medida em que cada um é próprio e singular. Em suma, podemos dizer que a referência, frequentemente implícita, à identidade do interlocutor numa interação social se dá em nós assumirmos as atitudes dos outros em relação a nós e os outros assumirem as nossas atitudes em relação a eles (MEAD, 1934), pressupondo reconhecimento mútuo e diferenciação mútua.

A construção da identidade individual e social do sujeito é sempre relacional e dialógica, está ligada a alteridade, como eu percebo outro e como este me percebe. Ela existe sempre em relação a outro, passando por um processo de identificação mediado pela linguagem. Para Habermas (1999), esse processo de desenvolvimento da identidade do eu está atrelado com a individuação do sujeito, que alcança elevados níveis de racionalização e autonomia.

É evidente, que nesse momento do romance *Karina*, como apontado anteriormente, ainda não ocorra este nível de autonomia, suas atitudes são demarcadas pela referência que faz ao grupo. Conforme Habermas (1999, p. 69-70):

As pessoas, enquanto sujeitos dotados da capacidade de linguagem e de ação, só se individualizam por via da socialização. Transformam-se em indivíduos na medida em que crescem no seio de uma comunidade linguística e, por conseguinte, num universo partilhado intersubjetivamente. Nestes processos de formação, a identidade do indivíduo e a da coletividade a que ele pertence nascem e preservam-se em simultâneo. À medida que a individuação avança, mais o sujeito particular se envolve numa rede cada vez mais densa, e ao mesmo tempo sutil, de dependências recíprocas e de necessidades expostas de proteção. A pessoa só forma, por isso, um centro de interioridade, na medida em que, a um mesmo tempo, se expõe às relações interpessoais estabelecidas a nível da comunicação.

O processo de socialização do sujeito passa por uma tomada de consciência de si, que se dá por meio da capacidade de se localizar no espaço, de compreender a

normatividade social, de fazer escolhas, de perceber o outro e se perceber diferente desse outro, mas ser reconhecido por esta diferença, é nessa relação que ocorre o desenvolvimento da identidade.

Os alunos, à medida que apresentavam suas impressões sobre o romance, pontuaram elementos na história de Karina que modificaram sua identidade, essa transformação se dava sempre na relação tecida com o outro considerado pelos personagens como diferente. O trecho a que os alunos se referem é este:

Uma alegria contagiante tomou conta de tudo. Pouco a pouco, aqui e ali, vozes alegres iam soltando pedaços de canções, até que a canção de Bepino começou:

Siam partiti dai nostri paesi...

Todos se puseram a cantar. De repente, houve protestos. Os ânimos, exaltados pela bebida, formaram uma guerrilha de controvérsias. Duas correntes se levantaram para se contradizer. Filhos protestavam contra os pais:

- Não queremos a canção de Bepino nos somos brasileiros.

- Vocês são uns imbecís que encontram a cama feita. Quem sofreu fomos nós

[...]

E havia o fenômeno do pobre Benedito, tapanhauna, criado por uma família de imigrantes italianos. Falava o italiano tão bem quanto eles. Na hora do barulho, estava sempre do lado destes; mas na confusão, apanhava dos imigrantes por que era preto, e apanhava dos brasileiros porque falava italiano e cantava com eles (TAMANINI. 1985, p.147).

A modificação que ocorreu na vida de Karina está atrelada à ideia de pertencimento a um lugar, à sua história e ao que passou no Brasil para construir sua vida, os alunos ressaltaram:

- Ah... aquele momento da cantoria, que eles tinham uma cantoria, que aquele carinha, fez e eles no dia que o cara morreu, e eles acostumavam a cantar muito aquilo, porem chegou a um ponto que, em que as crianças já tinham nascido aqui então ela não queriam ficar ouvindo aquilo, que elas se identificavam com o povo brasileiro as músicas. (ALUNA ALINE, 2017)

- Nesse contexto, teve um exemplo, de um rapaz que ele era negro que foi adotado por uma família de italianos, ele cantava com seus donos a música, só que depois dessa briga de velho com o novo, ele acabava brigando no pau mesmo, e falavam assim, num trecho, que o menino apanhava por que era preto, apanhava dos dois lados, do lado italiano que era preto, e apanhavam das crianças, dos jovens por que cantava dessa parte. (ALUNO BRUNO, 2017)

Nesse momento da narrativa, Karina já tinha escolhido permanecer no Brasil, já estava em seu segundo casamento, seus filhos já estavam crescidos, todos nascidos no Brasil. Para os que tinham nascido no Brasil, a lembrança da Itália não

era tão importante, mas para os antigos imigrantes, não era apenas a lembrança da Itália que era importante mas também a trajetória para se chegar ao Brasil, as dificuldades que passaram para construir uma vida digna a seus filhos.

Os imigrantes enfrentavam a dura tarefa de entender a si próprio e o outro. Recontar o seu passado era uma forma de legitimar sua posição perante grupo e justificar sua escolha de partir. Para Cristina Dadalto (2011, p. 30), essa crise minimiza:

Somente quando o imigrante consegue dissolver de si próprio a inscrição do retorno à terra natal ele deixa de ser o estrangeiro. Irá então superar os efeitos de seu duplo sentido emigrante/imigrante, cujo sentimento de ausência/presença demarca sua fronteira imaginária construída na sua relação com o lugar. Conseguir, assim, ultrapassar o limiar dos ritos de passagem da assimilação e da aculturação que o opõe na relação dele com ele, dele e o outro, dele com o outro.

A relação do imigrante com o outro, a partir do romance denota que era marcada por tensões, mas que ao longo da vivência foram encontrando formas de solucionar as diferenças. Essa parte demonstra também como os brasileiros foram percebidos e tratados pelos imigrantes. Nesse período ainda vigorava no Brasil a escravidão, mas estava próxima a se extinguir. Cristina Dadalto (2011, p. 29) salienta que:

Somavam-se às adversidades enfrentadas, as dificuldades com a língua e a cultura. Dois ingredientes a adicionar mais estranhamento à interação dos indivíduos nas regiões de fixação. Mas o futuro era objetivo comum a assombrar e projetar os desejos de transformação que estrangeiros e nacionais traziam encaixotados em suas malas e baús para a aventura da Terra Sem Males – Auá Mbaê Porã, como assim era denominado o Espírito Santo pelos tupi-guarani.

A percepção que se tem da leitura, que as diferenças que existiam entre ser italiano e ser brasileiro foram sendo atenuadas porque a terra fora conquistada por meio de duros trabalhos. Segundo Zuleika Alvim (1986. p.103), o sentido para a vida do imigrante fora sendo construído aqui no Brasil, o trabalho foi uma forma de compreender a si e significar a realidade.

Tinham por meta a reconstituição do mundo perdido no país de origem. Para isso era essencial assegurar a unidade de trabalho familiar, respeito pelo trabalhador, a reconquista da pequena propriedade. Queriam, enfim manter o que é. Franzina chama de, com pertinência, de “autonomia camponesa”.

Essa significação da vida por meio do trabalho era uma forma de compreender a si o outro, o que para Habermas, denomina-se de autocompreensão que se articula na

totalidade de um esboço de vida, que necessita da confirmação através dos outros participantes, da interação, seja ela concreta ou possível.

No processo de socialização e individuação que a pessoa desenvolve sua identidade, partido dessa premissa Habermas analisa o processo de individualidade a luz das contribuições de Mead. Para Habermas (1990, p.204), não se pode falar em identidade, sem levar em consideração o grupo ao qual o sujeito pertence, “ninguém pode dispor de sua identidade como se esta fosse propriedade sua”.

O eu que acredito ser eu, um distinto de todos os outros, que me foi dado na autoconsciência, como sendo eu. Esse núcleo intersubjetivo é resultado de um processo de individuação que ocorre por meio da interação mediada pela linguagem. Habermas (1990), interessado em analisar como o sujeito se constrói na relação de conhecer o mundo e a si, tornando-se um ser individualizado, racional e socializado, se aproximou dos estudos de G. Mead¹⁴.

Mead pontuou em seus trabalhos como ocorre o desenvolvimento da identidade através da interação mediada pela linguagem. As pessoas e descobrem a si mesmo e o outro. Por meio desse autor, Habermas construiu seu conceito de identidade, considerando que ela é formada através da relação entre mundo subjetivo e mundo exterior, no intercâmbio desses dois mundos formam-se os componentes da identidade o I (Eu) e Me. O primeiro corresponde a subjetividade, a natureza das carências, o segundo representa o caráter cunhado mediante a papéis, correspondem respectivamente o “Id e o superego do modelo estrutural freudiano” (HABERMAS, 2012b, p. 182).

Para Habermas (1990, p. 185), Mead refletiu sobre esse eu produzido socialmente, rompeu com a reflexão auto-objetivadora e iniciou um paradigma da interação mediada simbolicamente. Foi capaz de construir uma teoria plena de conteúdo e de significado da individualização social, “ele coloca a diferenciação da estrutura de

¹⁴ Autor e pensador americano, radicado na Universidade de Chicago (1863 – 1931) Foi professor de Filosofia e Psicologia na Universidade de Chicago, colega de John Dewey, Charles S. Pierce e William James e interlocutor de psicólogos como John B. Watson, Charles Cooley, Charles Morris e Jacob R. Kantor. Durante sua vida, Mead publicou dezenas de artigos em diferentes periódicos nas primeiras décadas do século XX, mas seus livros só vieram a ser editados por seus alunos e publicados postumamente. Dentre essas obras, destaca-se o livro *Mind, Self and Society: from the Standpoint of a Social Behaviorist*, editado por Charles Morris, publicado em 1934 (NETO. 2014).

papéis em contato com a formação da consciência com a obtenção da autonomia de indivíduos que são socializados em situações cada vez mais diferenciadas”. A inovação de Mead, para Habermas, está no lugar atribuído à linguagem na socialização, ela é que torna possível a relação de uma pessoa com a outra, o entendimento, os processos de aprendizagem, de construção do conhecimento e da própria identidade.

3.4 A IDENTIDADE DO EU EM *KARINA*

À proporção que assumimos nossa biografia e respondemos por ela, temos condições de retornar a nós mesmos e seguir as pegadas das interações. Essa é uma das colocações de Habermas (2012b, p. 180) sobre a identidade, saber quem somos, quem éramos e quem queremos ser, sendo capazes de fazer escolhas que refletem nossa compreensão sobre nós mesmos e os outros. Para os alunos, a personagem Karina, ao longo de sua vida, afirmou e desenvolveu sua identidade, pois as atitudes que a personagem tomava indicavam uma autonomia no agir. Interpretaram a personagem dessa forma, a partir da concepção elaborada por eles de identidade. Assim, para a aluna Amanda a identidade está ligada a “ação da pessoa dentro da sociedade”, a mesma ideia tem Wewerton que diz:

- Identidade para mim é como uma pessoa se caracteriza dentro de uma sociedade, seu modo de agir, seu modo de pensar aí se faz a pessoa, sua identidade suas características. (ALUNO WEWERTON, 2017)

- É a ação da pessoa dentro de uma sociedade, da vida suas ações e tal... (ALUNA AMANDA, 2017)

As ações de uma pessoa na sociedade revelam muito a seu respeito, assim como notamos no ditado popular que “as atitudes valem mais do que as palavras”. Habermas (1990, p. 70) pontua que agimos quando falamos e, toda ação é mediada linguisticamente. Para os alunos, pensar e agir definem a identidade da pessoa dentro da sociedade. A ação a que se referem não é apenas o andar, o correr, está relacionada às escolhas que as pessoas realizam, sendo o que as diferenciam em relação aos outros. Talvez essa seja a ideia da aluna Camila ao pensar identidade como registro: “É um registro da pessoa dentro da humanidade.”

E nesse mesmo caminho, apontaram Karina como uma mulher forte, destacando sempre suas ações:

- Ela tinha uma personalidade forte. (ALUNA SAMILI, 2017)
- O Mariano foi invadir a casa, né o Lessandro, querendo por que queria ir pra mato, e ela, não queria ficar e acabou. (ALUNO BRUNO, 2017)
- E a última decisão era sempre a dela. A outra coisa é a lenda urbana, que o marido começa a perseguir a casa. (ALUNA SAMILI, 2017)
- O padre morrendo de medo. (ALUNO BRUNO, 2017)

Ter uma personalidade forte está relacionada com a capacidade que Karina possui em tomar decisões. As falas dos alunos apontam para dois momentos do romance, o primeiro refere-se ao episódio em que Mariano, um bandido temido e conhecido na região, invade a cidade. Todos fogem para o mato, mas Karina decide ficar em seu comércio. O marido reluta e fala das consequências desse ato, Karina mantém-se firme em sua decisão e permanece na cidade. A chegada de Mariano com seu bando não impõe medo a personagem, que é tratada com respeito. Seu marido, ao contrário, apavora-se diante da situação. O bando sai e nada acontece com Karina e com seu comércio. O outro momento relata o medo de Lessandro, que começou a ver assombração de Arthuro, o esposo falecido de Karina, ela reage, naturalmente, sem se preocupar com o acontecido (TAMANINI, 1985).

Em vários momentos de diálogo, em sala de aula, os alunos ressaltavam as atitudes de Karina, salientando a coragem da personagem em ir atrás de Arthuro, o marido desaparecido:

- Outra parte que eu achei muito interessante foi a parte que ela foi viajar para Minas Gerais, para comprar mercadoria para poder vender lá na comunidade que eles estavam. Aí ele foi e não voltou e ele ficou um tempão, mais de um mês, por que ele tava viajando a cavalo, mas a tropa que foi com ele voltou, mas ele não voltou, e mesmo assim, ela sabendo de tudo que ele tinha feito, ela foi a delegacia falou com delegado, o delegado ajudou ela com algumas pessoas para ir com ela, e ela foi e quando chegou lá teve a notícia, que ele tinha morrido, o dono de uma fazenda, que eu esqueci o nome dele ... , falou que o Arthuro tinha morrido ai ela foi lá, e voltou e teve que se virar sozinha junto com a Landa.(ALUNA ELLEN, 2017)

Karina tomava decisões pensando sempre em sua família. A autora, Virgínia Tamanini, constrói a personagem como uma grande matriarca, uma mulher que se impõe dentro de seu lar, era dela a última palavra. Todavia, não era apenas a atitude de Karina para com sua família que chamou a atenção dos alunos, mas sua atitude para com os outros:

- Ela pensava no coletivo dos imigrantes, ela não pensava só nela, mas no coletivo dos imigrantes (ALUNO BRUNO, 2017).
- Em como ajudar, como o caso da carne de sola de sapato, que conseguiu fazer um negócio gostoso para todo mundo comer (ALUNA BEATRIZ, 2017).
- É e tem uma parte que ela saiu a procura de pessoas pobres para ajudar (ALUNA ABIGAIL, 2017).
- Ela ajudou Landa, Gaetano, e cuidava de tudo na família. (ALUNA BEATRIZ, 2017).

Karina era solidária com a comunidade de imigrantes que veio com ela para o Brasil, ainda mais devido às dificuldades pelas quais passaram. Quando se encontrou em uma situação melhor, foi a procura de pessoas para ajudar, lembrou-se de que na Itália sempre tinha alguém passando por alguma necessidade, alguém para dar um prato de comida. Então pensou que aqui no Brasil também não seria diferente, mas não encontrou ninguém nessa situação, decidiu, então, ajudar indicando medicamentos, pois sempre teria uma pessoa com uma dor de barriga.

Karina é percebida pelos alunos como uma pessoa boa, que se preocupava com seus familiares e com o grupo ao qual pertencia. Era uma mulher solidária. Os alunos observaram como em diversos momentos cuidou de Landa, a amiga que viera da Itália, como tratava Gaetano, um funcionário de Karina, retratado como alguém da família, responsável pela educação de seus filhos.

Habermas (1991, p. 70) ao discutir sobre solidariedade no livro *Ética do Discurso* argumenta que:

Do ponto de vista da teoria da comunicação surge, em contrapartida, uma relação mais estreita entre a preocupação pelo bem-estar do próximo e o interesse pelo bem-estar geral: a identidade do grupo reproduz-se por relações intactas de reconhecimento recíproco. Por conseguinte, o ponto de vista complementar não é a benevolência, mas antes a solidariedade. Este princípio radica na experiência da necessária responsabilidade pelo outro,

No caminho de uma identidade pós-convencional, de uma identidade do eu, a solidariedade é um ponto importante, à medida que aponta para a universalização de direitos, de oportunidades justas a todos. Não fica claro no texto se Karina procurou ajudar apenas a imigrantes italianos ou a qualquer um que pudesse ajudar. Segue abaixo o relato da personagem:

Com o propósito, talvez egoísta, de ajudar para que Deus me ajudasse percorri o arraial à procura de pobres. Não encontrei nenhum.

Interessante - pensei – apesar dos poucos ricos, não há pobres aqui. Quem trabalha tem comida e trabalho não falta. Só os doentes são pobres, porque não podem trabalhar.

[...]

Tratarei dos doentes- decidi. E na primeira viagem de Arthuro a Vitória pedi-lhe que trouxesse remédios. E ele os trouxe: óleo de ricínio, tiro-seguro e chá de amburgo (TAMANINI, 1985, p. 67).

O romance não menciona se os medicamentos eram vendidos, no entanto, assim que conseguiu juntar algum dinheiro, o marido de Karina, teve a ideia de colocar um comércio para vender o que a comunidade necessitava. Os alunos também não questionaram esse fato, se era para vender ou não, ou quem ela iria ajudar.

Em outro trecho do romance, Karina nos conta que “a solidariedade entre nossos grupos tinha o sentido de um dever sagrado. Mas, naquela hora nada restava a fazer” (TAMANINI, 1985, p.58).

Mas o que chamou atenção de todos os alunos em todas as turmas, foi a centralidade da narrativa na construção de uma personagem que sai da Itália sem nada e chega ao Brasil, começa a trabalhar e reconstrói sua vida.

- Sim por que ela passa por muitas dificuldades, inclusive, é, tipo assim no início retrata as dificuldades que ela teve, porém com o passar do tempo quando ela foi se consolidando aqui, conseguindo o dinheiro dela, tal, mais terra, ganhando condições, ela foi vendo que dava para passar por dificuldades acho que ela ficou mais rica aqui que quando ela tava na Itália, então ela acabou vendo o lado bom, de ter vindo pra cá, depois de um tempo ne, que ela conseguiu dinheiro (ALUNA ELLEN, 2017).

- Mas tipo assim, é realmente a propaganda do governo foi enganosa, mas realmente eles deram uma terra para os imigrantes, tipo assim, não terras boas, mas deram terras que davam para fazer seu puxado, perto da mata, por que quando elas vieram cá eles tiveram que abrir caminho na mata, foi muito difícil, mas assim que eles conseguiram, os que sobreviveram também né, chegar até o núcleo foi dado uma terra pra eles, uma terra virgem, que podia ser pra eles, então independentemente, tipo assim ... foi muito puxado, difícil, mas eles conseguiram se adequar aqui, lá no ambiente ficar ricos (ALUNA THAIS, 2017).

- Eles vieram em busca do ouro... (ALUNA YASMIN, 2017).

- Eles foram iludidos...(ALUNA TAIS, 2017).

De quem diz mais o texto? Do período que quer representar, do período que foi escrito ou do autor? Segundo Sidney Chalhoub (1988, p. 12), a obra literária deve ser historicizada, explorada e analisada:

[...] deve ser inserida no movimento da sociedade, investigar suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à

sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social.

O texto literário como um documento pode informar de ambos, ainda mais que tanto o período representado como o período em que foi escrito estão imersos em uma sociedade de valores capitalistas.

O mesmo pode se dizer dos alunos que ficaram empolgados com a narrativa por demonstrar como Karina foi uma mulher batalhadora que se fez pelo trabalho, passando por uma série de dificuldades até conseguir se estabilizar economicamente. Ellen chegou a dizer que acha que Karina ficou mais rica aqui do que quando morava na Itália, e acabou vendo isso como lado bom da história. A ideia de um lugar bom, expressado pela aluna Ellen, está relacionada ao trabalho e ao enriquecimento.

Ganhar dinheiro e ficar rico foram expressões utilizadas pelos alunos para se referirem ao sucesso econômico de Karina. No romance, não fica explícito o quanto de posses Karina chegou a ter no Brasil, no entanto, vários momentos da narrativa ressaltam o fato de conquistarem seu pedaço de terra, de se dedicarem a várias atividades, plantio, comércio e o valor atribuído pelos imigrantes ao trabalho. No trecho citado abaixo, há evidências de como a autora quis retratar a forma de como os imigrantes, entre eles Karina percebiam o trabalho:

Dei de ombros. Minha mente fazia seus comentários: “Pois não queriam matas? Aí estão. Não queriam terras? Aí estão. Não queriam ouro? Ah, ouro... Ganharás o pão com o suor do teu rosto. E não colhendo ouro do chão...” (TAMANINI, 1985, p.31).

No trecho, a autora reforça o que foi colocado pelos alunos: o fato dos imigrantes ganharem um pedaço de terra. Após a abertura de estradas, cada imigrante do grupo de Karina recebeu como pagamento um pedaço de terra, não foi um dos melhores terrenos, eram matas virgens que precisavam ser derrubadas, no romance não menciona o tamanho do terreno, e nem se eles receberam dinheiro.

Há também uma relação do trabalho com a religião, fazendo referência ao livro Gênesis quando Deus diz a Adão, recém-expulso do Paraíso que não terá mais as benesses de viver naquele local. Este é um dos primeiros trechos em que Karina fala do trabalho, associando como algo difícil. Mas não há a relação de trabalho com

sofrimento eterno ou como algo depreciativo para quem o exerce. Na realidade essa visão de que ganhará o pão com o suor do seu rosto, indica o trabalho como algo que dignifica:

[...] Todo homem tem na vida os seus dias de lutas impossíveis, mas esses dias devem ser, também, vividos. Por isto encontrávamos no **trabalho** o próprio sentido da vida, e na falta de conforto um conforto um estímulo a lutar por consegui-lo (TAMANINI, 1985p. 38 grifo nosso)

Direta e indiretamente, a narrativa elabora uma ideia do imigrante como aquele que via o trabalho como meio de ascensão, que o considerava como algo dignificante, não como algo cansativo e degradante. Há também a relação do trabalho com a pobreza, quando Karina diz que não encontrou pobres em sua região “não há pobres aqui. Quem trabalha tem comida, e trabalho não falta. Só os doentes são pobres, porque não podem trabalhar” (TAMANINI, 1985p. 33)

A imagem que se passa do imigrante e sua relação com o trabalho, é que nestas populações o trabalho é visto como algo positivo, o que não existia na mentalidade escravocrata da sociedade brasileira que via o trabalho manual como algo penoso e degradante. Segundo Silva Filho (2004, p.3):

A busca pelo distanciamento das atividades produtivas manuais revestiu-se de um verdadeiro sentido ritualístico que reforçou o senso de desvalorização do trabalho e o escravismo acentuou ainda mais a sua degradação porque adicionou a noção de que “o trabalho se associa, nos hábitos de pensamento dos homens, à fraqueza e à sujeição a um senhor”, portanto, o trabalho manual passou a ser compreendido como atividade indigna para um homem livre. Sendo assim, a necessidade de demonstrar a capacidade ou a possibilidade de se ver isento da obrigação de sujeição ao exercício dos ofícios e trabalhos físicos, passou a ser encarado como meio e requisito de dignificação e distinção social.

O período em que a imigração europeia é incentivada e desejada no Brasil está imerso em uma fase de transição capitalista, marcada por uma mudança econômica e cultural. É difícil mensurar aqui para qual lado pendeu a vinda do trabalhador imigrante, se fora para a mentalidade racista que se propagava na época com desejo de formação de uma sociedade branca e europeizada e a preocupação o elemento negro, ou a necessidade de mão de obra barata para as lavouras e a transição entre o trabalho escravo para o assalariado. O que podemos apontar é que ambos estavam imbricados.

O trabalho manual ficou restrito no Brasil por um longo período a coisa de escravo, Gilberto Freyre (2003) e Sérgio Buarque de Holanda (1948), salientam esse repúdio do português ao trabalho manual. A escravidão marcou profundamente as relações sociais e trabalhistas no país, para o escravo o trabalho não possibilitava nenhuma modificação social, enquanto que para o imigrante o trabalho foi visto como algo superior, e como forma de ascensão social. Conforme Colbari (1997, p. 10):

Estudos posteriores revelaram que, de fato, a maior facilidade de integração dos imigrantes à ordem fabril ou à agricultura capitalista deve ser atribuída, em grande parte, às disposições subjetivas. Se, para o liberto e o mestiço, o trabalho estava associado à escravidão - fonte dos preconceitos social e racial -, diante da qual a dedicação e a operosidade no trabalho pouco significavam, para o imigrante a motivação para o trabalho estava definida pelo desejo de ascensão social. O sonho de *fazer a América* facilitava a submissão à disciplina de um trabalho árduo e obsessivo que permitiria, no campo, a aquisição da propriedade de terra e, nas cidades, o estabelecimento de um negócio próprio. Eram essas as fontes da energia canalizada para o trabalho, a qual teria facilitado o processo de adaptação às condições hostis tanto na produção agrícola quanto na produção industrial.

A valorização do trabalho e do enriquecimento marcou demasiadamente os alunos que para alguns serviu como um incentivo, como uma história de superação:

- Eu entendi, como o pessoal ... a dificuldade que o pessoal antigamente passava, né! Eles foram enganados e viveram uma vida difícil, viviam em um país e terem que se mudar totalmente para outro, uma vida nova, cultura nova né, pessoas diferentes, né, por que o país era misto né, vinham um monte de gente para cá. É bem difícil, né, mas esse livro mostra também, como agente pode ter a dificuldade e superar, pois ela insistente é persistente, ela conseguiu passar por várias coisas, por quê se você...é só você ter determinação, você tem que construir seu futuro, você tem que agarrar ele com suas mãos e seguir em frente, por que se você não fazer nada, não construir nada, o que você vai fazer desse mundo, você vai viver e morrer. (ALUNO GEOVAN, 2017)

Geovan percebe a história do romance como aquela que confirma a ideia de que se você trabalhar você pode conseguir, basta acreditar e tomar atitudes para ser possível a transformação de sua realidade. O construir para ele perpassa pelo sentido de posses, bens no futuro:

- E ela conseguiu ter uma família aqui, né. Teve filhos, construiu uma família, teve a casa, estava com uma vida estabilizada, mas também ela passou por muitas dificuldades, ela passou por muitos lugares, ela se mudou muito, até ela conseguir se estabilizar(ALUNA SAMARA, 2017)

- Eles vieram em busca do ouro. Eles foram iludidos. Pelo que pareceu lá não encontrou tanto ouro, se encontrou, a narrativa não deixa bem explicado isso não, eles tiveram que encontrar outros meio para poder se sustentar, e o que mais deu lucro foi a venda que eles tiveram, que

começou a dar dinheiro, só que teve o prejuízo lá que eles vendiam fiado, e ir embora para Santa Teresa, e em Santa Teresa que ela e outro marido, desenvolveu outro ramo e começou a ganhar dinheiro de novo.(ALUNA YAN, 2017)

Karina é percebida pelos alunos como uma mulher batalhadora, que interfere na vida familiar, nas questões econômicas, em todas as situações difíceis e de tomada de decisão ela estava presente, se era para mudar de lugar, ela decidia, se para mudar o ramo da atividade econômica, influenciava. E estava sempre a trabalhar. As expressões “*conseguiu estabilizar*”, “*começou a ganhar dinheiro de novo*”, refletem a percepção dos alunos que o sucesso na vida está na conquista da propriedade privada, o pote de ouro ao fim do arco-íris.

Nas palavras para o aluno Renan (2017) “ela trabalhou e conseguiu alguma coisa. O mesmo pode acontecer com a gente, basta correr atrás”. Pode-se inferir desta e de outras colocações dos alunos que o trabalho não é o processo entre o homem e natureza, mas que é uma coisa em si, que também é reforçado pelo romance, e pela sociedade da qual esses alunos fazem parte. Ao perguntar aos alunos o que acham sobre o trabalho em nossa sociedade, responderam:

- A sociedade diz que é só você trabalhar você consegue (ALUNO JOÃO VICTOR, 2017).
- É claro que é assim, quem não trabalha geralmente é vagabundo (ALUNO BRUNO, 2017).
- Eu acredito que não é bem assim, muitas vezes a pessoa tenta e não consegue. A sociedade capitalista quer fazer você acreditar que isso é assim, tipo assim ... basta você tentar, correr atrás e ainda tem aquele negócio, quem não trabalha é vagabundo.(ALUNO JOÃO VICTOR, 2017).
- Mas então, não vai trabalhar, vai fazer o quê? (ALUNO RENAN, 2017)
- Eu concordo com João, não é só trabalhar ..., mas é preciso tentar (ALUNA LETICIA, 2017).

João tem uma posição crítica em relação à valorização do trabalho. Para ele, não basta trabalhar que o homem vai enriquecer. A inquietação dos alunos pode estar relacionada com essa percepção da sociedade sobre trabalho como algo externo ao homem, e não como resultado da ação humana. Percebem que o trabalho é capaz de transformar a realidade, mas não apenas como forma de enriquecimento, como valor de dinheiro, o que aponta um caminho de compreensão por parte dos alunos em direção a autonomia e emancipação em relação à sociedade.

Habermas (2012a), a partir de Georg Lukács, observou essa relação entre homem e trabalho na sociedade capitalista como a reificação, que compromete o mundo da vida atinge os processos de formação de identidade. A reificação está relacionada com a relação que o homem estabelece com a mercadoria produzida pelo trabalho, a compreensão que o homem tem da realidade que o cerca, do outro e de si próprio é transformada, passando ele mesmo a se constituir como mercadoria, como objeto, como coisa. Segundo Habermas (2012a, p. 611) Lukács desenvolve a tese:

... que é possível encontrar na estrutura das relações com a mercadoria a imagem primordial de todas as formas de objetualidade e a imagem primordial de todas as formas de subjetividade que na sociedade burguesa correspondem a reificação [...] formas de objetualidade em um sentido cunhado por Dilthey como forma de existência”

Para Habermas (2012a, p.612) a reificação faz com que as relações e vivências sociais tenham significados a partir de coisas que podem ser manipuladas. O entendimento entre os sujeitos acaba por ser comprometido, pois não compreendem o verdadeiro sentido das relações, agem por interesse, na busca de um fim que nem sempre é o sucesso de ambos na comunicação e na realidade social:

E, como compreender e apreender são constitutivos para o trato comunicativo, um mal entendido arraigado de maneira tão sistemática afeta a práxis dos sujeitos, não apenas a “forma de pensar”, mas também sua “forma de existir”. O próprio mundo da vida é reificado.

Segundo Habermas, na teoria em que elaborou sobre reificação, Lukács observou que a causa principal dessa deformação está no significado que o trabalho assalariado tem para as relações capitalistas, tornando uma função do ser humano uma mercadoria. Habermas tece, em sua formulação sobre a ação comunicativa, uma crítica à teoria do valor desenvolvida por Marx e aprofundada por Lukács, e aponta que a reificação torna o mundo da vida colonizado por sistemas. Conforme Habermas (2012b, p. 615):

[...] A teoria do valor não oferece uma base para um conceito de reificação capaz de identificar síndromes da alienação nos respectivos graus de racionalização atingidos por um mundo da vida. No nível de formas de vida pós-tradicionais, a dor provocada pela separação entre cultura, sociedade e personalidade nos que crescem nas sociedades modernas, e nelas formam sua identidade, é sentida como processo de individuação e não como alienação.

A racionalização do mundo da vida nas sociedades indica a sobreposição do sistema sobre o mundo da vida. Na análise que fez da evolução social, Habermas (2012b) observou que a sociedade é formada por sistema o qual é regido pela razão instrumental, este visa apenas o interesse, e pelo mundo da vida, baseado na intersubjetividade, na compreensão que os indivíduos têm de si e do outro, um complementa outro, no entanto, nas sociedades modernas as interações baseadas no sistema tem se sobreposto ao mundo da vida. Conforme Habermas (2012b, p.355):

Entretanto no final de tudo, os mecanismos sistêmicos reprimem a forma de integração social, também em áreas nas quais a coordenação consensual da ação não pode mais ser substituída, ou seja, nas quais está em jogo a reprodução simbólica do mundo da vida. A partir daí a mediatização do mundo da vida se transforma em colonização.

Qual é a relação entre mundo da vida e identidade? Como apontado, anteriormente, o mundo da vida é formado por três componentes estruturais, a saber, a cultura, a sociedade e a personalidade. A cultura constitui, segundo Habermas (2012b, p.252), o estoque de saber do qual os participantes da comunicação extraem as interpretações, os significados sobre algo no mundo. A sociedade compõe-se de ordens por meio das quais os indivíduos regulam sua pertença a grupos sociais assegurando a solidariedade e personalidade “como o conjunto de competências que tornam um sujeito capaz de fala e ação - portanto, que colocam em condições de participar de processos de entendimento, permitindo-lhe afirmar sua identidade”.

A colonização do mundo da vida pode provocar crises e patologias, como as relações entre as pessoas não se dão mais pelo agir comunicativo, pela busca de consenso, mas pelo agir estratégico visando a interesses próprios, neste é necessário sempre a utilização da coerção, atacando a cultura e a personalidade. Segundo Habermas (2012b, p. 255):

[...] o agir comunicativo não constitui apenas um processo de entendimento e que os autores, ao mesmo tempo, que se entendem sobre algo no mundo tomam parte de interações que lhes permitem afirmar, confirmar ou renovar sua própria identidade sua pertença a grupos sociais.

Contudo, na sociedade capitalista a função que era dada ao agir comunicativo no processo de socialização, na relação do sujeito com o mundo da vida, agora é ocupada pelo *médium* dinheiro, há um desligamento entre mundo da vida e agir

comunicativo, e alteração nas relações entre as pessoas que são agora orientadas pelos valores monetários.

A sociedade pensada por Habermas é integrada por sistema e mundo da vida, todavia ocorre que a cada dia a integração social sistêmica se opõe a integração do mundo da vida, que é percebida por Habermas (2012b) como reificação. Essa ruptura entre ambos ocorre geralmente em sociedades modernas em que as organizações atingem um nível tão alto de autonomia que não dependem mais da linguagem como meio de comunicação, os mecanismos sistêmicos (a economia e política) passam a controlar as relações sociais desatreladas de normas e valores.

Karina está submersa nesse mundo reificado, assim como todos nós. Mas diante de todas as colocações, poderíamos afirmar que a personagem possuía uma identidade do eu, uma estrutura capaz de fazer escolhas imputáveis visando o bem comum e baseadas em princípios universalistas?

Em diversos momentos das discussões, os alunos questionaram as atitudes de Karina como ao longo deste capítulo. Primeiro, os alunos se perguntavam sobre o motivo que levou a personagem a abandonar sua família para seguir o marido. Nesse momento, levantou-se o argumento de Karina seguir um preceito religioso que justificaria essa tomada de decisão. Imersa em uma sociedade católica, podemos aventar o que se passou pela mente de Karina se decidisse deixar o marido. A atitude poderia ser interpretada pela sociedade de que o marido escolheu abandoná-la. A personagem sofreria o preconceito de uma mulher largada, abandonada. O fato suscitaria perguntas: Por que o marido a abandonou? Dessa forma mancharia sua honra e a de sua família, uma vez que, em sociedades católicas, marcadas pelo patriarcalismo, a mulher carrega em si a honra da família.

Outra atitude questionada que não foi considerada como um exemplo pelos alunos foi a surra que Karina deu em Malvina e o fato de jogar gatos dentro da casa da personagem. Por que ela não largou o marido? Foi a pergunta de uma das alunas. Mais uma vez podemos apontar o peso que a sociedade teve nas escolhas de Karina. Para Habermas (1983, p. 26) “a identidade coletiva¹⁵ regula a participação dos indivíduos na sociedade (ou a sua exclusão da mesma)”, esta é fundamentada

¹⁵ Para Habermas a identidade coletiva é a identidade construída por um grupo.

na cultura e nos sistemas de ação, que são as normas e os valores, assim, os valores de uma sociedade patriarcal recaem sobre a mulher, como a manutenção do casamento, ela é referenciada como a ‘mulher de’ ou ‘a filha de’¹⁶ (FARGE, 1999).

A mesma coisa ocorrerá com sua filha Bruna, que se casou com um homem, chamado Nuflo, ele a traía e não possibilitava uma vida digna a esposa e a seus filhos. Bruna vivia em péssimas condições dependendo da ajuda da mãe, no entanto, em nenhum momento Karina aventou a possibilidade de separação, o que fora questionado pelos alunos. “Como pode eles traem e elas não falam nada” (ALUNA ELLEN, 2017).

O casamento era algo tão importante para Karina, que no momento em que poderia ir em busca do seu grande amor, ao ficar viúva de Arthuro, resolveu casar-se novamente, agora com Lessandro. O que levou a aluna Ellen a indagar:

- Que romance é esse?

- Cara... ela casa com alguém mandada pelo pai e quando tem a chance de procurar seu grande amor ela casa novamente e só final do livro que ela encontra, e.... ? Isso é romance? (ALUNA ELLEN, 2017).

Nesse momento, Karina poderia ter escolhido ficar viúva e não casar-se mais, no entanto, deu preferência a uma vida matrimonial, talvez pela facilidade que encontraria com alguém para ajudar a cuidar dos filhos e manter o negócio que possuía. Além disso, o fato de ser muito bela e nova poderia ser assediada. Por outro lado, como uma personagem forte, decidida, que sabe se posicionar, defender suas ideias poderia escolher ter conduzido sua vida sozinha.

Essas são algumas possibilidades de interpretação para as atitudes da personagem Karina. Uma das características de ter identidade do eu, seria a capacidade de agir de forma autônoma, de questionar consensos da sociedade, mas baseados em princípios morais que visem o entendimento. Habermas (2012b, p.180-181) pontua:

[...] que a proporção que assume sua biografia e responde por ela, o adulto tem condições de retomar a si mesmo seguindo as pegadas das próprias

¹⁶ Para Arlete Farge (1999, p. 570), a honra no século XIX era uma das poucas coisas que restava a população mais pobre, sua sociabilidade e reconhecimento eram dependentes da estima que unia as pessoas mais ou menos igual, nesse cenário a “difamação da virtude feminina é uma arma que pode servir para atingir mais de um alvo: ora a própria mulher, ora o homem a ela ligado. Muitas vezes, ela é utilizada em outros tipos de conflitos que não os afetivos ou conjugais: para arruinar a reputação do mestre, em alguns casos o artesão pode lançar suspeitas sobre o comportamento de sua esposa”.

interações. Somente que a assume sua história de vida tem condições de ver nela a realização de si mesmo. Assumir responsavelmente uma biografia significa, em primeiro lugar, adquirir clareza sobre quem queremos ser. E em segundo lugar implica considerar as pegadas das próprias interações como se *fossem* sedimentações das ações de um autor imputável, portanto de um sujeito que agiu no terreno de uma relação autorrefletida.

O processo de desenvolvimento da identidade do eu está ligado à intersubjetividade do indivíduo, dár-se sempre na relação eu e o nós, ele é capaz de entender sua participação na coletividade, de se localizar numericamente e genericamente, de afirmar-se enquanto indivíduo singular, a partir de uma autocompreensão e uma autorrealização, em que a cada momento o sujeito torna-se autônomo, sendo capaz de assumir sua biografia de forma imputável e conduzir-se por algo que ele almeja ser.

4. OS SENTIDOS ELABORADOS PELOS ALUNOS NAS NARRATIVAS *REINO NÃO CONQUISTADO*

assim como
 eu estou em você
 eu estou nele
 em nós
 e só quando
 estamos em nós
 estamos em paz
 mesmo que estejamos a sós
 (LEMINSKI, 1983. p. 12.)

4.1 PRIMEIRAS IMPRESSÕES

A pesquisa centrou em analisar a percepção dos alunos sobre a ideia de identidade contida nas obras e sobre sua identidade. Ao relatarem suas impressões sobre essa literatura, a faziam sempre relacionando com o primeiro livro, mesmo que eu não solicitasse. Como em Karina observavam suas escolhas, o mesmo ocorreu em *Reino não conquistado*, atentavam para a forma de agir dos personagens centrais.

O livro *Reino não conquistado*, escrito por Renato Pacheco, é uma coletânea composta por uma trilogia, *manuscrito de Joseph Koster*, *Portal de ouro* e *Folhas ao vento*. O autor nasceu no Espírito Santo, possuía formação acadêmica na área de Humanas, bacharel em Direito e História, mestre em Ciências e livre docente da Universidade Federal do Espírito Santo, dedicou 40 anos ao magistério e quase 20 à magistratura estadual, foi presidente do Instituto Histórico do Espírito Santo e presidente de honra, pertenceu à Academia Espírito-Santense de Letras. Concomitante a isso também foi escritor e poeta, em suas obras abordava o povo capixaba, sua história e cultura.

Em sala, solicitei a leitura dos dois primeiros momentos do livro, por narrarem histórias que se passam próximo ao período relatado no romance Karina. Os eventos desse ocorrem após 1874 e *Reino não Conquistado* se passa volta de 1815

a 1895, porém não há datas expressas nos romances citados, as mesmas se evidenciam pelos fatos históricos apontados nas narrativas, como se verá a seguir.

O manuscrito de Joseph Koster conta a história de um imigrante representante dos interesses da coroa inglesa, que veio explorar o Rio Doce, mas para tal empreendimento precisava da autorização do governo local, enquanto isso ficou residindo na cidade de Vitória e se envolveu com o tráfico negreiro. Por meio dessa atividade conheceu Maria Victória, uma escrava de apenas 14 anos que comprou e pela qual se apaixonou. O problema é que estava noivo de Luíza filha de um homem influente. A narrativa torna-se uma tragédia no momento em que, Maria Victória é mandada a casa de Luíza para ajudar nos preparativos do noivado. Luíza descobre o envolvimento da escrava com seu noivo, e que esta, ainda estava grávida. Mandou que a amarrasse no tronco e a açoitou, chegando a arrancar um de seios a facadas. Maria Victória morreu, mas conseguiu dar à luz a Mariana. Luíza ficou louca, começou a sentir um calor intenso e atirou-se em um rio, fato que causou sua morte. Joseph diante do acontecido obtém a autorização para explorar o rio Doce, contudo não consegue esquecer o que ocorreu, adoece acometido pela febre amarela, a bicha, é em seus delírios que reconta a história. Mesmo doente consegue encontrar as esmeraldas, com a ajuda de um escravo, Firmino. que era seu braço direito e um índio. Retorna para Vitória, procura pela filha Mariana, que estava aos cuidados de uma amiga, tenta voltar à Inglaterra, finaliza sua história informando que o reino não foi conquistado.

4.2 JOSEPH KOSTER – VIVENDO UMA IDENTIDADE DE PAPEL

Em *Reino não Conquistado*, alguns eventos chocaram os alunos, como o fato do personagem Joseph Koster traficar, dizer que houve um romance com uma escrava a qual comprou e a morte trágica de Maria Victória. Assim como em *Karina* os alunos observaram as escolhas que ela fez, o mesmo ocorreu nesse livro. Em suas falas, às vezes, aparecia a primeira e a segunda história, Joseph Koster e de Mariana sua filha. Nesse primeiro momento vou atentar-me aos relatos sobre o Joseph Koster e em seguida Mariana.

Sobre Joseph Koster, houve uma aluna que pontuou um fato notado nas duas histórias: o suborno e o tráfico. Os episódios do livro referidos pelas alunas são estes:

O Governador queria comprar um escravo e com as restrições do tráfico, recentemente decretadas pelo Congresso de Viena, estava tendo dificuldade. Conversando com um o Capitão Sterne, comandante de um navio inglês, que arribara no porto, em virtude de um temporal, conduzindo, segundo seu manifesto , farinha para Corte, ele riu e disse-me facilmente arranjaria quantos escravos eu quisesse. E que por coincidência trazia escondido no porão de seu barco um casal de ótimos escravos.

[. . .]

Fiquei estarelecido, pois sinceramente ignorava que o tráfico continuava sob a bandeira inglesa! Mas para apressar a decisão do governador, comprei-lhe o casal de escravos, que lhe doe, informando-o de que fora um presente de um compatriota residente em Campos dos Goitazes. Na mesma ocasião o comandante combinou comigo uma remessa de 12 homens para dali um mês. (PACHECO. 1984, p. 19)

O segundo episódio sobre suborno, trata sobre obter a ajuda dos frades no tráfico:

Fui lavar um escravo de presente para os frades do Convento de Nossa Senhora da Penha. Disse-me Royz;

- Nessa negociata que você entrou, convêm agradecer os padres.
- Eu sou amigo do Governador. . .
- Mas não é do comandante de armas. Parece que os dois andam em briga. E a mulher dele faz o que os padres querem. Na senzala deles sempre há lugar para mais um (PACHECO. 1984, p.34).

Nas palavras da aluna:

- Apesar de que o livro trata muito sobre suborno e sobre muito preconceito. Na primeira parte diz muito sobre o suborno que quando o baixotinho que é aquele homem lá, ela quer navegar para encontrar as pedras preciosas, só que o governador não deixa, então ele tenta subornar o governador pra que ele deixar navegar pelo rio, é vende dois escravos, compra dois escravos para dar para o governador, com esses dois escravos ele começa também a traficar alguns escravos (ALUNA IARA, 2017)

Em *Reino não Conquistado*, o autor não se refere a esses fatos como um suborno¹⁷, no entanto, a aluna em sua interpretação, analisou a ação de Joseph Koster com

¹⁷ A forma como Joseph Koster, utilizou para obter apoio do governador e dos padres, é apontada por muitos autores como o uso indevido do que deveria ser função pública, assim Raimundo Faoro (2001), em *Os donos do Poder* aponta para essa formação patrimonialista do caso brasileiro, e Sergio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, elabora o conceito de homem cordial, que agia segundo aos seus interesses, segundo Buarque (1995) para o funcionário patrimonial, a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular.

esse significado, talvez por ser a corrupção uma questão recorrente nos noticiários do momento atual, essa atitude do personagem chamou sua atenção.

Perguntei aos alunos, aproveitando a deixa, o que acharam do envolvimento do personagem com o tráfico de escravos, fazendo referência ao momento em que ele compra os escravos para agradar ao Governador, e lemos o trecho, em seguida, uma das alunas respondeu:

- Achei normal, pois naquela época existia a escravidão. (ALUNA IASMIM, 2017)
- Mas no país dele não era normal a escravidão, como ele mesmo diz. (ALUNO, WEVERTON. 2017)
- Mas aqui podia vender, né? (ALUNO JONAS, 2017)

Pode-se depreender que o normal, na aceção dos alunos, seria uma regra aceita por todos. Essa discussão surgiu porque no romance o personagem pondera sobre suas escolhas:

Logo, diante do lucro certo e grande, meus escrúpulos liberais desapareceram, diante de um negócio clandestino, porem altamente rendoso, o que me colocou o problema de morar em local retirado, onde pudesse com facilidade receber e acoitar minha negra mercadoria.

[. . .]

- Joseph Koster, Cavaleiro de S. Majestade Britânica, Senhor do Sítio dos Santinhos, na Capitania do Espírito Santo, Reino Unido de Portugal, Algarve e Brasil, nas horas vagas e secretas da noite, comerciante negreiro, único desta Cidade de Vitória. (PACHECO. 1984, p.21)

[. . .]

Vender cativos era fácil. Parece que toda a gente sabia quando chegavam, e ninguém jamais me tratou mal pelo meu comércio. Os que foram contra mim, basearam sua aversão em minha nacionalidade ou em minha religião, mas nunca no tráfico de escravos. (PACHECO. 1984, p. 24)

Os alunos iniciaram uma discussão sobre a validade dos atos do protagonista divergiram entre si, para alguns, ele teria agido errado, para outros ele agiu corretamente, pois ali era permitido:

- Eu acho que ele tava errado. Era proibido comprar escravo, né, porque ... tipo assim, ele sabia das consequências, aí eu sei de uma coisa que é errada, aí a pessoa fala bem assim é proibido você fazer tal coisa, ai só por que eu não tô naquele local, ali que foi proibido, eu vou pegar e fazer isso lá fora. Eu acho que ele estava errado. (ALUNA MAYRA, 2017)
- Ele estava desrespeitando a cultura dele. (ALUNA LÍVIA, 2017).
- Se aqui não era errado, então ele não tava errado (ALUNA LARA, 2017).

-Eu acho que ele pode ter sido errado, por ele ser inglês, só que tipo ele parou e pensou nele, ele queria se dar bem de alguma forma, então ele usou isso pra ele, e podemos dizer que hoje acontece muito isso, que a maioria das pessoas esquece dos outros e faz uma coisa que só ela vai se dar bem e ferrando com a vida de todo mundo. (ALUNA FERNANDA, 2017)

- A parte eu vou até ler aqui, É A parte do Joseph, “vender os cativos era fácil” ..., então as pessoas daqui do Brasil eles achavam má por coisas banais, e vendo aquilo que o Joseph fazia, a venda de escravos ele acaba com vários sonhos de pessoas por alguns contos de reis e as pessoas não pensavam neles, estão traficando pessoas, traficando vidas né, mas sim, eles ficavam esse cara é inglês e tal ele todo fresco, lá, o ser humano é um ser muito inteligente e burro ao mesmo tempo entendeu...(ALUNO GEOVAN, 2017)

Os alunos colocaram em evidência a contradição das ações do personagem e estabeleceram uma relação com o mundo em que vivem hoje, onde as ações são orientadas apenas para o interesse de uma pessoa, não se importam com o mal que acontece com o outro ou com mal que seus atos podem infringir ao outro. Nesse momento, os indaguei sobre a validade de normas que beneficia a poucos indivíduos:

- Tipo assim... eles te proíbem uma coisa que poderia ser certa , só que você não segue por que a sociedade impôs que errada, é isso?(ALUNO JONAS)

- Sim ... (PROFESSORA, 2017)

- Entendi... mas, na maioria das vezes que uma pessoa proíbe uma coisa é por que aquilo é um malefício para você, existe também a possibilidade de ser uma coisa boa para você que eles proíbem, mas as vezes é para um bem maior entendeu.(ALUNA FERNANDA, 2017)

- Eu acho que a sociedade que faz o homem, se faz o homem ele deveria agir de acordo com a sociedade, como a Inglaterra proibia os escravos, ela não abrangeu todas as sociedades. (ALUNO WEVERTON, 2017)

- É meio aquela coisa de você querer olhar para seu umbigo e esquecer dos outros.(ALUNO LUANA, 2017)

Ao analisarem como a sociedade age sobre o indivíduo delimitando o que ele pode ou não fazer, os alunos ponderaram sobre como as regras em alguns lugares são válidas e em outros não. Suas colocações apontam para ideia de que as pessoas seguem as regras do meio social em que vivem, e estas refletem em suas escolhas. Pode-se depreender, a partir de suas explanações, que as ações devem ser pautadas na busca um bem maior. Sobre esse tema Habermas (1983, p.83), aponta para a construção de uma sociedade que seja capaz de desenvolver uma identidade pós-convencional e universalista. Para que isso ocorra “um novo consenso sobre os valores não pode ser alcançado sem que a vontade se forme sobre uma ampla base e passando pelos filtros dos argumentos”, algo que o aluno Weverton queria afirmar

que algumas regras são boas em determinadas sociedades, no entanto, elas não são seguidas por outras. Habermas (1989, p.86), ao discutir sobre a validade das normas salienta a importância de regras universais, e se aproxima da perspectiva do imperativo categórico de Kant, porém, segundo o autor, as normas válidas têm que ser reconhecidas e argumentadas por todos, assim toda norma válida deve satisfazer a condição:

- que as consequências e efeitos colaterais, que (previsivelmente) resultarem e para a satisfação dos interesses de cada um dos indivíduos do fato de ser ela universalmente seguida, possam ser aceitos por todos os concernidos e preteridos a todas as consequências das possibilidades alternativas e conhecidas de regulação.

Sobre o fato de seguirem normas, perguntei aos alunos como eles agiriam, em uma situação em que algo é correto em um lugar e em outro errado. Os alunos relataram as mais diversas experiências:

- Então, eu sigo o que eu acho certo. (ALUNA ALINE, 2017)
- É igual o quesito de beber e tals... eu frequento a igreja e tal, mas eu não prendo a doutrina não por que, é igual eu não pela minha Igreja, mas sim por mim, nem tipo frequentar festa, tipo assim... se eu não quisesse eu não estaria na minha igreja, por que eu sei que lá é proibido, então por que eu vou estar num lugar onde eu não pertença a doutrina.(ALUNA DAIANE, 2017)
- Bom... eu tava na igreja e eu conheci uma pessoa que eu identifiquei muito com ela, e a gente começou uma coisa meio que escondida dentro da igreja, só que isso acabou explodindo pra igreja toda, e aí Eu tive que escolher o que seria bom pra mim, ou que tipo se eu continuasse lá dentro, tipo, eu sei que não ia ser feliz com aquilo, entendeu, por que não seria eu de verdade, aí eu abri mão daquelas regras e fui seguir aquelas que eu acho que seria bom pra mim. Eu me identifiquei melhor aqui fora do que com as doutrinas da igreja. (ALUNO LUÍS, 2017)
- Minha família começou a me acusar de homossexual por que eu fiz a sobancelha, é muito conservadora, eu a fiz, por que eu acho normal, não entendo isso não.(ALUNO WEVERTON, 2017)
- Eu sigo as regras que eu acho que é certa, não é por que eu vou na Igreja que eu tenho que seguir tudo o que a igreja diz, eu tenho que concordar com o que eu acho que é certo.(ALUNA DAIANE, 2017)

Observa-se de acordo com as falas, que para seguir uma norma, os alunos asseveram que precisam concordar com ela, entender o porquê de tal restrição. Poderíamos perguntar qual a relação entre escolhas, normas e identidade, se anteriormente falamos sobre identidade de papel, sobre a vida de Karina? Para Habermas, a identidade é gerada na socialização, o sujeito em sua vivência vai se apropriando do universo simbólico, do sistema social, das normas à medida que

também desenvolve sua capacidade de comunicação, vai construindo sua subjetividade, sua personalidade, o mundo objetivo torna-se subjetivo na relação objetivadora que o sujeito estabelece com o que lhe é externo através da linguagem. Nesse processo adquirimos nossa identidade. Conforme Habermas (2012, p. 193-194) as pessoas adquirem sua identidade:

E, uma vez que as pessoas, conforme vimos, adquirem sua identidade pelo caminho de interações mediadas pela linguagem, elas preenchem as condições de identidade para pessoas e os critérios fundamentais de identidade para uma pessoa determinada, tendo em vista os *outros* e a *si mesmas*. Elas se entendem como pessoas que aprendem a participar de interações.

Nas relações que estabelecemos com os outros nos tornamos quem somos, todavia o que nos define, como Habermas pontua, não são apenas nossas falas, mas nossas ações, uma vez que a fala é um ato performativo. Poderia parecer contraditória essa colocação, pois o autor afirma na citação acima, que adquirimos uma identidade nas interações mediadas pela linguagem, mas ao falar, ao realizar um pronunciamento, faço uma escolha, nesse sentido que Habermas (1990) elabora a teoria do agir comunicativo. Para ele, existem as ações de fala, em que o sujeito se faz entendido em uma relação comunicativa com o outro, estas se caracterizam como atos de fala. Segundo Habermas (1983, p. 35):

O agir comunicativo não pode ser racionalizado nem sob o aspecto técnico dos meios escolhidos, nem sob o aspecto estratégico da escolha dos meios, mas apenas sob o aspecto prático-moral da capacidade de entender e coordenar do sujeito de ação, bem como a possibilidade de justificação no que se refere a norma de ação [. . .] A racionalidade do agir comunicativo é orientado ao acordo e mede-se pelos seguintes critérios - se um sujeito exterioriza de modo verdadeiro suas intenções, (ou se engana a si mesmo e os outros sobre o fato de que a norma da ação está pouco de acordo com suas necessidade).

Para os alunos, as escolhas de Joseph não condiziam com sujeito participativo da sociedade inglesa, o próprio Joseph fez questão de salientar essa contradição em suas escolhas. Por outro lado, os alunos, ao relatarem suas escolhas, ressaltaram aquelas que tinham implicações apenas para si, não atingiam o outro. Pode-se talvez compreender essa dualidade nas ações, como uma característica do momento de transição a que estes alunos estão envolvidos, deixando sua identidade de papel para uma identidade do eu. Para Habermas (2012b, p.194), podemos adquirir uma identidade pós-convencional. Apropriando-se dos estudos de Mead, compartilha da ideia de que existem identidades atribuídas, vinculadas à normas e

papeis, e identidade que se afirmam na virtude própria, destacando dois aspectos da identidade do eu:

De uma a capacidade de agir autônomo na base de orientações universalistas da ação, e de outro lado, a capacidade de se realizar uma história de vida, a qual damos continuidade pelo fato de assumi-la de modo responsável [...] no nível da identidade de papéis, uma pessoa se entende mediante as respostas que dá às perguntas: “que tipo de homem nós somos (nos tornamos)?”; “que caráter possuímos (adquirimos)?”. Já no nível de identidade do-eu, uma pessoa se entende respondendo a uma outra pergunta: “quem pretendo *ser* ou que tipo de homem *quero ser*”

As escolhas que faço informam o tanto do que sou como do que serei. Estão os sujeitos envolvidos nas ações comunicativas cientes dessa relação? Outra questão que se coloca é que sou apenas fruto da sociedade, diante dela sou capaz de me localizar simbolicamente e fazer escolhas pautadas em valores universais? Em Habermas (2012b, p,270) o sujeito com uma identidade do eu pode ser identificado genericamente e numericamente, como um “sujeito capaz de agir autonomamente com o auxílio de dados que iluminam a continuidade de sua história de vida assumida responsivamente”.

A formulação de um sujeito autônomo é fruto das relações sociais que tece, o autor acredita que caminhamos por esse processo e os alunos compreendem a importância de suas escolhas. A interferência do outro em seus atos, no entanto, demonstra que suas escolhas são pautadas no que é bom para eles, não percebem a interferência de suas escolhas no outro, ou como são responsáveis pela ação do outro. Habermas (1989, p. 88) salienta que em uma sociedade, onde as normas são discutidas argumentativamente e validadas, em um sentido “pragmático cada qual é ele próprio a instância última para avaliação daquilo que é realmente de seu interesse”.

4.3 UM AMOR CONVENCIONAL

Na narrativa de *Reino não Conquistado*, Joseph Koster vive um triângulo amoroso com Maria Victória e Luíza. O personagem conheceu Maria Victória no tráfico de escravos que estava praticando. Uma questão destacada pelos alunos foi o encontro de Joseph Koster com Maria Victória:

A vida corria mansamente, até por vez fomos a ilha do Baleeiro, buscar nova partida de escravos.

Desta vez, o capitão Sterne me trouxera três peças: dois homens e uma menininha de seus catorze anos. Olhei-a, sem ver, reclamei ao Capitão:

- Nosso trato não favorece a vinda de escravas...

[. . .]

Raios cortavam os céus e trovões nos amedrontavam quando resolvi entrar. Victoria estava sentada de cócoras, tiritando de frio.

- Enxugue-se menina, nesta rede pendurada aí no gancho.

Com a maior naturalidade ela tirou o camisão e surgiu, estatua viva, nua e nega, diante de mim, buscando, no alto, a toalha que lhe improvisara.

Conseguir apagar ao lampião foi fácil, pois o vento me ajudava bem o como o tremor de minhas mãos. Foram horas, enquanto a chuva passava, que me deixaram perplexos em paz com o mundo. O corpo dela esquentava como se tivesse febre alta, queimava como fogo e uma estranha luz violeta emanava de sua pele, com focos mais potentes nos olhos, narinas, boca e sexo. . . Ela arrulhava, e eu nunca sentira coisa igual. E vimos o sol nascer, muitas horas depois que o temporal se fora, e entrar pela abertura da alcova rústica (PACHECHO. 1984, p.30).

Fiz a leitura do trecho e perguntei o que eles acharam do encontro. As questões apontadas pelos alunos foram:

- Ela quis ou não? (ALUNO LUÍS, 2017)

- Acho que ele estuprou ela! (ALUNA DAIANAE, 2017).

- É, do jeito que ele descreveu, ela quis também. (ALUNA JAQUELINE, 2017)

- Eu acho que não! (ALUNA A, 2017)

- Foi quem que fez o livro, não foi um autor, não foi um homem. Então ele estuprou ela. Baseado em fatos no contexto histórico, ele estuprou ela. (ALUNA DANIELA, 2017)

- E ela tinha apenas catorze anos de idade! Que nojo, foi estupro. Ele era velho e ela era escrava. (ALUNA ALINE, 2017)

- E hoje ainda tem a sexualização da mulher negra, e isso foi colocado historicamente, eles falavam que as mulheres brancas eram para casar e as mulheres negras eram pra transar. (ALUNA DAIANE, 2017)

- E hoje tem essa persistência, como que vocês percebem isso, onde vocês veem isso? (PROFESSORA, 2017).

- Na mídia, na música, nas novelas... (ALUNOS, 2017).

As colocações dos alunos demonstram a capacidade de perceberem o lugar de fala, como expressou a aluna Daniela, observando que quem escreve demarca um lugar de poder no diálogo, e salientando o contexto histórico do momento o qual o escritor do romance queria reportar, essas questões não foram pontuadas por mim em sala de aula nesse período, e surgiram durante o diálogo.

Essa ação de Joseph Koster, suscitada pelos alunos, remete a prática violenta dos senhores de escravos dispostos do corpo das mulheres escravizadas. Tal fato é exposto na obra de Gilberto Freyre (2003, p. 398) em *Casa Grande e Senzala*, uma referência para analisar as relações sociais no Brasil colonial, o autor expõe a forma como se deu a miscigenação no Brasil, pelo abuso do corpo da mulher negra escravizada:

Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando precocemente no amor físico os filhos-família. Mas essa corrupção não foi pela negra que se realizou, mas pela escrava. Onde não se realizou através da africana, realizou-se através da escrava índia.

Não é de nosso interesse discutir aqui a violência sexual por trás do discurso da miscigenação, mas analisar como os alunos percebem a questão da identidade no romance e sua identidade. É válido ressaltar que para os alunos é sempre o outro que assume uma posição negativa, é o outro que faz suas escolhas, sem se pautar no interesse coletivo, é o outro que sexualiza a mulher negra, o outro que o impede de fazer as escolhas corretas. Mesmo quando solicitei que analisassem suas escolhas, não pontuaram se discutiram-nas com seus pais, parentes ou amigos, ou se procuraram alguém da igreja para encontrar um consenso. Isto talvez ocorra por que quando falamos de nós, esquecemos que fazemos parte de um grupo maior. Segundo Habermas (2012, p. 46), “uma pessoa adquire personalidade a partir do momento em que pertence a uma comunidade e assume em seu próprio comportamento as instituições dessa sociedade”. Em que medida sou responsável pelas minhas escolhas e pelas escolhas dos outros, e em que medida os outros são responsáveis pelas minhas escolhas.

A ideia de um amor convencional está ligada às atitudes de Joseph Koster. Ele agiu como a sociedade esperava dele, e não movido no interesse de Maria Victória, em nenhum momento sinalizou para sua liberdade, nem para o rompimento com Luíza. Na teoria de Habermas (1983), com base nas formulações de Kohlberg, as ações do personagem estão ainda no nível convencional, visam satisfazer as expectativas da sociedade, ou do grupo em que está inserido. Em uma sociedade escravista, ter uma mulher negra como amante e uma mulher branca como esposa, era considerado algo normal e não feria os padrões de moralidade. Pode-se depreender

dos questionamentos dos alunos que se esperava mais das atitudes de Joseph Koster.

4.4 MARIANA: O AGIR ESTRATÉGICO

A segunda história contada em *Reino não Conquistado* com o título Folhas de Ouro é de Mariana, filha de Joseph Koster e Maria Victória. O pai a levava para Inglaterra quando ainda era bebê. Mariana, após a morte do pai retorna ao Brasil no intuito de encontrar as esmeraldas escondidas por ele.

Ao chegar ao Brasil é recebida como heroína, por uma parte da sociedade, pois no momento do desembarque enfrentou as intempéries do alto mar, salvando a tripulação do barco. Por ser mestiça passou a vida toda a sofrer preconceito por sua cor e origem. Mariana casara-se com Salvador, teve três filhos, um morreu, e sua vida foi pautada pela busca da ascensão e reconhecimento social para si e para os filhos. Um se tornara bispo e outro governador da Província do Espírito Santo. A ascensão social veio, mas a aceitação por parte da elite branca não.

Em um primeiro momento, ao dialogar sobre o livro as considerações dos alunos se deram de forma livre, não interferi em seus proferimentos, algo que destacaram foi a vontade de Mariana em ascender socialmente. No livro, em várias situações, é demonstrado seu esforço em vencer na vida:

A despeito do fracasso social, os olhos de Mariana brilhavam, de satisfação. O marido encasacado nem se fale, fora amor a primeira vista. E no futuro, pensava Mariana “está cidade a de se curvar ao meus pés, ou eu não me chamo Mariana Pereira Costa (PACHECO. 1984, p.61).

Enquanto isso, Mariana maquinava coisas para tornar sua loja mais lucrativa. O português – sempre apaixonado pela inglesita – se não se rendia a seus argumentos, estava cativo de seus encantos, e admirava-se como aquela cabecinha de outro a vontade de vencer predominava sobre as mil e uma futilidades femininas que a envolviam (PACHECO, 1984, p.81).

Isso fez com que eles enfatizassem o empenho de Mariana para alcançar seus objetivos:

- Como eu disse a Mariana é filha de uma escrava, e ela não quer que seu filho se case com uma escrava, por que ela é negra então, ela quer que o filho seja acima de todo mundo, então com isso ela errou muito na vida

dela, só que no final ela se arrependeu, ela morreu como criança, mas e teve a felicidade de ter os dois filhos perto dela. (ALUNA IARA, 2017)

- Bom eu achei os dois interessantes, tipo Reino não conquistado foca mais nas dificuldades dos escravos, na desigualdade e no outro mostra mais a dificuldade de Karina que ela tinha trabalhar muito, já o outro já tinha mais ou menos, teve mais que batalhar mais pra o patamar dos filhos, passar por cima dos outros, meio que não tinha escrúpulos. (ALUNA CAMILA, 2017)

- O pai dela conseguiu as esmeraldas, então ele tinha dinheiro, então ela já tinha dinheiro, ela poderia ter ficado lá fora do Brasil e ter seguido a vida dela, mas não ela quiz voltar pro Brasil, para vir em busca do...que o pai tinha falado que teria mais esmeralda aqui, mas quando ela chegou que ela não encontrou ela ainda preferiu continuar ela sentia que aqui era o lugar dela e assim tinha muita pessoas contra ela tinha muito racismo, as pessoas não aceitavam ela, ter dinheiro e ser negra, eles meio que pensava que só podia ter dinheiro se fosse branco, e... ela não deixou se abalar, ela se manteve firme e lutou, teve coragem de ir em busca do que ela queria e trabalhou muito pra chegar onde ela chegou, no patamar que ela tinha, mesmo que nesse período ela pecou em certos momentos passou por cima de outras pessoas, mas mesmo assim ela lutou muito. (ALUNA YASMIN, 2017)

Os alunos atribuíram o sucesso de Mariana ao fato de ser uma mulher batalhadora que não se abalou diante dos preconceitos da sociedade tornando-se uma empreendedora, pois de uma pequena casa que vendia tecido, tornou-se dona de uma exportadora de café, foi uma das mulheres mais ricas de Vitória, Sobre sua capacidade de inovar o escritor do romance salienta:

O que sobrava em Mariana e faltava em Salvador era a ambição, a inteligência, a confiança em si mesma, a coragem de ousar, muita imaginação, e certo desprezo pelos capixabas – precisamente as capixabas ... que a discriminavam, como corpo estranho, mas que se curvavam, paulatinamente ao seu êxito. (PACHECO, 1984, p.68)

Durante as discussões nas turmas que trabalhei com o livro esse era um dos pontos suscitados pelos alunos, no entanto, observaram que para alcançar seus objetivos Mariana não media suas ações, o que ficou evidente nas falas: “ela errou muito na vida” (ALUNA IARA, 2017), “passar por cima dos outros” (ALUNA YASMIN, 2017), “não tinha escrúpulos” (ALUNA CAMILA, 2017), “ela pecou em certos momentos” (ALUNA YASMIN, 2017), são expressões que se referem às atitudes de Mariana para a construção da carreira dos filhos, o que demonstra por parte dos alunos uma ética em seus julgamentos. Para João se tornar bispo subornou o cônego, para Sebastião se tornar governador solicitou a ajuda do Bispo João:

Uma tarde o Cônego Marcelino, arcepreste e encarregado de recolher as esmolas necessárias à criação do novo e falado Bispado do Espírito Santo, veio, com um livro de Ouro, pedir a contribuição da velha amiga.

- Em vez de abrir seu livro, caro amigo, sugiro fechá-lo. E o senhor terá uma surpresa.

[. . .]

- Relativo minha maiga. Falta um prédio para o Palácio Episcopal, mas o dinheiro arrecadado, já dá para as despesas administrativas iniciais.

- E como se nomeia um Bispo

[. . .]

- Já que o senhor vai ao Rio tratar do assunto, quero oferecer . . . oferta pessoal - ao Santo Padre 100 sacas de café capitania, do melhor . . .

[. . .]

- Assim de mão beijada

[. . .]

Bote na lista do Arcebispado o nome de meu João (PACHECO. 1984, p. 80).

Assim conseguiu que o filho se tornasse o primeiro Bispo do Espírito Santo, tendo grande poder, concedendo favores, ajudando os mais pobres, interferiu para a nomeação do filho como presidente de província. No texto o escritor Renato Pacheco (1984, p. 107) ressalta:

[. . .] tinha a maior fortuna do Estado do Espírito Santo e seus dois únicos filhos estavam nos mais altos postos da hierarquia social: o Bispado e a casa Civil. Nunca, jamais em parte alguma do Brasil até então uma mulata conseguira tanto, é verdade que como resultado de uma vida inteira de perseverança.

A forma como Mariana agia era questionada pelos alunos, ela buscava apenas seus interesses. Na teoria que elaborou sobre a racionalidade da sociedade, sua forma de agir e pensar, Habermas (1990, p. 83) estabeleceu a diferença entre duas formas de agir: o agir estratégico e agir comunicativo. Este se diferencia do primeiro, pois as pessoas envolvidas buscam o consenso, nas pretensões de validade dos pronunciamentos, já aquele as pessoas agem de acordo com os fins que querem alcançar, tomam suas ações como algo individual, segundo o autor:

Na medida em que este esboço é definido de acordo com o modelo de mercado dirigido pelo dinheiro, o agir estratégico, talhado na medida da escolha racional, pode ser mantido como o conceito de ação que convém ao meio de direção. [...] o ator assume um enfoque orientado pelo sucesso, em caso limite, um enfoque racional-com-relação-a-um-fim.

O agir comunicativo deveria permear as relações entre os indivíduos, no entanto, o que se observa tanto no romance quanto em nossa sociedade é que temos um agir

pautado apenas no interesse, um agir estratégico. Para Moreira Filho (2013, p.80) quando a atividade humana não é orientada pelo agir comunicativo o sujeito fica preso em suas vivências, dentro da identidade de papéis, temos uma comunicação distorcida:

A comunicação distorcida não permite a emancipação do indivíduo, posto estabelece a heteronomia cultural; a distorção coíbe a reciprocidade completa do indivíduo socializado pode manter nas relações de igualdade entre sujeitos livres dentro de uma mesma esfera de atuação.

Na sociedade que Mariana estava inserida, o poder e o prestígio eram valorizados e a personagem ansiava por isso, para os alunos essa era uma forma de enfrentar o preconceito:

- Isso aí. Nem por que ela sofreu preconceito durante a vida dela que ela desistiu do que ela queria ser do que ela queria conquistar. (ALUNA GEOVAN, 2017)

- Ela era uma mulher negra e conseguiu muito mais do que pessoas que não era negra, conseguiu ela se superar, (ALUNA IARA, 2017)

Para Mariana, sua ascensão social lhe traria aceitação por parte da sociedade e para os alunos essa foi a maior dificuldade, as expressões, “não é que a pessoa é negra que não pode ter dinheiro na vida”, “ela era uma mulher negra e conseguiu muito mais que uma branca”, denotam a percepção dos alunos sobre a dificuldade que as pessoas negras têm em ascender socialmente no Brasil.

Thales de Azevedo (1996), em *As Elites de Cor Numa Cidade Brasileira: Um estudo da ascensão social*, elabora uma pesquisa sobre a ascensão social do negro na Bahia. Sua pesquisa foi financiada pela UNESCO, no intuito de demonstrar porque na Bahia as relações raciais se deram de forma distinta e mais pacífica que em outros locais. O autor evidenciou como a população de cor ascendeu socialmente e em quais setores da sociedade ela se encontra. Para ele, à medida que uma pessoa de cor torna-se uma pessoa de posses, rica, mediante critérios econômicos e educacionais, ela se embranquece e é aceita pela sociedade de cor branca, pois ela também adquire os valores da cultura dominante.

Mariana enriquece, transita nas classes mais abastadas, mas para alcançar o prestígio enfrentou o preconceito e o racismo da sociedade da época. Os alunos salientaram a diferença de tratamento que tiveram Mariana e Karina:

- Tem uma parte aqui que fala que fala que quando Mariana chegou aqui no Brasil ela foi chamada de inglesita de urubu metida a pombo (ALUNA HELOISA, 2017).

- Eu percebi um preconceito quando foi que eu vi uma diferença para aceitação dos brasileiros que já estava aqui no Brasil para com aceitação para com os emigrantes e com as pessoas de fora, no caso do Reino não Conquistado, mostra a história da dona da pensão, quando ela virou dona da pensão que ela era ex-escrava o homem, o pai de Luíza, ele fala que acha que ela tinha feito macumba por que não tinha como uma escrava herdar, o dinheiro herança que o homem tinha morrido, ela tinha conquistado ele pela boca do povo, ela tinha feito alguma macumba pra poder conseguir aquilo. Ha um preconceito nisso pelo fato dela ser filha de escrava, pelo fato dela ser negra, e tanto que Mariana quando sai da Inglaterra e volta para o Brasil as mulheres já começam a pensar, já começar a chamar ela de inglesita, alguma coisa assim, ah negra metida a branco, mas logo quando os emigrantes eles veem prá cá, é no livro Karina, ja tem uma aceitação, pois logo quando eles vem eles começam a falar com as pessoas do governo para conseguir terra para trabalhar, a Karina por exemplo , participa de festas com as pessoas aqui do Brasil (ALUNA THAÍS, 2017).

Ressaltaram como Mariana foi chamada de *urubu metido a branco*, enquanto que Karina não enfrentou esse tipo de preconceito, ambas estrangeiras, mas traziam no corpo a marca que as tornava completamente diferentes, a cor. A aceitação de Karina e a negação de Mariana podem ser relacionadas com a conjuntura pela qual passava a sociedade na época. Morila (1999), ao realizar um trabalho sobre os imigrantes na cidade de São Paulo tendo como fonte canções da época, analisou os conflitos entre o trabalhador imigrante e o trabalhador negro. Conforme o autor, algumas canções retratavam o preconceito contra o negro, associando-o como uma praga, como uma pessoa que devia ser evitada. Para ele, essas canções indicavam a dificuldade de incorporação do negro na sociedade que recentemente havia abolido a escravidão. Referindo-se à canção de Jacob Peteado, Morila (1999, p.26) salienta:

Nesta canção, além da exaltação das suas características físicas, tomadas sempre como negativas, como uma praga que Deus deixou, o negro é também visto como uma pessoa a ser evitada: *Por favor não olhe pra mim*, comparando-o com o Anu, o pássaro preto, que traz mal agouro.

Segundo ele, nessa sociedade o negro será colocado como um problema, desqualificado como trabalhador e como pessoa. O incentivo à imigração por parte da elite estava repleta de amplos significados, entre esses, o controle do trabalho e o embranquecimento populacional. No século XIX, havia uma política imigracionista que tinha o intento de trazer ao Brasil, trabalhadores brancos, que fossem capazes

de civilizar o país devido sua brancura e dedicação ao trabalho. O sujeito branco era desejado enquanto o negro era repulsivo.

Em uma sociedade escravista, ser branco era sinal de distinção, enquanto que o mestiço, trazia na cor a herança da escravidão. Segundo Kátia Matoso (1992, p. 11), na introdução ao livro *Bahia, Século XIX*, relata que na sociedade baiana as questões de cor orientam os comportamentos, e observa que ser branco é mais importante do que possuir riqueza. “A brancura é mais importante (mais durável) que a riqueza, que podia desaparecer. Era o verdadeiro sinal de herança nobre, testemunho de um passado a ser preservado”.

A forma como a sociedade aceitou Mariana, explicita essa colocação de Kátia de Matoso (1992), apesar de ser rica a personagem ainda sofria com os estereótipos que eram atribuídos a ela. Os alunos ao relatarem como Mariana foi tratada, expressaram angústias atuais, frases como “por ser negro não pode ter dinheiro”, ou que as “mulheres negras devem servir às mulheres brancas” estiveram presentes nos seus diálogos. Ao serem indagados como a literatura contribuiu para sua formação responderam:

- Ajudou a ampliar, por mais que ela era negra, as pessoas, ela ajudava e tal, tipo assim, por que tem gente que fala ah por que é negro é pobre ... é isso e aquilo, por preconceito, então já deu pra ver uma forma de diferença, então tipo assim, não é por que a pessoa é negra, que a pessoa não pode ter dinheiro, ter uma coisa na vida (ALUNA MAIRA, 2017).

- Tipo assim, não é uma diferença, sobre a mulher branca e a mulher negra, sempre as pessoas vão pensar que tem que servir a mulher branca, sendo que só muda o tom de pele, mas por dentro somos a mesma pessoa (ALUNA THAÍS, 2017).

Essas colocações das alunas se relacionam tanto com o romance, pois Mariana mulher negra, inseriu-se na alta sociedade capixaba, mas enfrentava o preconceito por sua cor, como também em nossa sociedade atual, uma vez que a trajetória do negro na estrutura social do trabalho no Brasil foi marcada pela informalidade, pela precarização nas relações de trabalho, pelo preconceito e racismo. Por conseguinte, uma outra assertiva que pode se fazer da fala da aluna, “sempre as pessoas vão pensar que tem que servir a mulher branca”, está relacionada com a ocupação das mulheres negras nos serviços domésticos. Segundo Bairros (1991, p. 183), as negras ocupam 86,4% dos serviços domiciliares. Tereza Martins (2014, p. 113) em um estudo que fez sobre o negro no mercado de trabalho destaca:

Nessa mesma linha de preocupação, cabe destacar que o trabalho doméstico, por estar associado a um maior grau de informalidade e precarização, é mesmo assumido essencialmente pelos (as) negros (as). No período de 1995 a 2006, entre os(as) trabalhadores(as) pretos(as) e pardos(as), nessa ocupação, 75,8% estavam sem carteira assinada.

Para a aluna, isso não deveria ser uma diferença, mas é dessa forma que a sociedade percebe, ela reforça essa ideia ao terminar a fala enfatizando que somos todos iguais. Há nessa expressão a ideia de uma identidade que é uma identidade humana, compartilhada por todos. Partindo da concepção de Habermas sobre identidade, enquanto desenvolvimento da identidade do eu, pressupõe esse caminho, todos são capazes de elaborar uma identidade do eu.

A condição da mulher como aquela que conduz a situação econômica, assumindo o papel de chefe da casa, foi observada pelos alunos:

- Como se mostrasse a figura ao contrário, geralmente nos livros que a gente vê, os homens que são fortes e destemidos e ambiciosos, e enquanto a mulher, ela já foi o contrário, ela mais ambiciosa que o marido dela, correu mais atrás, sem contar as coisas que ela queria fazer, sobre o café na casa esmeralda, e na verdade depois deu certo, por que ela foi capaz, quando ela conseguir ele acabou cedendo. (ALUNA AMANDA, 2017)

Outras alunas também ressaltaram essa posição de Mariana enquanto uma mulher forte, corajosa e empoderada. É relevante como aluna pontua sobre a inversão da imagem feminina na literatura, geralmente, como aluna observou, quem assume esse papel é o homem. Essa percepção ocorre, talvez, por que na literatura que retoma esse período, que esses alunos têm acesso, pois muitas vezes se discute em sala de aula, como *Lucíola*, *Senhora*, *Helena*, *O Guarani*, há uma idealização do feminino como frágil, dócil, dependente do homem. Do Romantismo ao Realismo as representações que se faz do feminino é de uma mulher criada em um ambiente patriarcal, muitas vezes submissa e dependente do amor masculino.

Karina e Mariana fogem um pouco dessa demarcação, são representadas enquanto mulheres que sabem fazer suas escolhas, podem não ser as escolhas de uma mulher da época atual, mas, que apesar de serem representadas como mulheres do século XIX, extrapolavam as barreiras impostas pela sociedade.

As personagens refletem o que muitos estudos têm indicado sobre o cotidiano das mulheres nos séculos passados, como o de Maria Odila Leite (1995)¹⁸ e Eni Mesquita Samara (1993), as quais apontam para uma dinâmica mais complexa da relação familiar no Brasil.

As escolhas de Mariana se moviam em uma sociedade escravista e racista do século XIX onde a miscigenação não era vista com bons olhos. Na concepção de alguns viajantes, cientistas europeus e americanos o Brasil, nesse período era um povo mestiço fadado a falência, inviável como nação. O Conde Arthur de Gobineau foi um dos viajantes que passou por aqui e condenou a composição étnica do país, permaneceu no Brasil durante quinze meses em missão oficial, dedicou palavras duras quando tratou de descrever a situação racial, "trata-se de uma população totalmente mulata, viciada no sangue e no espírito, e assustadoramente feia" (SCHWARCZ, 2008, p.142).

A identidade da personagem Mariana era fruto da sociedade em que vivia. Para Moreira Filho "toda identidade, coletiva ou individual, apresenta o comportamento baseado nas convenções, em conformidade com as normas numa imitação ou reprodução social". Como Habermas (1983) aponta, ninguém pode edificar sua identidade independente das identificações que outros fazem dele.

Poderíamos dizer que Mariana não agiu de forma errada, para aquela época, eram as formas de se chegar a uma posição de poder. No entanto, os alunos interpretaram suas ações como algo errado. Habermas (1983, p. 66), salienta que no desenvolvimento da identidade do eu, que está estritamente ligado com o processo de individuação e socialização do sujeito, as pessoas devem saber distinguir entre ações obrigatórias e ações desejadas, "entre a validade de uma norma e distinguir entre heteronomia e autonomia; ou em suma, deve poder ver a diferença entre normas puramente herdadas (ou impostas) e normas justificadas por princípios." Em teoria do agir comunicativo, Habermas (2012, p. 71) observa o desenvolvimento social das normas, e assevera que uma "norma de ação refere-se

¹⁸ Maria Odila Leite (1995), em seu livro *Cotidiano e Poder em São Paulo no século XIX*, através de uma documentação ampla, como processo criminoso, registros municipais, processo civil, analisa o cotidiano de mulheres pobres na essa cidade e o mundo do trabalho pelo qual essas mulheres transitavam. Já Eni Mesquita Samara (1993), tem diversos estudos sobre a família brasileira, observando os diversos arranjos familiares presentes no Brasil em alguns momentos da história.

à regulação coletiva do arbítrio dos participantes de uma interação que coordenam suas ações diante imperativos sancionados e por meio da satisfação recíproca de interesses”. A normatividade social está estritamente ligada à identidade coletiva, pois ela é gerada pelos sujeitos que compõe a interação.

As ações de Mariana, por meio das falas dos alunos, dão a entender que não poderiam servir de exemplo para os demais, seus julgamentos, como “errou muito na vida”, sublinham que esses alunos caminham para o desenvolvimento de uma identidade do eu. O sujeito com uma identidade do eu possui uma noção de saber que ele é e o que ele quer ser, sua individualidade aponta para uma singularidade daquele que sabe a si e ao outro, esboça-se como alguém que garante sua continuidade com uma história de vida assumida conscientemente. Nas palavras de Habermas (2012b, p.180):

A proporção que assume sua biografia e responde por ela, o adulto tem condições de retornar a si mesmo seguindo as pegadas das próprias interações. Somente quem assume sua história de vida tem condições de ver nela a realização de si mesmo. Assumir responsavelmente uma biografia significa, em primeiro lugar, adquirir clareza sobre quem queremos ser. E em segundo lugar implica considerar as pegadas das próprias interações como se fossem sedimentações das ações de um ator imputável, portanto de um sujeito que no terreno de uma relação autorrefletida.

Saber quem se é, o que se quer, para Habermas (2012b), significa que a pessoa possui uma autoidentificação, é capaz de se distinguir de todas as outras as pessoas, que agem autonomamente, de forma ética e responsável por seus atos. A concepção de Habermas de identidade é um pouco existencialista, pois aponta para a possibilidade de que minhas escolhas, não são só minhas, possuem uma exemplaridade, como pontua Sartre (1970, p.5) “não há um único de nossos atos, que criando o homem que queremos ser, não esteja criando, simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser”. As atitudes de Mariana por mais que não ferissem outras pessoas na interpretação dos alunos não serviriam como exemplo de ascensão de social.

4.5 JOSEPH KOSTER E MARIANA – A IDENTIDADE DO EU

Joseph Koster, o comerciante inglês, educado em uma sociedade de princípios liberais, a qual condenava a escravidão mais por questões econômicas do que ideais liberais, veio ao Brasil para comerciar, ver a possibilidade de navegação no Rio Doce, e averiguar a existência de ouro e outros minerais na região. Como não obteve de imediato a autorização, decidiu, devido a facilidade em ganhar dinheiro, traficar escravos. De imediato se apaixonou por uma escrava de quatorze anos com quem teve relações, mesmo estando noivo de outra mulher.

Várias atitudes de Joseph Koster foram questionadas pelos alunos, ação de traficar, sendo em seu país condenando o fato; de possuir uma escrava e ter relações com ela, agravando ainda mais o fato sendo ela tão nova; outra questão pontuada, já que era tão apaixonado, por que não concedera a liberdade a Maria Victória.

- “Já que ele gostava dela por que não deu a liberdade a ela” (ALUNA DAIANE, 2017)

Uma das teses levantadas pelos alunos para que Joseph Koster agisse assim, era a existência de normas e valores morais na sociedade brasileira que permitia o tráfico, o relacionamento entre escravizado e seu dono e a concubinação no matrimônio. No entanto, por mais que a sociedade exerça um papel fundamental na formação da identidade do indivíduo, o personagem tinha a liberdade em poder escolher, sem coerção alguma, para não praticar as três ações aqui apontadas pelos alunos. Habermas (1983, p. 58) salienta que a “liberdade - por mais que possa ser guiada por princípios – não é livre com relação aos sistemas normativos existentes”, e o sistema normativo do qual Joseph fazia parte lhe dava essa possibilidade de escolha.

O que desejava a si, não seria bom a Maria Victória. Em nenhum momento do livro o personagem aventou essa possibilidade. Na narrativa, por outro lado, apresenta que o comportamento dele não era muito aceitável pela população. Todavia não era o fato de escravizar que era julgado, mas ter um relacionamento com duas mulheres.

Estamos aqui na escrita a elaborar julgamentos da ação de Joseph Koster: Não teria ele, de desenvolver atitudes pelas quais ele poderia também ser afetado? Para Habermas (2011b, p. 173), “No julgamento de um conflito de ações, moralmente

relevante, temos de levar em conta o interesse geral que todos os afetados respeitariam caso adotassem a atitude moral da avaliação imparcial de todos os interesses em jogo”.

Partindo desse pressuposto, analisamos agora as ações de Mariana. Ela agia com os outros da mesma forma que queria ser tratada. Vivendo em uma sociedade que trazia a marca da desigualdade em sua estrutura, a escravidão. Mariana sofreu devido a sua cor, sendo tratada pelas mulheres “como urubu metida a pombo”. E fez de tudo para alcançar prestígio e reconhecimento.

Foi ela crítica da escravidão, ingressou em grupo abolicionista, no entanto, tinha em sua casa uma escrava, Dondona. Esse fato foi abordado pelos alunos:

- E a Mariana tinha uma escrava que ela tratava por Dondona uma coisa assim, que até quando veio a abolição da escravidão ela queria soltar a escrava, porém ela a escrava não queria aceitar sua liberdade, e mostra uma parte da história que quando aconteceu a abolição muito escravos que não tinham pra onde ir e não tem o que fazer era mais cômodo para eles ficar com o seu senhor que até sair (ALUNO VINÍCIUS, 2017) .

A narrativa, retrata o envolvimento de Mariana com um grupo de abolicionistas, a Sociedade Libertadora de “Domingos Martins”. Ela contribuía financeiramente para o grupo, promovia campanhas para levantar fundos a causa, além de ir a reuniões do grupo. Após a participação em uma dessas reuniões Mariana saíra comovida, conforme o romance:

Mariana, estática, chorava, e, como num sonho, viu que o marido a tomava delicadamente aos braços, pois quase todos já se haviam retirado do salão.

Chegou a casa, falou com o marido que ia libertar Dondona.

- Nem pensar...

Discutiram acaloradamente. Ao final, em segredo, começou a pagar um salário simbólico á devota serva, e apoiar, consciente e abnegadamente, as sociedades, que por ocasião da Festa da Penha, na 2ª segunda-feira após a Páscoa, alforriavam os escravos. (PACHECO 1984, p.75)

O aluno Vinícius, em sua fala acima, atenta-se para a intenção de Mariana em conceder a liberdade a Dondana e reproduziu algumas discussões sobre o fim da escravidão e a permanência do liberto no local onde era escravizado.

A percepção do aluno tem certo fundamento, para alguns autores a liberdade era algo sempre almejado pelo escravo, Wlamira de Albuquerque (ALBUQUERQUE;

FRAGA FILHO, 2006, p. 199), em um livro no qual analisa a história social dos negros no Brasil, salienta que muitos escravos preferiram ficar nas fazendas e negociar a nova situação:

Muitos ex-escravos, porém, permaneceram nas localidades em que haviam nascido. Estima-se que mais de 60 por cento deles viviam nas fazendas cafeeiras e canavieiras do Centro-Sul do Brasil. Mas decidir ficar não significou concordar em se submeter às mesmas condições de trabalho do regime anterior. Muitas vezes, os ex-escravos tentaram negociar as condições para sua permanência nas fazendas. Estudo recente mostra que, no Sudeste, grupos de libertos recorreram aos párocos locais e mesmo a agentes policiais para apresentar suas condições de permanência aos antigos senhores. No entanto, negociar com os libertos parece ter sido uma situação para a qual seus ex-senhores se mostraram indispostos.

As ações de Mariana intrigaram os alunos que indagaram: Como a personagem poderia aceitar a escravidão de uma pessoa? Claro que estamos falando de sujeitos que se separam por mais de cem anos no tempo, cada um está inserido em uma sociedade de valores completamente diferentes. Todavia, o fim da escravidão já era uma possibilidade na sociedade daquele período. Jornais, figuras políticas, o movimento abolicionista, questionavam a existência de tal situação, além disso, outros países já não aceitavam sua existência.

Os proferimentos dos alunos indicaram uma preocupação em relação ao outro que está em uma situação degradante, causada por um igual. Avaliaram as ações dos personagens, percebendo o que seria justo para si e para o outro, o que se deveria fazer? Pergunta de acaloradas discussões filosóficas demonstra, segundo Habermas (1991, p. 108-109), ao indivíduo se perguntar se deve agir de forma justa, afirma na realidade ser um dever fazê-la:

Na avaliação moral de condutas e de máximas é também algo completamente distinto. Esta está a serviço da clarificação de expectativas legítimas de comportamento face a conflitos interpessoais que instabilizam a nossa ordenada vida em comum devido à existência de interesses antagônicos.

Outras inquietações surgiram sobre a relação do escravo com o seu dono. Os alunos passaram a questionar a atuação de Mariana sobre a condição de escrava de Dondona e, até mesmo, sua resistência diante do fato de se tornar livre, ao saber de sua liberdade, afirmou que não iria abandonar Mariana, assim alguns alunos levantaram as seguintes colocações:

- Eu achei meio ... se ela sabia que era negra, por que ela tinha uma escrava, depois que ela teve um negócio e tava ganhando bem, por que ela começou dar dinheiro escondido para Dondona, tipo assim ela pediu o marido dela dar uma alforria ele não quis, aí ela começou dar um dinheiro escondido pra ela, mas por que ela não viu isso, por que a Dondona não viu isso que era uma escrava também, era uma escrava dela, ela era negra, ela sabia que existia uma escravidão e ela não abriu os olhos para uma pessoa que estava dentro da casa dela (ALUNO VINÍCIUS, 2017).

O aluno questiona o fato de Mariana ter demorado tomar uma posição em relação a Dondona, a inquietação do aluno está relacionada ao fato da tomada consciência de Mariana em relação à injustiça que Dondona sofria, sendo escrava. Além disso, a expressão por que “ela não viu isso”, “ela era negra” se refere a demora de Mariana em tomar essa atitude, está atrelada à origem da personagem, filha de escrava, possuía uma tonalidade de pele mais clara, sendo nomeada de mulata no livro (PACHECO, 1984, p.76). Assim, ela não atentou de imediato para a situação da escrava que se tornara uma amiga, apenas com o passar do tempo começou a se importar com a imoralidade da escravidão.

A inquietação com a situação de Dondona foi também salientada por outra aluna, como se a personagem não almejasse tornar-se livre:

- É meio complexo você falar de escravidão, o escravo ele tinha um relação muito forte com o dono, então a Dondona era escrava, ela comprou quando ela tinha uns 12 anos quando era bem enorme a quantidade de negros, ela cresce na casa e então pega a confiança, ela sabia que o lugar dela era de escravo, só que ao mesmo tempo, cria uma confiança, elas eram amigas. É bem contraditório, e depois você vê lá que a Mariana, ela fez parte do movimento abolicionista, ela conseguia fundos para esses negócios, por causa que ela via que era necessário acabar com a escravidão, por que ela tinha uma raiz negra, ela sabia que a escravidão era uma coisa errada, mas ela tipo assim, a sociedade agia assim então não adiantava ela ser assim, enquanto todo mundo em volta não era, meio que conseguia ajudar a causa negra e também a amiga dela que era escrava. Meio contraditório (ALUNA ABGAIL, 2017).

Essa forma de abordar por parte da aluna como sendo algo permitido pelo negro, faz parte de uma discussão da historiografia. Há segundo Sidney Schalhoub (1998, p.315), uma tentativa por parte de alguns autores em criar uma teoria do escravo coisa, em que as condições extremamente duras da escravidão, teriam retirado “a capacidade de pensar o mundo a partir de categorias e significados sociais que não aqueles instituídos pelos próprios senhores” e, por isso, ele não reage, não questiona, não se rebela, vê-se como o seu opressor o vê. O autor contesta essas ideias e demonstra que havia diversas formas de resistir à escravidão.

Outro ponto da fala da aluna foi a tentativa de justificar a ação de Mariana: se a “sociedade agia assim então não adiantava ela ser assim, enquanto todo mundo em volta não era”. Habermas (1991, p. 106) tem uma interessante colocação sobre a relação existente entre indivíduo e sociedade. Para ele:

O meu processo de formação desenvolve-se num contexto de tradições partilhadas com outras pessoas; também minha identidade é cunhada por identidades colectivas e a minha história está enraizada em formas de vida de âmbito histórico. É nessa medida que a vida que é boa para mim também afecta as formas de vida que nos são comuns.

A aluna compreende a importância da sociedade no processo de escolha de Mariana, ressaltando que se a maioria da população agia daquela forma, tinha escravos, como poderia ela mudar tal realidade? O livro menciona a vontade da personagem em transformar tal realidade, agindo da forma que era possível, todavia, poderia ter feito mais, representada como uma mulher independente que tomou as rédeas do negócio da família e o fez progredir, não foi capaz de decidir sobre a alforria de sua escrava.

A teoria que utilizo aqui parte do princípio de que a sociedade e o indivíduo se compõem reciprocamente, o que sou, parte de uma história de vida anterior que não é apenas minha, mas também representam aqueles que vieram antes de mim, assim como está relacionado com o que quero ser, como quero ser visto (HABERMAS, 1999). Mariana era muito ciente dessa situação, sabia sempre o que queria e como queria ser vista.

Um indivíduo com uma identidade do eu desenvolvida deve ser capaz de fazer escolhas que vão para além do grupo que pertence, possuindo uma consciência moral mais ampla, parte do princípio que se percebo que uma regra não é boa para mim e nem para a totalidade do grupo, é geradora de exclusão, tenho que ser capaz de ir contra ela. Uma norma não pode beneficiar apenas um grupo, tem de concernir a todos igualmente. No entanto, não é o indivíduo impondo sua vontade diante do grupo, ele tem que participar de processos argumentativos onde possa colocar suas pretensões de validade, e chegar a consensos e normas mais universalizantes.

As colocações dos alunos sobre as atitudes de Mariana apontam para o valor moral de suas ações e como estes compreendem que as atitudes deveriam ser. Na concepção de Habermas (1999, p.18) as atitudes morais são [...] parte de todas as

intuições que nos informam acerca das melhores formas de nos comportamos, para que possamos reagir, mediante a deferência e a consideração, à *extrema vulnerabilidade* dos indivíduos.

Assim, em Habermas (1999) o que é moral, está relacionado com a susceptibilidade dos seres vivos que se individualizam por processo de socialização, nisto deve cumprir duas coisas: a intangibilidade dos indivíduos, pois cada um reclama igual respeito pela dignidade; e protegem as relações intersubjetivas de reconhecimento recíproco, através das quais preserva os indivíduos enquanto membros de uma comunidade.

Ter reconhecimento em uma sociedade pelo que se é e o que se quer são pressupostos para desenvolvimento da identidade do eu. Segundo o autor, a pergunta “Quem sou eu e quem gostaria de ser? (quem somos nós e que queremos ser?). É a própria identidade que está posta em discussão.[...]” (HABERMAS, 1999, p. 92)

Mariana possuía uma autocompreensão, sabia o que era bom para ela, todavia, não era reconhecida pelo grupo que participava, isso devido a sua cor. Nesse sentido, a interpretação que ela elaborava da sociedade, é que era necessário possuir dinheiro para ser reconhecida. Para os alunos, esta posição de Mariana mostrava que ela era uma mulher empoderada, assim a aluna a caracterizou:

- Alguns falavam que ela tinha um porte de homem, mas no caso eu entendo como se fosse... forte, uma mulher como ela diz empoderada, por que ela sabia o que ela queria e corria atrás, do que ela sabia que outras pessoas não iam conseguir, e é por isso que quando ela veio ela causou tanta inveja nas pessoas, por que tudo que dava na telha para ela fazer ela fazia, seu comércio estava dando certo, então as pessoas ficavam tilitando de ódio por causa disso, por que tudo que ela queria ela sabia o que ela poderia fazer, dava um jeito de fazer, teve uma coisa que ela fez... só por que ela fez todo mundo queria fazer, “eu fiz ah...” a o retrato de óleo.(ALUNA ABGAIL, 2017)

Para Abgail, a história de Mariana foi de uma mulher negra e empoderada, ao falar sobre suas impressões demonstrou muito entusiasmo, talvez porque Abgail também seja negra. Assim, em um outro momento a mesma aluna pontou:

- Quando eu comecei a ver o empoderamento negro, como que ela veio da Inglaterra, toda empoderada lá, tipo esse povo vai beijar nos meu pés,

marcando almoço e jantares na casa dela, eu gostei muito do empoderamento dela naquela região. (ALUNA ABGAIL, 2017)

Talvez a empatia da aluna pela personagem se dá pelo fato de termos poucas heroínas negras na literatura brasileira, além disso, demonstra a discriminação social sofrida por Mariana e que muitos negros até hoje sofrem, e como a personagem reverteu isso em projeto de vida, se tornar superior àqueles que a desdenhavam.

Os esforços da personagem para alcançar prestígio também foram observados por outros alunos que, em sua maioria, viram a história como uma narrativa de superação e conquistas materiais:

- Ela teve uma obsessão de querer mostrar para todo mundo que ela era melhor que todo mundo e tudo que ela queria ela conseguia fazer conquistar. (ALUNA IASMIM, 2017)

- Mariana era autoritária e lutou para ganhar dinheiro. (ALUNO RENAN, 2017)

Essa percepção dos alunos ocorreu porque em diversos momentos da narrativa a personagem foi apresentada como aquela que queria ganhar dinheiro, enriquecer e provar algo para a sociedade. Segue um dos trechos onde isso se evidencia:

E mariana pensava, senti, sonha e queria (achava ela) unicamente o progresso de seu comércio [...]

Sempre ativa pensando em ganhar em dinheiro [...] (PACHECO, 1984, p.86)

A despeito do fracasso social, os olhos de Mariana brilhavam de satisfação [...] E, no futuro, pensava Mariana esta cidade há de se ajoelhar a meus pés, ou eu não me chamo Mariana Costa Pereira. (PACHECO, 1984, p. 61)

Pensar no que queria ser, uma mulher rica capaz de impor respeito, foi no que Mariana baseou sua trajetória de vida. Muitos alunos ao serem perguntados sobre o que queriam ser, a primeira coisa que respondiam estava ligada a uma profissão:

- Ah... eu quero ser médica (ALUNA ÉRICA, 2017).

- Eu quero fazer engenharia mecânica (ALUNA ESTER, 2017).

- Eu quero ser arquiteta (ALUNA MAIRA, 2017).

- Eu quero ser Biomédica (ALUNA CAMILA, 2017).

Poucos alunos pontuaram como queriam ser reconhecidos em sua profissão, e salientaram profissões que têm certo status em nossa sociedade e possibilitam o ganho de dinheiro. O que quero esclarecer com estas colocações que, infelizmente,

em nossa sociedade o lugar ocupado pelo dinheiro tem transformado as relações sociais. Ter é mais importante do que o saber e o ser. Tudo que fazem objetivam essa pretensão de ter dinheiro, a forma de interagir e o que pensam para o futuro passam pelo crivo da ascensão social. Talvez por isso, não se espantaram muito com a história de Mariana, que entendia a discriminação racial que sofria, mas pelo quesito de ter dinheiro, em nenhum momento da narrativa a personagem se indagou por que a tratavam daquela forma, ou se perguntou sobre a história de sua mãe.

Na sociedade em que a forma de agir é mediatizada pelo dinheiro, não permite que as relações sociais tenham seus significados retirados do mundo da vida, tal situação altera o processo de formação de identidades. As pessoas passam a agir de forma estratégica, movida apenas por seus interesses, não visam uma comunicação que busque o consenso. Para Habermas (2012b, p.331):

Tal reorientação da coordenação da ação, que passa da linguagem para meios de controle, faz com que a interação seja desligada dos contextos de mundo de vida. Meios como dinheiro e o poder se assentam sobre vinculações motivadas empiricamente; codificam uma forma teleológica de tratar quantidades de valores calculáveis, tornando possível uma influência estratégica generalizada nas decisões de outros participantes da interação, passando ao largo dos processos de formação linguística de consenso.

Quando no processo de integração social, que se dá a formação das identidades, as interações sistêmicas se sobrepõem as interações baseadas no mundo da vida, através dos meios de controle como o dinheiro e o poder (o mercado e o estado), as pretensões de validade passam a ser baseadas na autoridade e no poder e retira a capacidade de responsabilidade dos sujeitos da interação.

Na concepção de Habermas, quando estamos inseridos em um agir comunicativo buscamos um consenso, um entendimento, lançamos uma pretensão de validade que é criticável em ambos os lados, tanto por alter quanto por ego, retiramos essas pretensões de tradições culturais compartilhadas, de ordens institucionais e de competências, no entanto quando a função da linguagem é retirada, não existe mais o consenso. Na acepção de Habermas (2012b, p.479):

As interações regidas por meios podem se ligar no espaço e no tempo sem que essas concatenações comunicativas tenham de ser tidas como um conjunto pelo qual alguém é responsável, ou tidas como um saber cultural compartilhado coletivamente.

Mariana possuía em suas ações a mediação do dinheiro, acreditava que poderia se sobrepor aquela sociedade que tanto lhe diminuiu, todavia não era apenas essa forma de comunicação distorcida que a impedia de ter uma identidade do eu desenvolvida, algo que é importante para a identidade do eu, como Habermas (1983) observa, é ter seus carecimentos interpretados culturalmente, assim devido a sua cor, seu reconhecimento na sociedade era lhe negado. Para Habermas (1983, p.70) a dinâmica das pulsões está articulada com o desenvolvimento do eu, aqui ele traz a influência dos trabalhos de Freud, sobre Ego e Superego e também de Marcuse (1975) ao falar dos ideais de eu. Segundo Habermas:

Na dinâmica da formação do Superego, pode-se ler tanto o papel instrumental que as energias libidinais adquirem na formação dos ideais de Eu, na forma de carga narcisista do si Mesmo, quanto na função que as energias agressivas voltadas contra Si Mesmo, desempenham na formação da consciência moral.

O desejo de ser tratada como igual era negado a Mariana, ocupava o não lugar, tanto dentro do grupo de brancos quanto do grupo de negros. Erikson (1976, p.49), observa essa relação de reconhecimento na formação da identidade pessoal, consoante o autor, a identidade baseia-se em “observações simultâneas: a percepção da uniformidade e continuidade da existência no tempo e no espaço; e a percepção do fato de que os reconhecem essa unidade e continuidade da pessoa”.

Descendente de escrava, estrangeira, Mariana não teve o reconhecimento de imediato na sociedade capixaba. Os ideais de sujeito elaborados naquele período - branco e rico - não condiziam com a sua realidade, na narrativa o escritor oscila em sobre qual viés retratar essa questão, ora pontua que a chamavam de urubu metido a pombo, fazendo referência a sua cor, ora a sua condição de estrangeira, sendo chamada de “inglesita”:

[...] sem base real, repudiavam a recém-chegada [...] e foi por isto que as línguas de trapo vitorienses disseram que só mesmo forçado sairia casamento de um solteirão com uma estrangeira madura e ainda por cima preta, alegando que a inglesita fizera uma ladainha ao santo milagroso (PACHECO, 1984, p.60).

Na acepção de Habermas (1999, p. 96) “só por meio de relações de reconhecimento recíproco é que uma pessoa pode constituir e reproduzir sua identidade”. Mariana não se sentia reconhecida, essa situação fez com que se instaurasse um rancor sobre ela, dois momentos foram marcantes para que isso ocorresse, em seu

casamento não compareceu ninguém, e no batismo de seus filhos o mesmo ocorrido. As reuniões que realizavam eram com um grupo seleta da sociedade, sendo que em sua maioria não iam muitas mulheres. Com o tempo as pessoas começaram a aceitá-la, mas devido a ascensão social que a personagem vinha conquistando:

Admiravam-se das mostras evidentes de riqueza alguns encontravam, já se disse, provas notórias do pacto com o diabo, outros relembavam velhas histórias de tesouros enterrados, mas a maioria respeitavam o tino e a garra de Mariana, com sua pele purpúrea, com suas mãos grandes e autoritárias (PACHECO, 1984, p.72)

Todavia, mesmo diante do reconhecimento a personagem nutria certo ressentimento pela sociedade “Tantas e boas as senhoras da alta sociedade lhe fizeram que Mariana desenvolveu forte carapaça de ressentimento, ansiando por vingança, dando-lhe impulso para detratar ou desprezar a vida social local...(PACHECO, 1984, p.82). Apenas com o tempo quando seus filhos tornaram-se presidente de província e bispo, e Mariana a distribuir favores, é que ela pensou em perdoar.

Os alunos nas leituras que fizeram perceberam como Mariana era tratada pela sociedade devido a sua cor, como sofreu, e que as adversidades alimentavam sua vontade de ascensão:

- Mariana, ela sofreu muito preconceito em questão da cor e do patamar onde ela vivia por que as damas, ficava de olho gordo (ALUNO YAN, 2017).
- E nem por que ela sofreu preconceito durante a vida dela, que ela desistiu do que ela queria ser, do que ela queria conquistar (ALUNA UIARA).
- Houve muita discriminação, mas como ela já estava com seus bens a pessoa não chegava diretamente e chingava ela de urubu. (ALUNO GEOVAN, 2017)

A sociedade da qual Mariana fazia parte era marcada pela escravidão, pela diferença e desigualdade, a cor era um aspecto de distinção e de inferiorização, assim a cor da personagem era uma marca de sua origem, filha de escrava era uma forma de diminuí-la perante sua ascensão social. Nesse sentido alguns autores observam que a cor durante o império era uma questão central das relações sociais¹⁹:

¹⁹ Sobre a questão da cor no Brasil Imperial há uma serie de trabalhos que atentam para as relações sociais, nesse período Donald Pierson (1971), Florestan Fernandes (1965) Thales de Azevedo (1955) Oracy Nogueira (1985 [1954]),.

Os pesquisadores em geral concordam que, por sua subjetividade, o uso social da cor, no Brasil, foi em grande medida um fenômeno tributário do esforço de produzir diferenças no interior do grande grupo de indivíduos que não eram escravos/negros ou livres/brancos. Ademais, esse caráter subjetivo da cor também se adequava bem a uma sociedade na qual o trânsito social de cada um se definia no âmbito das relações interpessoais. Não por acaso, boa parte daqueles que estudam escravidão e relações raciais no Brasil sugerem que no país a cor constituía (e ainda constitui) categoria sociológica extremamente complexa, conformada a partir de inúmeras variáveis. (MACHADO, 2008, p.43)

A cor foi um dos aspectos que dificultou a aceitação de Mariana por parte da sociedade, no entanto, a medida que enriquecia se tornava mais aceita, mas sempre lembrava do que havia sofrido. Ao que parece, no romance, esta inclusão no meio dos brancos foi de idas e voltas, não era consensual sua aceitação, pois certa vez, mesmo já sendo de grande influência, a sua cadela aparecera morta, Mariana desconfiou que fora sua vizinha (PACHECO, 1984, p.82).

Para Antônio Sergio Guimarães²⁰ (2003, p.100), a ascensão social de pretos, mulatos, pardos livres, provocou mudanças na classificação social que era adotada no Brasil Imperial, deixando de lado o termo raça para adotar o critério cor, salienta que:

Em algum momento da história, possivelmente pressionada pelo avanço social dos ex-libertos e de seus descendentes, a categoria predominante em termos de classificação social passou a ser “cor” e não “raça”. Ganhou esse estatuto de categoria nativa mais importante. Essa idéia de cor está hoje na base do que se chama de nação brasileira, desse Estado-nação.

Nesta realidade, Mariana não se sentia integrada à sociedade, seu desejo de reconhecimento era limitado pela cor que possuía, isso só veio a ocorrer à medida que possuía dinheiro e poder. Até mesmo para os alunos, o fato de ter alcançado a tão sonhada ascensão diminuiu os contratempos pelos quais passaram a personagem, falas como “ela sofreu muito, mas conseguiu” (ALUNO YAN, 2017) ou “eu gosto muito de histórias motivadoras” (ALUNA, YARA 2017), demarcam a importância que o dinheiro tem na vida destes alunos:

- Pra começar eu gosto muito de histórias motivadoras, como o livro mostrou a Mariana, ela tinha força de vontade ela corria atrás do que ela queria...é isso a força de vontade dela de sempre buscar mais para chegar onde ela queria alcançar.(ALUNA YARA, 2017)

²⁰ Antônio Sérgio Guimarães é um sociólogo que discute a questão do racismo no Brasil. Segundo ele, cor não é uma categoria objetiva, mas uma categoria social, assim prefere deixar de lado o termo cor para adotar raça, mas como um critério sociológico.

O que Mariana queria alcançar desde o início do livro era a ascensão social, retratada no livro pela riqueza alcançada com o comércio e pelo poder político e religioso de seus filhos. As duas coisas, na acepção de Habermas (2012b, p. 479), são meios de controle que retiram da linguagem a coordenação da ação comunicativa, sendo assim a “interação é desengatada do mundo da vida em geral”.

Desta forma, a personagem não foi capaz de construir uma identidade em que suas ações fossem baseadas em princípios mais universalistas, ela também não fora capaz de deixar os preconceitos de lado para orientar suas atitudes. Para Habermas (1983, p. 63), é necessário que quando “dos carecimentos já interpretados, também a crítica e a justificação das interpretações dos carecimentos podem adquirir assim a força de orientar a ação”.

Os alunos ao serem perguntados sobre o que acharam da discriminação pela qual passou Mariana, e como percebem isso hoje, salientaram a persistência desse fato em nossa sociedade e assim pontuaram:

- As vezes se eu sou negro, eu quero ser o que quero ser, só que a sociedade interfere, no que quero ser por causa da cor. (ALUNO JONAS, 2017)
- As vezes a pessoa tem algum sonho, ai ele vê que o padrão onde vai trabalhar ali só tem pessoas brancas , ela deixa tentar realizar aquele sonho dela de correr atrás. Tipo assim eu sou negro eu não vou ser aceito então eu não vou conseguir. (ALUNA MAIRA, 2017)
- Ele fica se questionando
- O preconceito o racismo reprime a pessoa, e as pessoas se tornam depressivas e agressivas. (ALUNA ERICA, 2017)

Suas análises desse ponto passaram pelas dificuldades que são impostas a pessoa considerada de cor para a construção do que ela almeja ser. A sociedade interfere informando o que ela pode ser, construindo ideais de sujeitos, padrões de beleza, de comportamento que são atribuídos a negros e brancos, acessibilidades que são oferecidas a uns e negadas a outros, uma sociedade baseada em privilégios de cor, esse é um ponto da fala de Jonas e de Maira.

Érica com a frase “pessoa fica se questionando”, pode-se inferir que aluna observa como o preconceito o não ser aceito, interfere no psicológico das pessoas, tornando-as doentes, ressalta o conflito interno pelo qual o indivíduo passa no confronto entre a realidade externa e sua realidade interna.

Para Erik Erikson (1976, p.304), as pessoas que pertencem a grupos que foram excluídos de um processo histórico possuem dificuldades para construção de suas identidades, uma vez que não conseguem atingir os ideais culturais. Segundo o autor:

O indivíduo que pertence a uma minoria oprimida e explorada, que está cômico dos ideais culturais dominantes, mas impedido de seguir-lhes o exemplo, é passível de fundir as imagens negativas que lhe são atribuídas pela minoria dominante como a identidade negativa.

Ao exporem sobre a importância da cor em suas vidas, os alunos que se consideraram pardos não viram relevância alguma. Já para os que se denominaram negros era de suma importância:

- E vocês o que acham sobre essa questão da cor em suas vidas? (PROFESSORA, 2017)
- Em questão de sangue, eu sou negra, mas pela pele eu sou parda. (ALUNA DAIANE, 2017)
- O que é pardo? (PROFESSORA, 2017)
- Cor de bufa engarrafada. É tipo... é... eu não sei...sangue negro, mistura também com indígena, parte de mãe italiano, mas isso não muda nada para mim não. (ALUNA DAIANE, 2017)
- Tem algum significado para você? (PROFESSORA, 2017).
- Tem significado que eu tenho mistura e mais nada. (ALUNA DAIANE, 2017)
- Eu sou negra minha pele é escura, eu sou negra né. (ALUNA, MAIRA 2017)
- Significa o quê para você, ser negra? (PROFESSORA, 2017)
- Significa tudo... a rainha da quebrada. Por que antes, os negros sofriam muito preconceito e ainda sofre, mas pelo menos está sendo mais aceito. É como você subisse um degrau na sua escada ...não tem. (ALUNA, MAIRA 2017)

Para Daiane, ser chamada de parda aparenta até ser uma ofensa, já para Maira, a questão da cor tem a ver com a forma como negros são tratados na sociedade, mas, principalmente, sobre a questão dos direitos que não são garantidos da mesma forma como são com os brancos, por isso que usa a expressão “está sendo mais aceito”.

Ao serem perguntados sobre a diferença entre Mariana e Karina, e entre brancos negros na atualidade, não perceberam como uma diferença em relação ao ser, salientaram que a diferença é apenas referida a cor da pele, no entanto, a sociedade quer imputar de outra forma:

- Mas não tem um padrão que vai seguir isso, negro vai seguir isso e branco vai seguir isso. (ALUNA DAIANE, 2017)
- Enquanto ser, não. Mas, para sociedade sim, preconceito. (ALUNO JONAS, 2017)
- Acho que diferença não, acho que existiu muita semelhança entre Karina e Mariana, como mães, como mulher, como mulher as duas tem personalidade de guerreira, como mãe elas lutam por seus filhos, procura sempre a felicidade de seu filho e...é isso. A diferença entre Karina e ela é apenas em relação a cor, Karina é branca ela não sofreu preconceito enquanto cor, e Mariana é negra, então quando ela chegou no Brasil ela sentiu uma discriminação e preconceito (ALUNA DAIANE, 2017).
- Ser negro era mais difícil de conseguir as coisas (ALUNA MAIRA, 2017).
- Na sociedade tem mania de dizer como se fosse um instinto que as mulheres negras são mais charmosas, mais atraentes (ALUNA DAIANE, 2017).
- Tem certos lugares que você vai que só tem pessoas brancas e as pessoas negras não são aceitas, talvez o negro tem o mesmo padrão da pessoa branca em questão de conhecimento, desenvolvimento, essas coisas, mas ele não, por que ele é negro (ALUNA MAIRA, 2017).
- Tipo estereótipo, como se todo negro fosse bandido (ALUNA FERNANDA, 2017).

A reflexão dos alunos sobre a diferença destaca-se para como os negros são vistos como diferentes, e a sociedade atribui a eles uma diferença inata, biológica e natural, ou abreviando os termos, como se negros tivessem uma essência e, no caso, inferior aos brancos. A fala de Daiane denota isso ao lembrar como as mulheres negras são vistas.

Ao expressar “ser negro é mais difícil de conseguir as coisas”, a aluna quis evidenciar as desigualdades entre brancos e negros e que, numa sociedade capitalista e racista como a brasileira, a cor dos indivíduos tem sido utilizada para dificultar ainda mais o acesso aos bens produzidos. O que é reforçado pela fala de Maira, a dificuldade de que negros têm em circular por certos espaços.

As falas dos alunos indicam para a questão do racismo em nossa sociedade que tem suas raízes na sociedade escravocrata, que fundou sua normatividade na base da diferença e do desigual, o escravo era desigual, por não possuir a liberdade, e era diferente, por não ser igual ao branco. Ao fim da escravidão, a noção de diferente fora colocada “abaixo”, persistia a desigualdade social, mas procurava-se manter a diferença, baseando-se em concepções racistas do século XIX.

Com a consolidação da República, tentou-se criar uma identidade nacional baseando os discursos na ideia de uma nação mestiça, em que cada grupo humano

deu sua contribuição, numa tentativa de homogeneização para diminuir os conflitos gerados por essas visões de mundo anteriores. Os livros discutidos aqui estão inseridos nesse ideário, nessa formação discursiva de um imigrante e de uma mulher negra, criando modelos identitários, ambos representados na concepção dos autores o que de melhor teríamos na sociedade brasileira.

Na realidade, toda tentativa de homogeneização, segundo Habermas (2002, p.135) visa esconder a cultura hegemônica. Para o autor, “Por trás de uma fachada como essa, iria esconder-se apenas a cultura hegemônica de uma parcela dominadora da sociedade”. Pare ele, nas sociedades pluralistas, como as modernas, a democracia deve constituir o ponto de cruzamento das responsabilidades recíprocas.

A posição do Estado sobre a importância da miscigenação no Brasil esteve presente ao longo de quase todo século XX. O livro Gilberto Freyre o livro Casa Grande e Senzala cristalizou fez essa discussão sobre a formação do povo brasileiro sobre o viés da miscigenação ressaltando a ideia de uma democracia racial no Brasil. Segundo Guimarães (1999, p.148), essa questão pautou vários ensaístas sobre a formação do povo brasileiro:

De certo modo, a modernidade brasileira, seja nas ciências sociais — que tiveram em Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda (1936) e Caio Prado Jr. (1965 [1937]) seus primeiros expoentes —, seja na literatura regionalista — expressa por Jorge Amado (1933, 1935), José Lins do Rego (1934, 1935) e outros —, seja na indústria cultural emergente — erudita ou popular —, encontrou um destino nacional comum na superação do racismo e na valorização da herança cultural em uso por negros, mulatos e caboclos brasileiros.

Esta ideia era importante para um Estado Nação, para a criação de uma identidade nacional e sem conflito. Contudo, a partir da década de 70, emergiram dissensos e críticas a essa ideia de democracia racial. Vigoram agora movimentos que procuram afirmar a existência do racismo no Brasil, e como este constrói barreiras para formação de identidades e para ascensão social.

Muitos alunos estão cientes desse processo de exclusão social que ocorre no país, em todas as salas que propus a análise dos livros e a discussão sobre identidade a partir dos personagens, surgiram falas sobre como o negro é visto em nossa sociedade:

- As pessoas mais claras elas tem mais facilidade tem mais privilégio que as pessoas negras elas conseguem atingir um patamar mais facilmente que as negras.(ALUNA THAÍS, 2017)

- Não quer dizer que é fácil, mas é mais difícil. Até mesmo em relação ao racismo, tem pessoas com pigmentação mais escura do que outras, então as pessoas que estão mais próximas de serem chamadas pardas elas são mais toleradas e as que são mais pigmentadas elas sofrem mais. (ALUNA THAÍS, 2017)

- A população, que pensa que todo mundo é branco, só por que tem um talento é branco, que o negro muitas vezes não é capaz de escrever, todo mundo só pensa em branco. (ALUNA MAIRA, 2017)

Não é normal você ver um negro médico, agora você vê muito branco. (ALUNA IARA, 2017)

As alunas percebem a dificuldade de ascensão de uma pessoa negra na sociedade, como são tratadas em certos meios, outras observam que o racismo interfere até mesmo nas representações que elaboramos sobre o outro, principalmente, quando se refere a sua condição social, ao seu talento. Percebem que a sociedade informa o tempo todo que tal posição não é para todos, principalmente para negros, que apesar da ideia de que todos são iguais, essa igualdade não é para todos. Para Habermas (1999, p. 22) “a igualdade direitos de todos os indivíduos e o igual respeito pela sua dignidade pessoal são suportados por uma rede de relacionamento interpessoal e por relações recíprocas de reconhecimento”. Essa colocação é de suma importância para criação de uma sociedade mais justa e igualitária e para o desenvolvimento da identidade.

Por conseguinte, percebe-se por meio das obras aqui selecionadas a construção de personagens que são colocados como ideais a serem seguidos, ambas, mulheres, imigrantes, branca e negra, que modificaram suas vidas por meio da ascensão social, cada uma a sua maneira. Essa forma de pensar o sujeito interfere nos processos de formação da identidade pessoal e social, pois como afirma Habermas (1991, p. 104) a identidade não é apenas a forma como a pessoa se vê, se compreende, é também influenciada pelos ideais que ele aspira. “A identidade individual é determinada simultaneamente pela forma como o individuo se vê e gostaria de ser visto- pelo que cada um pensa acerca de si pelos ideais que servem de modelo à concepção de si próprio e de sua vida”.

Percebe-se com essas colocações que há uma relação em nossa sociedade entre cor e dinheiro, ambos andam de mãos dadas e o lugar ocupado por eles tem dificultado integração social, o entendimento entre as pessoas, o que é essencial

para o desenvolvimento da identidade do eu. Para Habermas, quando o dinheiro é colocado como mediador das relações sociais, o agir comunicativo é deixado de lado, coloca em xeque a integração social e o próprio mundo da vida.

Na sociedade capitalista quem é o sujeito detentor de direito é o mercado. O racismo a brasileira é mais um produto da reificação, da colonização do mundo da vida pelo sistema. Acredito que essa análise apontam caminhos para entendermos o desenvolvimento e a construção das identidades que ocorrem em nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta escrita, discuti, a partir da percepção dos alunos sobre o que é identidade e como a perceberam no(as) protagonistas Karina, Joseph Koster e Mariana, respectivamente, dos romances *Karina* de Virgínia Tamanini e *Reino não conquistado* escrito por Renato Pacheco. Para que a discussão ganhasse embasamento teórico, relacionei-a com a apropriação de Habermas frente à temática de Identidade.

Ao longo das discussões, várias temáticas foram aparecendo nas falas dos alunos: o fato de Karina vir para o Brasil e abandonar os familiares; a forma como ela lidava com a traição do marido; como fazia de tudo pela família e amigos; como Mariana reagia ao preconceito da sociedade; como não limitava os esforços para ajudar seus filhos em suas carreiras; como construía sua riqueza. Essas inquietações demonstraram a importância de certos temas para a ideia do que eles pensam ser identidade. Todavia, por mais que discutíssemos sobre o lugar social em que os personagens e os alunos estavam situados, eram as escolhas que eles próprios e os personagens faziam que estavam conduzindo suas construções argumentativas

Assim ao longo das conversas, muitos alunos foram percebendo que identidade não é ter uma essência com a qual já se nasce com ela, não é um documento de identidade, mas está relacionada com o que você faz de sua vida e suas escolhas. Essas são realizadas de acordo com o lugar social, a realidade a qual estão inseridos. Essa percepção de identidade caminha ao lado das argumentações de Habermas sobre esse tema, que está ligada, como observamos, com a formação de uma pessoa imputável, que possui uma vida autêntica que se reflete na capacidade de decisão e de escolha movida no horizonte de uma história de vida em que se é capaz de aprender quem é, quem gostaria de ser.

O conceito de identidade elaborado por Habermas perpassa pela ideia do desenvolvimento de uma pessoa apta a agir e a falar, movida por pretensões de validade, baseadas em princípios universalistas, de poder localizar-se no universo simbólico ao qual pertence, tornando-se a cada dia mais autônoma em suas escolhas. O autor também dá grande ênfase na relação entre o indivíduo e a sociedade. Para ele existe uma reciprocidade entre ambos, pois no processo de

aquisição da linguagem ocorre a socialização e a individuação da pessoa, desenvolvendo assim sua identidade e a identidade da sociedade, uma não se dá sem a outra. Por isso Habermas fala do reconhecimento do indivíduo na realidade simbólica.

Esse desenvolvimento da identidade dar-se-a por meio de etapas, teríamos uma identidade natural, na fase da criança, uma identidade de papel e uma identidade do eu. Essas etapas também estão em consonância com os níveis de desenvolvimento da consciência moral proposto por Kohlberg, o pré-convencional, convencional e pós-convencional. Isto porque para Habermas (1999) há uma relação entre identidade e moralidade, uma vez que entende como consciência moral os juízos sobre conflitos de ação moralmente relevantes, que seria por sua vez a busca de acordo, o agir por meio discursivo na busca do consenso. Nessa busca por entendimento teríamos a formação da identidade do eu.

Ao agir comunicativamente dispomos de um estoque de saber em que nos apoiamos para retirar os significados, esse estoque de saber está disposto no mundo da vida este é formado por três componentes simbólicos que se reproduzem, a saber: a cultura, a sociedade e a personalidade. Todos interligados para que ocorra a integração social.

No entanto, podem ocorrer falhas na reprodução quando surgem novas situações que não são resolvidas com base no consenso. As ações são coordenadas por normas que não foram criadas por uma formação discursiva de vontade e, sim, coordenadas estrategicamente buscando apenas os fins e pautadas pelo meio, dinheiro e poder. Assim a sociedade deixa de ter uma integração com base no mundo da vida e passa a ter uma integração baseada no sistema.

Sistema e mundo da vida são estruturas garantidoras da integração, mas, quando o agir comunicativo deixa de operar no mundo da vida, sendo substituído por ações do sistema, o mundo da vida é reificado e isso provoca anomias na sociedade que se refletem na cultura, na sociedade e na personalidade - ou seja na constituição da identidade do eu.

Diante de tal exposição poderíamos indagar se haveria condições para formação de uma identidade se nos encontramos em mundo cada vez mais reificado, onde a integração baseada nos sistemas sobrepõe-se ao mundo da vida. Para Habermas, sim, essa racionalização instrumental deve ser substituída por uma racionalidade baseada no agir comunicativo. Isso seria possível em sociedades democráticas, estas podem-se constituir em exemplos, onde o consenso e a legitimidade são buscados por meio da argumentação de todos os concernidos.

Através da prática argumentativa, da relação do eu com o outro, as pessoas podem criar normas, valores que visem o bem comum e a solidariedade entre os grupos. Nesse aspecto, Habermas recupera o potencial transformador que as pessoas possuem. Conforme Habermas (1983, p. 51), “a teoria da sociedade conserva firmemente o conceito do Eu autônomo, mesmo quando avança o prognóstico de que esse eu está perdendo sua base”.

Todos temos a partir dessa conceituação a capacidade de desenvolver uma identidade do eu. Nos textos, *Karina e Reino não Conquistado*, ficou perceptível que os personagens não possuíam uma identidade do eu, mas possuíam uma identidade de papel, apesar de em alguns momentos apresentarem atitudes de uma identidade do eu, não se pode afirmar que as possuíam pois segundo Habermas o seu desenvolvimento dar-se por estágios e estes não se perdem. Já os alunos estão na fase do desenvolvimento dessa identidade do eu, pois, como apontamos, ela é bem desenvolvida no adulto, contudo, não é algo estático que se alcança e se conserva. O próprio Habermas (2012b, p.180) afirma que:

A identidade do eu constitui na capacidade que o adulto tem de construir novas identidades a partir de identidades rompidas ou superadas, que se integram nas antigas a ponto de permitir uma nova organização da malha de interações.

Os alunos ao longo das discussões demonstraram que são capazes de não pensar apenas em si próprio. Ao questionarem as atitudes das personagens, demonstraram que aquelas ações não eram aceitáveis para eles, pois muitas delas visavam apenas o interesse das mesmas. Outro aspecto gratificante, foi perceber a forma como eles foram se modificando ao longo das conversas, modificaram sua forma de pensar sobre si e sobre o outro, tornaram-se mais amigos, até mesmo a participação inicial na pesquisa que se dera para obter nota, ao final muitos deles estavam

participando para contribuir com a pesquisa, uma vez que, não estava mais utilizando esse critério.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, W.; FRAGA FILHO R. **Uma história do negro no Brasil**, Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVIM, Z.M.F. **Brava Gente! Os italianos em São Paulo 1870-1920**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AQUINO, T de. **Suma Teológica**. Trad. de Alexandre Corrêa. Porto Alegre: Sulina Editora, 1980.

_____. **O Ente e a Essência**. Tradutor: Mário Santiago de Carvalho. Covilhã, 2008.

AZEVEDO, T de. **As Elites de Cor numa Cidade Brasileira: Um estudo de ascensão social**. 2º Ed. Salvador. EDUFBA/EGBA. 1996. [1955].

BAIROS, L. Mulher Negra: o reforço da subordinação. In: LOVELL, Peggy (Org.). **Desigualdades Sociais no Brasil Contemporâneo**. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 1991.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12.ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BISOLI, S. C. **Os avatares da cultura italiana em karina, romance de Virgínia Tamanini**. 2015. 94p. **Dissertação de Mestrado**. Universidade Federal do Espírito Santo - Centro de Ciências Humanas e Naturais Programa de pós-graduação em letras. Vitória.

BUSATTO, Luiz. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo**. Vitória, 2002. Disponível em: < <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/foto-guilherme-santos-neves-anos-1950.html>. Acesso em 15 de Março. 2018.

CARVALHO FILHO, J. G. T e CHAVES, W. C. A acepção de família na teoria psicanalítica: Sigmund Freud, Melaine Klein e Jacques Lacan. **Barbarói**. Revista do Departamento de Ciências Humanas. Santa Cruz do Sul, n.41, p., jul./dez. 2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/download/4410/3826>> Acesso em 24/06/2018.

CHALHOUB, S; PERREIRA, L. A. M. **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CIAMPA, A.C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Identidade**. In: Lane, S. T. M. & Codo, W. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento*. 8 ed. São Paulo: Brasiliense .1989.

COLBARI, A. *Familismo e Ética do Trabalho: O Legado dos Imigrantes Italianos para a Cultura Brasileira*. **Revista brasileira História**. Vol. 17 n. 34 São Paulo, 1997.

CORRÊA, M. A. *Antes católicos, depois austríacos e enfim italianos: a identidade católica dos imigrantes trentinos*. XXVIII Simpósio Nacional de História Florianópolis, 2015. Disponível em : http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1427402460_ARQUIVO_trentinos2015.pdf> Acesso em 20 de Agosto de 2018.

DADALTO, M. C. *Trajetórias migrantes: ambivalência na interação “nós” e os “outros”*. **Dimensões**, vol. 26, 2011, p. 24-43.

_____, *O Discurso da Italianidade no ES: Realidade ou mito construído?* **Pensamento Plural**. Pelotas, dez de 2008.

DIAS, M. O. L. S. **Quotidiano e Poder no século XIX**. 2º ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

DUBAR, C. *Crise. A Crise das Identidades: a interpretação de uma mutação*. São Paulo: Edusp, 2009a.

DUBAR, C. **Polifonia e metamorfoses da noção de identidade** - Cadernos de Ciências Humanas. vs. 12 e 13, ns. 22 e 23, jul./dez. 2009b e jan./jun. 2010.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

FARGE, A. *Famílias, a honra e o sigilo* In: CHARTIER, R. **História da vida privada da Renascença ao Século das Luzes**. Trad. Hildegard Feist. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1965.

FREYRE, G. **Casa Grande & Senzala**. 48 ed. São Paul. Global. 2003

FAORO, R. **Os Donos do Poder: Formação do Patronato político Brasileiro**. 3ed. Revista Globo. Rio de Janeiro. 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4254333/mod_resource/content/1/Raymundo%20Faoro%20-%20Os%20Donos%20do%20Poder.pdf> Acesso em 20 de Jun. 2018.

GILSON, É. **O ser e a essência**. São Paulo: Paulus, 2016.

GUIMARÃES A.S. A raça e os estudos de relações raciais no Brasil. **Novos Estudos**. N.º 54, Julho de 1999.

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Tradução de Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1968.

_____. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos**. Trad.: Flavio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro. Tempo Brasiliense.1990.

_____. **A inclusão do outro: estudos de teoria política**. Trad.: George Spencer. São Paulo: Loyola. 2002

_____. **Consciência moral e agir Comunicativo**. Trad: Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

_____. **Conhecimento e Interesse**. Tradução de José N. Heck. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1987

_____. **Comentários à ética do discurso**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

_____. **Teoria de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista (Tomo II)**. Madrid: Taurus (1987).

_____. **Teoria do agir comunicativo: Racionalidade da ação e racionalidade social**. Trad: Fabio B. Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes. 2012a.

_____. **Teoria do agir comunicativo: Sobre a critica da razão funcionalista**. Trad.: Fabio B. Siebeneichler. São Paulo: Martins Fontes. 2012b.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do espírito** 2 ed. Petrópolis/Bragança Paulista: Vozes/USF, 2003, v. Único.

HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1995

JAUSS, H.R. **A estética da recepção: colocações gerais**. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/217290397/Hans-Robert-Jauss-A-estetica-da-recepcao-Colocacoes-Gerais>> Acesso em: 25/04/2019

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. [Kritik der reinen Vernunft]. Trad: J. Rodrigues de Meringe. Disponível em < <https://www.marxists.org/portugues/kant/1781/mes/pura.pdf> > Acesso em: 10 fev. 2018.

LIMA, A. F.; NETO; J. U. G. Fundamentação Linguística do Conceito Identidade Pessoal: contribuições de Jürgen Habermas para a psicologia social. **Revista FSA**, Teresina, v. 11, n. 1, p. 346-364, jan./mar. 2014.

LOPES, J. R. Os caminhos da identidade nas ciências sociais e suas metamorfoses na psicologia social. **Psicologia & Sociedade**; 14 (1): 7-27; jan./jun.2002.

LUCENA M.S. et All. (2016). A Dialógica como princípio metodológico transdisciplinar na pesquisa em educação. **Millenium**, 50 (jan/jun). p. 179-196. 2016.

MACHADO, C. Cor e hierarquia social no Brasil escravista: o caso do Paraná, passagem do século XVIII para o XIX. **Revista Topoi**. Vol. 9, n. 17, jul. – dez. p. 45-66. 2008. Disponível em: <<http://www.revistatopoi.org/numerosanteriores/topoi17/topoi17-artigo4-cor_e_hierarquia_soc.pdf>> Acesso 11/01/2019.

MARCUSE, H. Eros e Civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Trad.: Álvaro Cabral. 6ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.

MARTINS, C. A. Autoconsciência pura, identidade e existência em Kant. **Trans/Form/Ação**. São Paulo, 21/22: 67-89, 1998/1999.

MARTINS, T. C. Determinações do Racismo no Mercado de Trabalho: implicações na “questão social” brasileira. **Temporalis**. Brasília (DF), ano 14, n. 28, p. 113-132, jul./dez. 2014.

MARX, K. E ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

MATTOSO, Katia M. de Queiros. **Bahia, Século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MOREIRA FILHO, L. C A. **Identidade do Eu e normatividade social em Habermas** – Marília, 2013. 133 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2013.

MOREIRA FILHO, C, A. Constituição do eu e normatividade social em Habermas. **Revista de Iniciação Científica**. Vol. 10, n 3, 2010. Disponível em <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/issue/view/36>> Acesso em [20/06/2018](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/issue/view/36).

MORILA, A. P. **A escola da rua: cantando a vida na cidade de São Paulo (1870-1910)**. 1999. 259p. **Dissertação de Mestrado**. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo.

NOGUERIA, O. "Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem — Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil". In: **Tanto preto quanto branco: Estudos de relações raciais**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985 [1954].

PACHECO, R. **Reino não conquistado**. Vitória: FCAA, 1984.

PIERSON, D. **Branços e pretos na Bahia**. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971 [1942].

RIBEIRO, F.A. **A literatura do Espírito Santo: uma marginalidade periférica**. Vitória. Nemar, 1996.

SAMARA, E. de M. **A família brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SATRE, J.P. **O Existencialismo é um Humanismo**. Trad: Rita Correia Guedes. Paris: Les Éditions Nagel, 1970.

TAMANINI, V G. Karina. 11 ed. Brasília: Pongetti, 1985. SASSERON I. H. Interações discursivas e investigação em sala de aula: o papel do professor IN: CARVALHO, A. M. P. (org.). **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. 1ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013, v. 1, p. 41-62.

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SASSERON I. H. Interações discursivas e investigação em sala de aula: o papel do professor IN: CARVALHO, A. M. P. (org.). **Ensino de ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. 1ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013, v. 1, p. 41-62.

SILVA FILHO, P. A. Desvalorização e desprezo ao trabalho manual e mecânico na sociedade escravista colonial, **ANPU. V Encontro Nordestino de Historia**. 2004. Disponível em < <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/pe/anais/encontro5/01-imaginario/Artigo%20de%20Paulo%20Alexandre%20da%20Silva%20Filho%202.pdf> > Acesso em 09 de Out de 2018.

